

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

AMILTON JORGE DA COSTA REIS

**Uma análise atualizada dos étimos chineses
no *Glossário luso-asiático* de Sebastião R. Dalgado**

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo

2020

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

**Uma análise atualizada dos étimos chineses
no *Glossário luso-asiático* de Sebastião R. Dalgado**

VERSÃO CORRIGIDA

AMILTON JORGE DA COSTA REIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro

São Paulo

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

R375a REIS, Amilton Jorge da Costa
Uma análise atualizada dos étimos chineses no
Glossário luso-asiático de Sebastião R. Dalgado
/ Amilton Jorge da Costa Reis; orientador Mário
Eduardo Viaro. -
São Paulo, 2020.
187 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo. Departamento de
Letras Clássicas e Vernáculas. Área de
concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

ETIMOLOGIA, LINGUÍSTICA HISTÓRICA, LÍNGUA
PORTUGUESA, LÍNGUA CHINESA, MORFOLOGIA
DIACRÔNICA. I. Eduardo Viaro, Mário orient. II.
Título.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do aluno: AMILTON JORGE DA COSTA REIS

Data da defesa: 25/11/2020

Nome do Prof. orientador: MARIO EDUARDO VIARO

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 15/01/2021

*Prof Dr Mário Eduardo Viaro
Área de Filologia e Língua Portuguesa
DLCV- FFLCH- USP*

REIS, A. J. C. **Uma análise atualizada dos étimos chineses no *Glossário luso-asiático de Sebastião R. Dalgado***. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. **Antonio J. B. de Menezes Jr** Instituição: FFLCH – USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. **Bruno Oliveira Maroneze** Instituição: FACLE – UFGD

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. **Paulo Chagas de Souza** Instituição: FFLCH – USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Ao amigo e orientador, Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro, pela confiança e pelo incentivo desde sempre.

Aos professores Antonio José Bezerra de Menezes Jr e Paulo Chagas de Souza, pelas preciosas indicações dadas no exame de qualificação.

Aos professores das disciplinas de mestrado Flaviane Romani Svartman, Paulo Gonçalves Segundo e Mário Eduardo Viaro, pelos conhecimentos transmitidos.

A todos os mestres de chinês que já tive – nas salas de aula e fora delas –, desde o longínquo ano de 1991.

E, em especial, ao meu querido Sun Lidong, pelo apoio dedicado, imensurável e imprescindível em cada etapa.

Muito obrigado.

“Foram pescados no mare magnum da literatura portuguesa oriental milhares de vocábulos, um grande número dos quais não foram até hoje registados nos dicionários, e que, por um motivo ou outro, têm direito a entrar no léxico pátrio.”

Sebastião Dalgado

RESUMO

No início do século XX, o orientalista goês Sebastião Rodolfo Dalgado (1855–1922) coligiu, em seu *Glossário luso-asiático* (1919–1921), os vocábulos de origem asiática encontrados em obras sobre o Oriente escritas por autores portugueses desde o século XVI. Com base em extensa pesquisa bibliográfica e documental, Dalgado produziu um dicionário histórico-etimológico com mais de cinco mil verbetes abundantemente comentados, abonações apresentadas em ordem cronológica e étimos de pelo menos 25 idiomas da Ásia. Essa obra, não poucas vezes descrita – com justiça – como monumental, tem servido, ao longo do último século, como principal referência para a etimologia das palavras de origem asiática no léxico português. O conjunto dos étimos chineses propostos em suas páginas, no entanto, jamais foi objeto de uma revisão completa. O presente estudo reúne os verbetes de origem supostamente chinesa localizados nos dois volumes da obra e revisa a etimologia apontada pelo autor. As hipóteses apresentadas por Dalgado são analisadas à luz de novos dados e argumentos que permitam confirmar os étimos ou construir novas proposições etimológicas.

PALAVRAS-CHAVE: Etimologia, Linguística Histórica, Língua Portuguesa, Língua Chinesa, Morfologia Diacrônica

ABSTRACT

At the beginning of the 20th century, the Goan orientalist Sebastião Rodolfo Dalgado (1855–1922) compiled in his *Glossário luso-asiático* (1919–1921) thousands of words of Asian origin used in descriptions of East Asia by Portuguese authors since the 16th century. Based on extensive research, Dalgado produced a historical-etymological dictionary with more than five thousand entries containing extensive notes, citations in chronological order, and etymologies from at least 25 Asian languages. Over the last century, Dalgado's *magnum opus* has been a major reference in the study of Asian loanwords in Portuguese. The Chinese etyma posited in his work, however, have never undergone a thorough review. This dissertation focuses on the words of Chinese origin included in both volumes of the *Glossário luso-asiático* and verifies the etymologies given by the author. Dalgado's hypotheses are analysed in the light of new data and arguments in order to confirm the etyma or offer new etymological propositions.

KEYWORDS: Etymology, Historical Linguistics, Portuguese Language, Chinese Language, Diachronic Morphology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da Ásia Marítima Oriental.....	40
Figura 2 – Gráfico esquemático da divisão dos dialetos chineses modernos.....	47
Figura 3 – Mapa da distribuição dos grupos dialetais na China.....	48
Figura 4 – Estrutura silábica do mandarim.....	53
Figura 5 – Tons do mandarim.....	56
Figura 6 – Tons do cantonês.....	56
Figura 7 – Categorização das etimologias do <i>Glossário</i>	172
Figura 8 – Campos semânticos dos empréstimos chineses.....	173

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Cronologia das obras publicadas por Sebastião Dalgado.....	21
Tabela 2 – Fontes das abonações mais antigas dos vocábulos chineses no <i>Glossário</i>	27
Tabela 3 – Transformações em início de sílaba	45
Tabela 4 – Quadro ilustrativo de diferenças dialetais.....	52
Tabela 5 – Iniciais (mandarim)	54
Tabela 6 – Rimas (mandarim).....	54
Tabela 7 – Comparação de tons em cognatos	56
Tabela 8 – Comparação de contornos tonais em dialetos nortistas.....	57
Tabela 9 – Mudança diacrônica dos tons.....	57
Tabela 10 – Quadro comparativo de romanizações do mandarim pré-moderno.....	62
Tabela 11 – Quadro comparativo de romanizações do mandarim moderno.....	64
Tabela 12 – Atribuição de graus de certeza a partir de índices da etimologia proposta .	70
Tabela 13 – Transcrição das consoantes iniciais do mandarim pré-moderno.....	71

LISTA DE ABREVIÇÕES E SÍMBOLOS

cant.	cantonês
esp.	espanhol
fr.	francês
hok.	hokkien
ingl.	inglês
ital.	italiano
mac.	macaense
mais us.	mais usado (observação de Sebastião Dalgado)
mal.	malaio
mand.	mandarim
*x	x é reconstruído
$x \approx y$	x e y são variantes
x / y	x e y são transcrições alternativas
$x > y$	x transforma-se em y
$x < y$	x provém de y
$x \rightarrow y$	x deriva morfologicamente y
<x>	x é um grafema ou uma sequência de grafemas
x^*	x não era dicionarizado até a publicação do <i>Glossário luso-asiático</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. MONSENHOR DALGADO E O GLOSSÁRIO LUSO-ASIÁTICO	17
1.1 SEBASTIÃO RODOLFO DALGADO	17
1.2 O GLOSSÁRIO LUSO-ASIÁTICO	22
2. A PRESENÇA PORTUGUESA NO ORIENTE	32
2.1 MALACA.....	32
2.2 CANTÃO	34
2.3 ENTRE LIAMPÓ E CHINCHÉU.....	35
2.4 MACAU.....	36
2.5 CONTATOS LINGÜÍSTICOS SINO-PORTUGUESES	38
3. A LÍNGUA CHINESA	41
3.1 ANTIGO E MODERNO, CLÁSSICO E VERNÁCULO	41
3.2 MANDARIM	43
3.3 DIALETOS.....	46
3.4 FONÉTICA E FONOLOGIA.....	52
3.5 BREVE HISTÓRICO DAS ROMANIZAÇÕES DO MANDARIM	61
4. METODOLOGIA.....	67
4.1 O OBJETO E SUAS ESPECIFICIDADES.....	67
4.2 O MÉTODO ETIMOLÓGICO	69
4.3 CRITÉRIOS E CONVENÇÕES	73
5. OS ÉTIMOS CHINESES NO <i>GLOSSÁRIO LUSO-ASIÁTICO</i>	76
5.1 VERBETES DO VOLUME I A – L	77
5.2 VERBETES DO VOLUME II: M – Z.....	138
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	171
LISTA GERAL DOS VERBETES ANALISADOS	176
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	181

INTRODUÇÃO

No início do século XX, monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado (Goa, 1855 – Lisboa, 1922) coligiu, em seu *Glossário luso-asiático* (Coimbra, 1919–1921), os vocábulos de origem asiática por ele identificados em textos de autores portugueses sobre o Oriente produzidos entre os séculos XVI e XX. Como ele mesmo diz: “Foram pescados no *mare magnum* da literatura portuguesa oriental milhares de vocábulos, um grande número dos quais não foram até hoje registados nos dicionários, e que, por um motivo ou outro, têm direito a entrar no léxico pátrio” (1919, p. XLII).

O dicionário histórico-etimológico de Dalgado é, nas palavras de Antônio Geraldo da Cunha, “uma das obras mais completas e bem elaboradas da lexicografia histórica portuguesa” (2010, p. XIX). Trata-se de um trabalho descrito não poucas vezes, e com justiça, como monumental, resultante de extensa pesquisa bibliográfica e documental. Reúne mais de cinco mil verbetes abundantemente comentados, abonações apresentadas em ordem cronológica e étimos de pelo menos 25 idiomas da Ásia.

Monsenhor Dalgado estava longe de ser um principiante no campo da lexicografia. Ao compilar sua obra máxima, já havia publicado o *Dicionário concani-português filológico-etimológico* (1893), o *Dicionário português-concani* (1905) e a *Influência do vocabulário português em línguas asiáticas* (1913), entre outras obras pioneiras. Nas mais de mil páginas do *Glossário luso-asiático*, o orientalista goês demonstra não só notável erudição, como também grande domínio das línguas da Ásia Meridional: falante nativo de concani e chefe da cadeira de sânscrito em Lisboa, conhecia pelo menos meia dúzia de outros idiomas da Índia e do Ceilão, além de árabe e persa. Era proficiente também nas principais línguas clássicas e vernáculas do Ocidente.

Não escapou à sua observação a vívida impressão que a civilização chinesa causou nos cronistas portugueses. Autores como Fernão Mendes Pinto, Fernão Lopes de Castanheda, João de Barros, Garcia da Orta, Frei Gaspar da Cruz, Padre João Lucena, Padre Álvaro Semedo e outros dedicaram-se a descrever pormenorizadamente a administração pública, as artes e ofícios, as práticas sociais e as atividades econômicas da China e, nesse empenho, usaram uma quantidade notável de termos chineses. Para Dalgado, contudo, eram *terra incognita* o Extremo

Oriente e seus idiomas ditos “monossilábicos”, em que uma única sílaba “de onze modos faz onze palavras, que significam onze cousas diversas”, como diria Fr. Jacinto de Deus (1878, p. 98).

Se, por um lado, os “termos peregrinos” anotados pelos autores lusófonos percorriam um longo caminho de adaptações fonológicas e ortográficas antes de se materializar no registro escrito, por outro, as transcrições fonéticas da língua chinesa nas obras especializadas variavam muito de um autor para outro:

O chinês não tem um sistema de transcrição comumente seguido pelos sinólogos. Além disso, um mesmo idiógrafo é diferentemente enunciado conforme as províncias e conforme a linguagem é mandarina ou vulgar. Não há, portanto, perfeita uniformidade na reprodução das dições chinesas em alfabeto romano. No Glossário tem-se seguido, em regra, o dialecto de Pequim, que representa a língua literária, e o de Cantão, mais conhecido dos nossos escritores. (DALGADO, 1919, p. L)

Pode-se imaginar o imenso desafio que Dalgado enfrentou no tratamento de dados que envolviam variantes ou interferências dialetais, uma escrita complexa e romanizações discrepantes de uma língua com a qual não estava familiarizado, na tentativa de reconstruir percursos etimológicos de empréstimos cuja forma aportuguesada guardava, não raro, pouca ou nenhuma semelhança com os étimos. A heterogeneidade das fontes consultadas e o desconhecimento da língua chinesa naturalmente se refletiram no *Glossário luso-asiático*.

É evidente a discrepância dos critérios de romanização entre um étimo e outro. Sem a padronização das grafias, um simples dígrafo como <ch>, por exemplo, poderia representar pelo menos seis fonemas diferentes (a saber, /ç/, /tʃ/, /tʃʰ/, /ɕ/, /tɕ/ e /tɕʰ/). Erros de cópia ou de composição também concorrem para aumentar o grau de imprecisão, como a notação de <u> por <n> e vice-versa, ou sequências fonéticas não permitidas no mandarim padrão, como “kv”. Por último, há hipóteses *ad hoc* para vocábulos cuja origem chinesa é duvidosa, como **mun-wei-li-tó* > monguiloto, que parecem confirmar o célebre comentário do orientalista Henry Yule (1820–1889) segundo o qual “dos monossilabos chineses se pode extrair a etimologia de qualquer palavra” (*apud* DALGADO 1921, p. 135).

O *Glossário luso-asiático* tem servido, ao longo do último século, como principal referência para a etimologia das palavras de origem asiática no léxico português. Contudo, até o presente, não se tem notícia de uma investigação detalhada do conjunto dos étimos chineses nele apresentados. Assim, algumas incongruências registradas em suas páginas vêm sendo reproduzidas em outras obras, como o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*.

Este trabalho tem como objetivo atualizar a discussão etimológica a respeito dos vocábulos de origem chinesa no *Glossário luso-asiático*, aqui chamados genericamente de “empréstimos”. As hipóteses apresentadas por Dalgado são analisadas à luz de novos dados e argumentos que permitam confirmar os étimos ou construir novas proposições etimológicas. A dissertação está organizada da seguinte forma:

O **Capítulo 1** contextualiza o autor e sua obra, apresentando um resumo da biografia de Sebastião Dalgado – desde as origens na Índia Portuguesa e a carreira eclesiástica no subcontinente indiano, até a produção acadêmica em Lisboa –, e uma descrição sucinta do *Glossário luso-asiático*, sua gênese, organização e importância.

O **Capítulo 2** expõe o pano de fundo dos contatos linguísticos luso-chineses, inaugurados com o desembarque dos primeiros navegadores portugueses no Sudeste Asiático, continuados com as atividades comerciais na periferia marítima do império chinês e consolidados com a fundação de Macau.

O **Capítulo 3** traz uma breve descrição da língua chinesa, com especial foco no que servirá de subsídio para a discussão etimológica neste trabalho, como certas diferenças diacrônicas, a diversidade dialetal, a fonologia e os sistemas de romanização.

O **Capítulo 4** discorre sobre o método etimológico e os graus de certeza, os problemas específicos do objeto em estudo e os critérios adotados neste trabalho.

O **Capítulo 5** analisa, um a um, os vocábulos de origem supostamente chinesa, procurando identificar os étimos propostos por Dalgado e discutir o percurso etimológico à luz das variantes diacrônicas e dialetais, da plausibilidade das mudanças fonéticas e da abonação dos étimos em fontes chinesas ou obras de referência.

Nas **Considerações Finais**, apresentamos os números dos étimos chineses prováveis, imprecisos ou obscuros em Dalgado, os campos semânticos em que se distribuem os empréstimos chineses no *Glossário luso-asiático* e quais desses vocábulos estão registrados no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*.

Além de preencher uma lacuna importante nesse campo dos estudos etimológicos, esperamos que esta pesquisa contribua para elucidar pontos controversos e abra caminho para trabalhos semelhantes.

1. MONSENHOR DALGADO E O GLOSSÁRIO LUSO-ASIÁTICO

Obras de referência da língua portuguesa ainda hoje reproduzem as etimologias propostas há um século no *Glossário luso-asiático* (doravante *Glossário*). Certas imprecisões perpetuam-se particularmente nos étimos chineses, que, até onde se tem notícia, jamais passaram por uma revisão completa.

Para esclarecer o contexto em que se produziram essas soluções, com seus erros e acertos, vamos, neste capítulo inicial, olhar mais detidamente para Dalgado e o *Glossário* a fim de conhecer tanto o autor, suas origens e formação, como a obra, sua gênese e importância. Nas seções seguintes, apresentamos um resumo da biografia de Dalgado, desde as raízes na Índia Portuguesa, passando pela carreira eclesiástica até a produção acadêmica. Em seguida são apresentadas as características gerais do seu dicionário histórico-etimológico, a metodologia adotada na obra, a “literatura oriental portuguesa” que lhe serviu de *corpus* e as fontes das abonações mais antigas dos empréstimos chineses.

Essas informações de fundo serão úteis para colocar em justa perspectiva as discussões etimológicas de Dalgado antes de trazer novos dados a que o autor possivelmente não teve acesso em seu tempo.

1.1 SEBASTIÃO RODOLFO DALGADO

Nascido em Goa, então capital da Índia Portuguesa, Sebastião Rodolfo Dalgado (1855-1922) notabilizou-se pela extensa pesquisa sobre a língua portuguesa na Ásia meridional, “sob o duplo aspecto dos seus crioulos e dos vocabulários indígenas, bem como a reinfluência nela exercida pelos idiomas vernáculos” (DALGADO 1919, p. VIII). Nas palavras de Silveira Bueno, trata-se do “mais extraordinário orientalista que já tivemos desde que se fala português no mundo” (*apud* NIMER 2005, p. 653).



Sebastião Dalgado
(imagem sem data)

Dalgado foi, provavelmente, o único estudioso não europeu a trabalhar no domínio das línguas crioulas entre o final do século XIX e o início do século XX, no alvorecer da crioulística moderna (ROSA, 2015). Estudou os crioulos de base portuguesa no subcontinente indiano e publicou uma série de obras descritivas dos “dialetos indo-portugueses” de Ceilão (1900), Goa (1900), Damão (1903), Norte, i.e., da região de Bombaim (1906) e Negapatão (1917). Também é digna de nota sua correspondência com o linguista alemão Hugo Schuchardt (1842–1927), célebre pela pesquisa sobre as línguas crioulas (MACHADO, 2019).

Ganhou notoriedade como um dos primeiros a defender o uso do concani – sua língua materna (DALGADO, 1893) – na educação e na pregação religiosa em Goa e também como autor de traduções diretas do sânscrito para o português. Compilou o *Dicionário concani-português filológico-etimológico* (1900) e o *Dicionário português-concani* (1905), publicou as traduções *Hitopadexa* (1897) e *História de Nala e Damayanti* (1916); o manual *Rudimentos da língua sânscrita* (1920); e o *Florilégio de provérbios concanis* (1922, póstumo).

Seu talento para o aprendizado de idiomas era lendário. Era proficiente em espanhol, inglês, francês, italiano e alemão. Sabia latim, grego e hebraico, foi professor e tradutor de sânscrito. Falava hindustâni, marata, bengali, cingalês, tâmil, malaiala e canarês. Fazia pregações no crioulo indo-português do Ceilão. E possuía um conhecimento instrumental de árabe e persa.

Autor de trabalhos que abordavam línguas e textos de boa parte da Ásia, sem se limitar aos domínios portugueses no Oriente, monsenhor Dalgado foi membro da Sociedade Geográfica de Lisboa (1895), membro do Instituto de Coimbra (1896), doutor *honoris causa* da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1911), membro correspondente da Academia das Ciências de Lisboa (1911) e membro da Real Sociedade Asiática da Grã-Bretanha (1921).

Ainda assim, são escassos os materiais biográficos sobre ele. A biografia mais difundida é a inserida pelo tradutor Anthony Xavier Soares no prefácio à edição inglesa de *Influência do vocabulário português em línguas asiáticas* publicada em 1936. Já o historiador Fernando Rosa, em estudo sobre a lusofonia no Oceano Índico publicado em 2015, apresenta comentários esclarecedores sobre o orientalista goês e seu contexto histórico.

1.1.1 Origens

Os Dalgado, originalmente Desai ou Dessai¹, eram uma família da casta brâmane convertida ao catolicismo desde o século XVI. Pertenciam, portanto, a uma elite nativa da colônia que compartilhava a língua, a religião e grande parte dos costumes da metrópole. Em outras palavras, viam-se como portugueses, ainda que não tivessem ancestrais europeus. Sebastião Dalgado chega mesmo a alinhar-se com os discursos do Ocidente, defendendo a ação do Império Português nas colônias em vários de seus textos. (MACHADO, 2019).

Para esse grupo social, Goa era um terreno altamente competitivo. Mesmo os mais instruídos tinham de disputar as escassas vagas no serviço público. Os cargos mais altos eram normalmente reservados aos nascidos em Portugal (ROSA, 2015). Como consequência, várias gerações de intelectuais e profissionais liberais goeses acabaram fazendo carreira fora do enclave português. Com Dalgado não foi diferente: ele passou boa parte da vida adulta na Índia Britânica e no Ceilão, antes de se fixar na Europa.

Ordenado padre aos 26 anos, em 1881, depois de concluir com distinção o curso no Seminário de Rachol, foi selecionado para continuar os estudos em Roma, no Instituto Santo Apolinário (hoje Pontifícia Universidade Lateranense). Na capital italiana, em três anos obteve o grau de doutor em Direito Canônico, Direito Romano e Teologia (*doctor divinitatis*).

Em reconhecimento ao seu desempenho excepcional, o papa Leão XIII concedeu-lhe o título honorífico de “monsenhor”, nomeando-o capelão honorário já em 1884. No mesmo ano, retorna a Goa como missionário, possivelmente por sugestão do Papa, a fim de “elevar a qualidade do clero indiano” (SOARES, 1936, p. XIII).

1.1.2 Dez anos na Índia

De volta à Índia, exerceu funções diversas – foi inspetor das escolas e oficinas do Padroado do Oriente, professor de Escrituras e Direito Canônico no Seminário de Rachol, juiz eclesiástico em Goa – antes de ser nomeado vigário geral do Ceilão, o primeiro de uma série de postos que o levariam a diversas regiões do subcontinente indiano. Durante sua estadia na capital cingalesa, escreveu vários sermões e homilias no crioulo indo-português do Ceilão, incluídos no *Dialeto Indo-Português de Ceilão* (1900).

¹ Dessai: Antigo chefe ou administrador de concelho ou de aldeia. Era cargo hereditário, como quase todos os outros no país. Agora existe o mero título, *sine re*, em muitas famílias cristãs como na do autor. Do concani *desay* < sânscrito *deçadhipati*, de *deça* “região, distrito” e *adhipati*, “senhor” (DALGADO 1919, p. 356)

Os contatos estreitos com diferentes comunidades durante a década de atividade eclesialística (1884–1894) permitiram o aprendizado de várias línguas indianas, facilitado, em muitos casos, pelo conhecimento do sânscrito, a cujo estudo se dedicava desde o seu retorno da Europa. Paralelamente, por volta de 1890, começou a pesquisar as influências do português nos vernáculos da região.

Em 1893, publicou em Bombaim sua primeira obra, o *Dicionário Concani-Português*. Pela escala e metodologia empregadas, o trabalho atraiu a atenção das autoridades portuguesas, que o encarregaram de compilar o *Dicionário Português-Concani* a ser publicado em Portugal.

1.1.3 Produção acadêmica

A fim de supervisionar a impressão do novo dicionário, uma obra de mais de novecentas páginas repleta de caracteres desconhecidos pelos tipógrafos da Imprensa Nacional, mudou-se para Lisboa em 1895. O dicionário foi lançado em 1905, pouco antes de Dalgado ser nomeado prelado doméstico do Papa. O governo português, no entanto, isentou-o de continuar o serviço missionário no Oriente. Assim, pôde permanecer em Lisboa e dedicar-se ao estudo de sânscrito e filologia.

Em 1907 foi nomeado chefe da cadeira de sânscrito do Curso Superior de Letras, sendo transferido, em 1911, para o corpo docente fundador da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Também em 1911 foi eleito sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa e recebeu o título honorário de doutor, conferido pelo Conselho da Faculdade de Letras.

Em consequência da diabetes, teve de amputar ambas as pernas entre 1911 e 1915. A notória dificuldade de locomoção nos anos finais de sua vida não o impediu de continuar produtivo: escrevia e lecionava em casa, com permissão especial da Faculdade de Letras, além de celebrar missas diárias em cadeira de rodas.

Na última década de vida, entre o leito e a cadeira de rodas, concluiu e publicou oito obras de relevo, entre elas a *Influência do Vocabulário Português em Línguas Asiáticas* e os dois volumes do *Glossário luso-asiático*. Na véspera de sua morte, estava ocupado em revisar as provas gráficas de seu último livro, o *Florilégio de Provérbios Concanis*, em que reuniu mais de dois mil provérbios traduzidos para o português, comentados e comparados com ditos similares em diferentes idiomas asiáticos (sânscrito, marata e canarês, entre outros) e europeus (latim, inglês, francês, espanhol e alemão).

Dois de seus últimos projetos permaneceram inacabados: uma nova edição do *Livro das cousas do Oriente* de Duarte Barbosa, encomendada pela Universidade de Lisboa, e uma gramática da língua concani, em que trabalhava desde 1920.

Legou à Academia de Ciências de Lisboa os cerca de 300 documentos que constituem o Fundo Monsenhor Dalgado. Em 1922, após sua morte, a instituição finalmente admitiu-o como membro pleno.

O quadro abaixo apresenta, em ordem cronológica, as principais obras publicadas pelo autor.

Tabela 1 – Cronologia das obras publicadas por Sebastião Dalgado

Ano	Título
1893	Dicionário concani-português filológico-etimológico
1897	Hitopadexa (tradução do sânscrito)
1900	Dialeto indo-português de Ceilão
1900	Dialeto indo-português de Goa
1903	Dialeto indo-português de Damão
1905	Dicionário português-concani
1906	Dialeto indo-português do Norte
1913	Influência do vocabulário português em línguas asiáticas
1916	Contribuições para a lexicologia luso-oriental
1916	História de Nala e Damayanti (tradução do sânscrito)
1917	Dialeto indo-português de Negapatão
1917	Gonçalves Viana e a lexicologia portuguesa de origem asiático-africana
1919	Glossário luso-asiático – volume I
1920	Rudimentos da língua sânscrita
1921	Glossário luso-asiático – volume II
1922	Florilégio de provérbios concanis (póstumo)

1.2 O GLOSSÁRIO LUSO-ASIÁTICO

O *Glossário* é um dicionário histórico dos termos de origem asiática encontrados em textos de autores portugueses sobre o Oriente produzidos entre os séculos XVI e XX. Frequentemente descrita como “monumental”, a obra de mais de mil páginas é considerada uma das “mais completas e bem elaboradas da lexicografia histórica portuguesa” (CUNHA, 2010, p. XIX). Resultado de um quarto de século de leitura e pesquisa e com uma bibliografia de mais de quinhentos títulos, o *Glossário* teve boa recepção nos círculos acadêmicos da época e, cem anos após o lançamento do primeiro volume, continua servindo de referência para o estudo das etimologias asiáticas na língua portuguesa.

A Introdução ao Volume I traz informações detalhadas sobre a concepção, o método e a organização do *Glossário*. Dalgado afirma ter começado a se dedicar especificamente à compilação de sua obra máxima “há meia dúzia de anos”, ou seja, logo depois de concluir os trabalhos da *Influência do vocabulário português em línguas asiáticas* (doravante *Influência*), publicada em 1913. A fase de produção coincidiu, portanto, com os anos turbulentos da I Guerra Mundial (1914–1918) e não esteve livre dos percalços inerentes a esse período, como observa o próprio autor:

A guerra actual [...] tem entravado a comunicação com certos países, dificultado a aquisição de livros estrangeiros, e tornado demorada e irregular a correspondência postal, particularmente com a Índia. (DALGADO, 1919, p. IX)

Longe de sua Goa natal, trabalhando no leito ou na cadeira de rodas com ambas as pernas amputadas desde 1915, o orientalista procedeu a uma extensa pesquisa, tanto quanto permitia sua condição:

Percorri [...] uma ou mais vezes, toda a nossa literatura oriental, antiga e moderna, a que pude ter acesso, atento o meu estado valetudinário; coligi em verbetes de cada vocábulo um ou dois (excepcionalmente) passos em que figuravam, verdadeira ou presumidamente, palavras asiáticas [...], e assim consegui recolher em primeira mão um enorme cabedal vocabular.

Identicamente procedi com respeito às obras dos viajantes, missionários e tradadistas estrangeiros de maior nomeada: italianos, franceses, ingleses, espanhóis, holandeses e latinos. [...]

Perlustrei também, quanto vinha ou meu propósito, os dicionários nacionais antigos e modernos mais autorizados e copiosos, bem como alguns estrangeiros. Não descurei revistas e jornais indianos, onde poderia fazer qualquer colheita, nem as correspondências que do Oriente vinham para os diários de Lisboa (ibid., p. XLII et seq.).

Nessa etapa, Dalgado consultou mais de quinhentas obras para “colher aí os vocábulos exóticos com a sua definição ou descrição e com a sua pátria ou derivação” (DALGADO, 1919, p. XXXIX). Sua bibliografia abrange praticamente todos os livros sobre o Oriente então disponíveis em português, além de numerosos títulos em outras línguas (SOARES, 1936). Essa dedicação extraordinária resultou em uma obra metódica e minuciosa, enriquecida com comentários, referências históricas e menções a outros autores. A combinação de historiografia e lexicografia, bem como o leiaute e a organização dos verbetes, lembram em muito o *Hobson-Jobson* de Yule e Burnell², em que o autor admite ter-se inspirado:

Identicamente procederam Yule & Burnell no seu monumental Glossário que me serviu de modelo e de que muito me utilizei. Em português não há nenhuma obra semelhante (DALGADO 1919, LXVI, nota 2).

Publicado pela primeira vez em 1866 e reeditado em versão ampliada em 1903, o *Hobson-Jobson* é um dicionário histórico de termos anglo-indianos registrados durante o domínio britânico da Índia. Com mais de 2.400 entradas e abundantes notas sobre a etimologia e a história dos vocábulos, havia alcançado grande popularidade nos círculos acadêmicos da época. Enquanto Yule especializou-se nas relações entre o inglês e as línguas asiáticas, Dalgado foi o primeiro a abordar o tema de forma extensa e metódica do ponto de vista português.

Apesar das semelhanças, o *Glossário* é mais do que um “*Hobson-Jobson* português”, não apenas por ter o dobro de páginas e de verbetes, mas principalmente, como lembrou Longworth Dames em resenha no *Journal* da Real Sociedade Asiática em 1921, pela relação peculiar da língua portuguesa com o Oriente: por servir de *lingua franca* da Ásia Marítima já no momento em que outras nações europeias alcançaram os portos orientais, o português cumpriu um papel especial na transmissão de vocábulos asiáticos às línguas do Ocidente.

Dames, então vice-presidente da Real Sociedade Asiática, observou que, apesar do título modesto, o *Glossário* de Dalgado é na realidade um tratado, uma obra que não só reúne e elucida de forma exaustiva uma ampla gama de termos vulgares e eruditos, como também lista, em

² YULE, Henry; BURNELL, Arthur; CROOKE, William. *Hobson-Jobson: A Glossary of Colloquial Anglo-Indian Words and Phrases, and of Kindred Terms, Etymological, Historical, Geographical and Discursive* (“*Hobson-Jobson*: um glossário etimológico, histórico, geográfico e discursivo de palavras e expressões anglo-indianas e termos correlatos”). Londres: John Murray, 1903. 1090 páginas. Dalgado refere-se à obra em diversas passagens resumidamente por “*Glossary*” ou “*Glossário*” e cita Yule com frequência.

ordem cronológica, as abonações encontradas em autores portugueses e estrangeiros, antigos e modernos. O orientalista britânico, autor da tradução inglesa do *Livro das cousas do Oriente* de Duarte Barbosa (c. 1480–1521), concluiu sua resenha com a recomendação de que os estudantes da Inglaterra e da Índia aprendessem português para poder aproveitar todo o cabedal de conhecimento contido nos dois volumes. Diversas outras críticas favoráveis ao *Glossário* vieram de especialistas de vários países (SOARES, 1936). Ainda em 1921, Dalgado foi eleito membro honorário da Royal Asiatic Society, uma honraria concedida a poucos.

1.2.1 Método e organização do *Glossário*

O *Glossário* nasceu como um desdobramento da *Influência*, publicada seis anos antes. O autor considerava essas obras complementares por abordarem as duas direções dos contatos linguísticos luso-asiáticos: a *Influência* trata da penetração da língua portuguesa na Ásia, ao passo que o *Glossário* trata da herança asiática no português.

A pedra fundamental do *Glossário* foi, como explica o autor na Introdução ao Volume I, um conjunto de vocábulos incluídos na *Influência* “por motivos especiais”. A esse conjunto inicial foram acrescidas palavras “verdadeira ou presumidamente” asiáticas encontradas: na literatura oriental portuguesa antiga e moderna; nas obras dos autores estrangeiros mais importantes; em dicionários portugueses e estrangeiros; em periódicos especializados; e em correspondências enviadas da Ásia para os jornais de Lisboa.

Os vocábulos foram separados em duas categorias: os “seguros e suficientes”, que já poderiam entrar no *Glossário*, e os “refratários”, que requeriam mais investigação. Dalgado buscou abonações em autores portugueses e estrangeiros e formulou hipóteses sobre a etimologia ou a origem dos vocábulos até então não registrados nos dicionários portugueses. No tocante aos vocábulos já dicionarizados como “asiáticos”, o autor incluiu os que puderam ser identificados e elucidados ou corrigidos, e descartou aqueles cuja procedência, forma ou significação não considerava clara ou segura.

Dalgado tinha por critério jamais inserir vocábulos sem uma abonação, “pelo menos estrangeira”. Uma consequência desse rigor é a inclusão de palavras sem abonação em português, como ocorre no verbete *li*, “moeda chinesa”, que só apresenta abonações em línguas estrangeiras, sendo a mais antiga extraída de *Imperio de la China*, tradução espanhola dos relatos do jesuíta português Álvaro Semedo (1585–1658):

1640 – “El tercer modo de medir, que es por peso, dividen casi en la misma forma, empeçando de un *hao*; y es decima parte de su moneda, a que llaman

los Portugueses, caxa: de modo, que uma destas (o *li* como llaman los Chinos) consta de diez *haos*, y corresponde al medio real nuestro; diez *lies*, o caxas, hazem un condorim”. – P. Semedo, *Imperio de la China*, p. 53.

Outro detalhe peculiar é que, em certos casos, a abonação mais antiga não inclui uma forma pretérita do vocábulo, mas apenas sua descrição. Um exemplo é a primeira abonação listada no verbete *co-tau*, medida chinesa que consistia em ajoelhar-se e tocar o chão com a cabeça três vezes:

1542 – “Antes de chegarmos a ele [rei tártaro], dez ou doze passos, fizemos nossa cortesia, beijando o chão três vezes com certas cerimoniais que os interpretes nos ensinarão” – Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. 122

A inclusão de abonações em outras línguas europeias tinha fins muito claros, que o próprio autor enumera: registrar termos não encontrados na literatura portuguesa; corroborar ou desenvolver as abonações em português; denotar a importância dos respectivos vocábulos; dar pistas sobre a origem e mostrar a evolução fonética e semântica das palavras. (DALGADO, 1919)

No caso dos vocábulos fartamente abonados em língua portuguesa, Dalgado procurava corrigir, nas entradas de verbete, as grafias que considerava inexatas ou equivocadas. Nesse esforço normatizador, pretendia determinar “a variante fonética mais usual ou mais correta” e retificar “a prosódia e a morfologia”. Como resultado dessa intervenção, as entradas podem trazer formas arbitrárias que não coincidem com nenhuma abonação. Em certos casos, a preocupação com a retificação morfológica gerou uma forma inexistente, como “lanchal”, singular que Dalgado deduz da abonação “lanchaes”, do termo macaense *lanchai* “rufião, desordeiro”, do cantonês 爛仔 *laan⁶ zai²* “garoto estragado, vadio” (BATALHA, 1988).

A pesquisa etimológica foi realizada com base “no conhecimento pessoal de algumas línguas” – o que no caso de Dalgado, vale lembrar, significava um bom número de idiomas arianos e dravídicos do subcontinente indiano, mais o cingalês e o malaio, os crioulos indo-portugueses e as “línguas literárias” europeias –, e também “pelo auxílio de dicionários (...) e dos glossários, particularmente do de Yule & Burnell”. Com a publicação do Volume I, após o fim da guerra, intensificou-se a correspondência com acadêmicos de outros países:

Orientalistas estrangeiros tomaram tal interesse no primeiro volume do *Glossário*, que alguns deles – os Srs. António Cabaton, Gabriel Ferrand, Longworth Dames e Paulo Pelliot – tiveram a cativante amabilidade de me fazer sugestões valiosas e de me ministrar informações importantes, como se

verá particular-mente no Suplemento e até se prontificaram a rever as provas do segundo. (DALGADO, 1921, p. VI)

Dentre os especialistas citados, destaca-se a participação de Paul Pelliot (1878–1945), então o “*grand mandarin*” dos estudos orientais, na revisão e discussão dos étimos chineses:

O abalizado sinólogo e professor do Colégio de França, Sr. Pelliot, em especial, com tanta solícitude perlustrou a obra inteira, que em repetidas comunicações, não somente rectificou muitas etimologias de vocábulos do Extremo Oriente e da Indo-China e emendou alguns significados, mas até notou vários erros de cópia e de impressão. (DALGADO, *loc. cit*)

O parecer de Pelliot é mencionado em dezenas de passagens nos verbetes do texto principal, do apêndice e do suplemento. Só nos trechos reunidos nesta pesquisa, são 36 ocorrências do seu nome e 5 ocorrências de “o referido sinólogo”, “o referido professor”, ou equivalente. As intervenções do sinólogo francês serão comentadas individualmente na análise dos verbetes.

1.2.2 A literatura oriental portuguesa

O *corpus* a que o autor se refere resumidamente por “literatura oriental portuguesa” abrange textos produzidos por autores portugueses no Oriente ou sobre ele entre os séculos XVI e XX. Sua pesquisa incluiu também obras de autores estrangeiros, tendo em vista o repertório de palavras asiáticas que chegaram a outras línguas europeias por meio do português.

As grandes obras da literatura oriental portuguesa, na opinião de Dalgado, expõem a familiaridade de seus autores com os povos, línguas e culturas da Ásia. Por seu cabedal de informações minuciosas colhidas em primeira mão, esses “monumentos imorredouros de fino espírito de observação” serviram de referência a viajantes e orientalistas estrangeiros. Para o autor do *Glossário*, portugueses como Duarte Barbosa, Garcia da Orta, Diogo do Couto, Gaspar Correia, Fernão Mendes Pinto, Gaspar da Cruz, Jacinto de Deus e Francisco de Sousa conheciam mais de perto, e melhor do que qualquer autor estrangeiro, “a organização social e política, as religiões, as tradições a psicologia e os costumes da Índia, entendida no seu sentido mais lato” (isto é, todo o Oriente). A respeito do historiador João de Barros, autor de *Décadas da Ásia*, Dalgado acrescenta: “[...] sentado na Casa da Índia, em Lisboa, sabia do Oriente, e em particular da Índia, muito mais [...] do que muitíssimos viajantes de nomeada, antigos e modernos” (DALGADO, 1919, p. xv).

Os registros portugueses dos séculos XVI e XVII sobressaíam, segundo ele, pela abundância de vocábulos vernáculos, pela exatidão das transcrições e pela precisão das definições:

Os nossos indianistas reproduzem geralmente com mais fidelidade e método do que os estrangeiros não somente dições malaias e japonesas, cujos fonemas pouco ou nada diferem dos portugueses, mas os complicados alfabetos indianos e as locuções dos idiomas monossilábicos. Além disto, interpretam uma e mais vezes as expressões peregrinas que empregam, e indicam amiúde o seu berço e às vezes a sua etimologia. (ibid., p. XXXIX)

Os estrangeiros, por outro lado, “hauriram os seus conhecimentos imediatamente das fontes portuguesas, e reproduziram os termos peregrinos com idênticas formas, que depois foram deturpadas por ortografias peculiares” (ibid., p. XVII).

1.2.3 Fontes das abonações mais antigas

Um *corpus* como o do *Glossário*, que abarca quatro séculos de literatura, naturalmente reflete variações diacrônicas consideráveis. Na investigação etimológica, o primeiro registro escrito do vocábulo é determinante para buscar o étimo na sincronia pertinente e evitar anacronismos.

Assim, será útil examinar as fontes das primeiras abonações dos vocábulos em estudo e seu ano de publicação ou produção (tendo em vista as frequentes publicações tardias ou póstumas antes do século XIX). Segundo nosso levantamento, as abonações mais antigas dos vocábulos chineses do *Glossário* provêm de 30 obras diferentes. O quadro abaixo apresenta-as agrupadas por século e ordenadas pelo número decrescente de vocábulos:

Tabela 2 – Fontes das abonações mais antigas dos vocábulos chineses no *Glossário*

Século	Autor	Título	Vocábulos
XVI	Fernão Mendes Pinto (1509–1583)	<i>Peregrinação</i>	26
	Cristóvão Vieira (c. 1524)	<i>Carta de Cantão</i>	16
	Frei Gaspar da Cruz (c. 1520–1570)	<i>Tratado das coisas da China</i>	7
	João de Barros (c. 1496–1570)	<i>Década III</i>	6
	Fernão Mendes Pinto (1509–1583)	<i>Cartas</i>	3

Século	Autor	Título	Vocábulos
XVI	Fernão L. de Castanheda (c. 1500–1559)	<i>História dos descobrimentos e conquistas da Índia</i>	3
	Pe. Gaspar Coelho (c. 1529–1590)	<i>Cartas de Japão</i>	1
	Duarte Barbosa (c. 1480–1521)	<i>Livro das coisas do Oriente</i>	1
	Anônimo (1525)	<i>Lembrança das coisas da Índia</i>	1
	(arquivo histórico)	<i>Alguns arquivos da Torre do Tombo</i>	1
SUBTOTAL			65
XVII	Frei Jacinto de Deus (1612–1681)	<i>Vergel de plantas e flores da província da Madre de Deus dos Capuchos Reformados</i>	16
	(periódico)	<i>Ta-ssi-yang-kuo: Arquivos e anais do Extremo Oriente Português</i>	6
	Pe. Fernão Guerreiro (c. 1550–1617)	<i>Relação anual das coisas que fizeram os padres da Companhia de Jesus nas partes da Índia Oriental</i>	4
	Pe. João de Lucena (1549–1600)	<i>História da vida do padre Francisco Xavier e do que fizeram na Índia os mais religiosos da Companhia de Jesus</i>	2
	Pe. Álvaro Semedo (1585–1658)	<i>Imperio de la China</i> (tradução espanhola)	2
	Pe. Fernão de Queiroz (1617–1688)	<i>Conquista de Ceilão</i>	2
	Manuel de Faria e Sousa (1590–1649)	<i>Ásia portuguesa</i>	1
	Pe. Antônio F. Cardim (1596–1659)	<i>Batalhas da Companhia de Jesus na sua gloriosa Província do Japão</i>	1
	Bento Teixeira Feio (1650)	<i>Relação do naufrágio que fizeram as naus Sacramento e Nossa Senhora da Atalaia</i>	1
SUBTOTAL			35

Século	Autor	Título	Vocábulos	
XVIII	Julio F. J. Biker, org. (1814–1899)	<i>Coleção de tratados e concertos de pazes que o Estado da Índia Portuguesa fez com os Reis e Senhores com que teve relações nas partes da Ásia e África Oriental</i>	20	
	(periódico)	<i>Ta-ssi-yang-kuo: Arquivos e anais do Extremo Oriente Português</i>	2	
			SUBTOTAL	22
XIX e XX	Conde de Arnoso (1855–1911)	<i>Jornadas pelo mundo</i>	9	
	(periódico)	<i>Ta-ssi-yang-kuo: Arquivos e anais do Extremo Oriente Português</i>	8	
	Adolfo Loureiro (1836–1911)	<i>No Oriente, de Nápoles à China</i>	4	
	(periódico)	<i>Arquivo pitoresco</i>	4	
	(periódico)	<i>Boletim da Sociedade Geográfica de Lisboa</i>	4	
	(periódico)	<i>Anais Marítimos</i>	2	
	Eça de Queiroz (1845–1900)	<i>O Mandarim</i>	2	
	Calado Crespo (1861–1921)	<i>Coisas da China: costumes e crenças</i>	1	
	José Inácio de Andrade (1780–1863)	<i>Memória dos feitos macaenses contra os piratas da China</i>	1	
	Venceslau de Moraes (1854–1929)	<i>Dai-Nippon</i>	1	
Gonçalves Viana (1840–1914)	<i>Apostilas aos dicionários portugueses</i>	1		
			SUBTOTAL	37
			TOTAL	159

Dessas fontes, seis forneceram as primeiras (e não raro únicas) abonações de 104 dos 159 vocábulos estudados e, portanto, merecem especial atenção. São elas:

PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação*. Lisboa, 1614.

A obra de Fernão Mendes Pinto (1509–1583), talvez o mais célebre escritor e viajante português do século XVI, foi escrita após o retorno do autor a Portugal. Estaria basicamente concluída por volta de 1576, mas só seria publicada em 1614.

A China é tema de aproximadamente um terço das páginas da *Peregrinação*. O autor relata suas viagens pelo litoral chinês entre 1540 e 1550, mas apresenta também, com recurso a fontes diversas, um fantasioso périplo pelo interior do país.

Os vocábulos supostamente chineses encontrados por Dalgado nos textos de Fernão Mendes Pinto são os mais numerosos: 26 em *Peregrinação*, mais 3 nas *Cartas*, perfazem um total de 29 itens, ou 18% do total em estudo. São também os mais desafiadores do ponto de vista etimológico: registrados muitos anos depois da viagem e de forma aportuguesada, afastam-se da fonologia chinesa de tal modo que Pelliot, consultado por Dalgado, frequentemente põe em dúvida sua origem, observando que alguns deles “resistem a toda explicação”.

BIKER, Júlio Firmino Júdice. *Coleção de tratados e concertos de pazes que o Estado da Índia Portuguesa fez com os Reis e Senhores com que teve relações nas partes da Ásia e África Oriental*. Lisboa, 1881-1887, 14 vol.

Incumbido de dar sequência à publicação das *Coleções de tratados*, Júlio Biker (1814–1899), arquivista e bibliotecário do Ministério dos Negócios Estrangeiros, reuniu em 14 volumes documentos oficiais da Índia Portuguesa produzidos entre os séculos XVI e XVIII. A compilação de Biker é fonte de 20 abonações mais antigas de palavras chinesas, todas do século XVIII e do contexto político-administrativo.

VIEIRA, Cristóvão. “Carta de Cantão”. In FERGUSON, Donald. *Letters from Portuguese Captives in Canton*. Bombaim, 1902.

Cristóvão Vieira foi secretário da malfadada embaixada de Tomé Pires – a primeira missão diplomática portuguesa na China, que terminou com o aprisionamento de todos os seus integrantes em 1521.

Sua carta, redigida no cárcere em 1534, trazia informações inéditas sobre a China: Vieira tinha visitado Cantão e Pequim e, em mais de uma década sendo transferido de prisão em prisão, conheceu os meandros da burocracia chinesa e seu sistema prisional. A maioria dos vocábulos chineses que registra pertencem ao universo político-administrativo (cargos civis e militares, órgãos públicos etc.).

Ta-ssi-yang-kuó. *Archivos e annaes do Extremo Oriente português*. Colligidos, coordenados e anotados por J. F. Marques Pereira. Lisboa, 1899-1904.

Publicação editada em Lisboa por João Feliciano Marques Pereira (1863-1909), pretendia ser a continuação de um periódico homônimo publicado em Macau entre 1863 e 1866 pelo pai do editor. Diferentemente da edição macaense – um semanário de “interesses públicos, locais, literário e noticioso”, no entanto, o *Ta-ssi-yang-kuó* lisboeta era uma revista enciclopédica, uma espécie de repositório de documentos antigos, inéditos ou não, relativos à expansão portuguesa na Ásia. Reunia também ensaios sobre temas variados como história, civilização, etnografia, filologia, linguística e folclore (Garmes, 2003).

DEUS, Fr. Jacinto de. *Vergel de plantas e flores da província da Madre de Deus dos Capuchos Reformados*. Lisboa, 1690.

Nascido em Macau de pai português e mãe chinesa, o frei Jacinto de Deus (1612–1681) foi autor de um número considerável de textos caracterizados pela diversidade de gêneros. Tendo como tema central a atividade dos franciscanos na Ásia no século XVII, o *Vergel* trazia também extensa informação sobre a China: geografia, história, língua, engenharia, governo etc.

O trecho com esses dados ganhou uma nova edição em 1878, preparada em Macau e impressa em Hong Kong, com o título *Descrição do Império da China*. A “Advertência dos Editores” esclarece que foram retificados “não sem alguma dificuldade” os vocábulos chineses que estavam “mui desfigurados” e acrescentados os respectivos ideogramas com sua pronúncia em mandarim.

CONDE DE ARNOSO. *Jornadas pelo mundo*. Porto, 1895.

Como secretário da embaixada extraordinária em Pequim, Bernardo Pinheiro Correia de Melo (1855–1911), o Conde de Arnoso, empreendeu uma extensa viagem pelo Oriente a partir de 1887. Em *Jornadas*, o diplomata e amigo pessoal de Eça de Queirós registrou a China e Macau do final do século XIX, falando sobre uma variedade de assuntos cotidianos, desde construções e vestuário, até moeda, jogos e costumes.

Também é digno de nota o fato de a maioria dos vocábulos em estudo (122 de 159) ter sua primeira abonação em data anterior ao século XIX. Uma parcela significativa desses empréstimos (65) foi registrada já no século XVI e remonta, portanto, à fase inicial dos contatos luso-chineses.

Para expor o contexto em que se deram esses contatos linguísticos apresentaremos, no capítulo seguinte, um breve histórico da presença portuguesa no Extremo Oriente.

2. A PRESENÇA PORTUGUESA NO ORIENTE

Dentre os milhares de vocábulos de origem asiática reunidos no *Glossário luso-asiático*, mais de uma centena são termos supostamente chineses. A grande maioria das abonações desses empréstimos é anterior ao século XIX e uma parcela significativa data do século XVI.

Tendo em vista que o convívio intercultural e o contato interlinguístico são pré-requisitos para os empréstimos lexicais e que Portugal foi pioneiro, entre as nações europeias, na exploração regular das rotas comerciais da Ásia Marítima, será importante observar as condições históricas que propiciaram o trânsito de vocábulos do chinês para o português.

Este capítulo expõe um breve histórico da presença lusa na área de influência chinesa na Ásia Oriental – nomeadamente Malaca, Cantão, Liampó, Chinchéu e Macau – e discute o possível cenário em que se deram as trocas linguísticas sino-portuguesas. As fontes que utilizamos para os dados históricos foram Ansaldo (2009), Oliveira (2003), Pinto (2000, 2013, 2016) e Ptak (2003).

Como referência para as localidades mencionadas, v. Mapa da Ásia Marítima Oriental (p. 40).

2.1 MALACA

O contato inicial entre portugueses e chineses ocorreu no Sudeste Asiático, anos antes de o primeiro reinol desembarcar na China. Quando a primeira expedição enviada por Lisboa chegou a Malaca em 1509, encontrou uma comunidade chinesa já estabelecida no porto malaio.

O sultanato era, naquela altura, um empório de primeira grandeza. Situado a meio caminho entre a Índia e a China, numa escala obrigatória de várias rotas comerciais, Malaca soube atrair diversas redes mercantis com políticas fiscais e alfandegárias vantajosas. O *status* de estado tributário da China Ming, em tese, colocava-a sob a proteção imperial contra as ambições de vizinhos como o Sião e abria-lhe os lucrativos canais de intercâmbio com os chineses.

Já nos séculos anteriores, a antiga vila de pescadores tornara-se um poderoso entreposto das redes mercantis no Sudeste Asiático. São escassos os dados sobre a real dimensão da comunidade de origem chinesa na cidade quando da chegada dos exploradores ibéricos. Provavelmente incluía residentes temporários (era preciso esperar meses pela monção que favoreceria a navegação na direção correta) e permanentes, além de descendentes mestiços. No ano da conquista, os chineses dispunham de um bairro próprio e, indicativo de sua influência, de um representante no porto, o *syah bandar* (do persa, “rei do porto”), encarregado de receber os mercadores da China e de nações vizinhas e, paralelamente, cumprir funções militares.

As fontes portuguesas posteriormente referem-se a esses chineses como “chinchéus”, um apelido derivado do nome de seu porto de origem na província de Fujian. Há controvérsia se “Chincheo” ou “Chinchéu” é a transcrição da pronúncia dialetal de “Zhangzhou” ou de “Quanzhou”³, dois portos situados na região da baía de Amói, no sul de Fujian, ambos de intenso movimento comercial já nas dinastias precedentes.

Em todo caso, nos séculos posteriores, o “Chinchéu” na literatura portuguesa de viagens referir-se-ia ou a um desses portos ou, de modo genérico, à costa de Fujian, na margem continental do Estreito de Formosa e, por extensão, a seus nativos.

Caracterizada por uma estreita planície litorânea e um interior montanhoso, Fujian (“Hokkien” na pronúncia dialetal, “Fuquiém” nos registros portugueses) era uma província periférica, isolada dos centros de poder no continente – portanto longe dos olhos do imperador e do alto mandarinato – e aberta para os mares. Com uma economia baseada na pesca e na navegação comercial, os fujianeses desde cedo fizeram do mar o seu quintal, algo atípico numa nação normalmente voltada para a terra. Donos de uma tecnologia naval desenvolvida, exploravam as rotas das especiarias na Insulíndia e, no século XV, tinham em Malaca um de seus principais entrepostos.

Tomada pelas armas em 1511, Malaca seria portuguesa por 130 anos. Os chinchéus não só apoiaram a conquista portuguesa, como tiveram papel fundamental na fase seguinte, quando intermediaram em nome desses europeus no campo diplomático e forneceram informações substanciais sobre a vida comercial no Extremo Oriente. Os primeiros portugueses chegaram a

³ Quanzhou (não confundir com Guangzhou / Cantão), identificado como Chinchew nos mapas ingleses anteriores à adoção das romanizações modernas, havia sido, desde a dinastia Tang (618–906), o principal porto do comércio exterior chinês. Outrora conhecido como Zaiton, é mencionado nos relatos de Marco Polo e Ibn Battuta como um centro urbano vibrante e multiétnico. De Quanzhou partiram as expedições de Zheng He, cujas “cidades flutuantes” chegaram ao Oceano Índico no início do século XV. Em 1992, a cidade foi reconhecida pela Unesco como o ponto de partida da “Rota da Seda Marítima”.

Cantão guiados pelos mercadores chineses e seu convívio nos mares prolongou-se nas primeiras décadas da presença lusa na China.

2.2 CANTÃO

A política de 海禁 *hǎijìn*, ou “interdição dos mares”, adotada durante a dinastia Ming proibia o comércio privado na costa chinesa e fechava a fronteira marítima do país. Pela lei vigente, as trocas internacionais eram reservadas aos “estados vassalos” e se davam estritamente no âmbito do “sistema tributário”. Em outras palavras, as nações que reconheciam a suserania da China e se colocavam sob sua proteção deviam, periodicamente, enviar embaixadas à corte para renovar a vassalagem e proceder a uma “troca de presentes”. Transportavam certo volume de mercadorias a título de tributo e recebiam, em contrapartida, determinado volume de produtos chineses.

Esse intercâmbio, vantajoso para ambos os lados, era regido por um cerimonial complexo. Uma das normas determinava que as missões diplomáticas do Sudeste Asiático fossem recebidas unicamente em Cantão (Guangzhou), onde deviam passar por uma série de trâmites antes de serem escoltadas a Pequim.

O passo seguinte na estratégia portuguesa após a tomada de Malaca era, naturalmente, enviar uma missão diplomática a Cantão, a vinte dias de viagem⁴, e abrir um canal direto com a China. Navegadores portugueses chegaram às ilhas do estuário do Rio das Pérolas em 1513 e 1515, mas a primeira embaixada de fato, chefiada por Tomé Pires, só subiu o rio e desembarcou na capital provincial em 1516. Seus planos, no entanto, foram frustrados: além de não integrar a lista de estados vassalos (nem ter intenção de entrar para ela), Portugal havia conquistado um desses protetorados chineses no Sudeste Asiático. Uma vez que o reino dos *Folangji*⁵ (“francos”, como se identificaram os recém-chegados) não constava dos registros imperiais, seus tributos não poderiam ser aceitos. E quando tomou ciência de que haviam acabado de

⁴ Se for precisa a informação de Tomé Pires na *Suma Oriental*, para vencer em 20 dias a distância de 2.000 milhas náuticas entre os portos de Malaca e Cantão em condições climáticas favoráveis, as embarcações da época deviam navegar a uma velocidade média de 4 nós, aproximadamente.

⁵ 佛郎機 *fólángjī* mand. *[fɔɛ˥˥lan˥ki] tem origem no persa فرنگی *farangī*, “franco” (gentílico), possivelmente pelo malaio *ferenggi*. O termo, que remonta às primeiras Cruzadas, foi difundido pelos muçulmanos na Ásia como sinônimo de “cristão latino” e, por extensão, todo europeu ocidental.

Na Índia colonial, o hindi फ़िरंगी *firangi* ou o bengali ফিরিঙ্গি *firingi* e outras formas cognatas designavam especificamente os portugueses e seus descendentes (YULE, 1903). Na China Ming, *fólángjī* era usado em referência aos europeus ibéricos, sem fazer distinção entre portugueses e espanhóis.

atacar um aliado, a burocracia Ming fechou definitivamente as portas de Cantão para os novos bárbaros. Sua única saída, por ora, era contentar-se com o comércio clandestino em ilhas da costa cantonesa. Nessa franja marítima do império, ainda deviam competir com a forte pirataria *wokou*⁶ que dominava aquelas águas de ninguém. Mas, se tinham rivais, tinham também aliados.

2.3 ENTRE LIAMPÓ E CHINCHÉU

O *hājìjìn* não condizia com a tradição marítima multissecular dos fujianeses. A imposição dessa política oficial de isolamento teve um efeito nefasto para as comunidades mercantis chinesas, acostumadas a transitar entre a China e os portos malaios. Para se adaptar às regras, foi preciso intensificar suas conexões, explorar os pontos mais permeáveis da burocracia e criar parceria com outros grupos mercantis. Desse modo, por décadas, fortaleceu-se a interação entre portugueses e chinchéus em atividades clandestinas e semiclandestinas.

O frei Gaspar da Cruz, em seu *Tratado das coisas da China* (1569), dá testemunhos interessantes sobre a interação com os chineses de ultramar:

Sem embargo das sobreditas leis, não deixam alguns chineses de navegar para fora da China a tratar, mas estes não tornam mais à China. Destes, vivem alguns em Malaca, outros em Sião, outros em Patane, e assim por diversas partes do Sul estão espalhados alguns destes que saem sem licença. (...)

Pelo que destes que já vivem fora da China, alguns tornam em seus navios a navegar para a China debaixo do amparo dos portugueses; e quando hão de despachar os direitos de seus navios, tomam um português seu amigo a que dão algum interesse, para que em seu nome lhe[s] despachem os direitos. (...)

Estes chineses que vivem fora da China e para ela navegam com os portugueses (...) começaram a encaminhar os portugueses a que fossem a Liampó fazer fazenda, porque não há naquelas partes cidades nem vilas cercadas, senão muitas e grandes aldeias ao longo da costa, de gente pobre, a qual folgava muito com os portugueses, porque lhe vendiam seus mantimentos, com que faziam seu proveito. (...)

Nestas aldeias eram estes mercadores chineses que com os portugueses navegavam aparentados, e por serem conhecidos recebiam ali por sua causa melhor os portugueses, e por eles negociaram com que os mercadores da terra trouxessem suas fazendas a vender aos portugueses. (...)

E como estes chineses que andavam entre os portugueses eram os que terçavam⁷ entre os portugueses e os mercadores da terra nas compras e vendas, tinham deste negócio muito grande proveito. (...)

⁶ 倭寇 mand. *wōkòu*, jap. *wakō*, literalmente “bandidos anões”, eram piratas que agiam nos mares da China entre os séculos XIV e XVI. 倭 *wō* “anão” era um termo pejorativo para “japonês”, mas os *wōkòu* não eram originários exclusivamente do Japão.

⁷ Isto é, *intermediavam* os contatos com as populações locais.

Situada a pouca distância da atual Xangai, na entrada da baía de Hangzhou (capital da dinastia Song), Liampó revelou-se estratégica também para a lucrativa rota comercial do Japão⁸. Os negócios evoluíram tão bem, que assentaram nesse ponto do litoral chinês as bases de uma genuína povoação luso-asiática, como comenta Gaspar da Cruz (1569):

Sucederam as contratações de maneira que começaram os portugueses a invernar nas ilhas de Liampó, e [a] estarem nelas tanto de assento e com tanta isenção, que lhe[s] não faltava mais que ter[em] força e pelourinho.

Não há dados detalhados sobre a composição étnica da Liampó portuguesa, que não estava situada em terra firme, mas numa ilha ao largo do porto chinês. Tampouco se sabe se teria havido, durante seus dez ou vinte anos de existência, um contato significativo e continuado com o dialeto do grupo Wu falado na região. Nesta pesquisa, nenhum étimo ningboense⁹ foi identificado.

Uma vez que, aos olhos oficiais, o que vinham fazendo era qualificado como “contrabando”, os portugueses foram continuamente banidos dessas bases temporárias. Como haviam sido expulsos das ilhas de Cantão nos anos 1520, também foram sucessivamente repelidos dos litorais de Liampó e de Chinchéu na década de 1540, até voltarem às ilhas de Cantão nos anos 1550. Nesse período, a perseguição oficial gradualmente se abrandou até a fundação de Macau.

2.4 MACAU

No final da década de 1550, um trato com as autoridades chinesas permitiu o assentamento numa diminuta península à entrada do estuário do Rio das Pérolas. Se antes eram seguidamente enxotados de seus ancoradouros temporários, agora os portugueses passavam a contar com uma base permanente às portas de Cantão e a meio caminho entre o Japão e Malaca.

⁸ Situado em latitude próxima, o porto de Nagasaki (Japão) está a menos de 600 milhas náuticas de Ningbo, a poucos dias de viagem.

⁹ O nome Liampó tem origem numa pronúncia dialetal do topônimo 寧波 mand. *Níngbō*. Essa pronúncia, no entanto, não coincide com a do dialeto local [nɿŋ pɔʔ]. Uma possibilidade seria o cantonês [neŋ pɔ:], com a desnazalização do /n/ inicial em [l], comum em certos dialetos, o que daria *[leŋ pɔ:]. Como, na época, os chinchéus eram os principais parceiros de navegação e comércio, é provável que venha do hokkien [liəŋ pʰɔ].

A fundação de Macau abriu um novo capítulo na história da presença portuguesa no Extremo Oriente. O porto seguro no sul da China não só estava destinado a prosperar com as lucrativas rotas da seda, da prata e das especiarias, como também se tornaria o palco central das interações sino-portuguesas pelos próximos quatro séculos.

Diferentemente de Goa e Malaca, Macau nasceu sem a autorização explícita de Lisboa. O reconhecimento oficial veio só em 1586, já no período da União Ibérica (1580–1640), e através do vice-rei na Índia Portuguesa. Gozava, portanto, de maior autonomia, possuía uma jurisdição distinta e até mantinha uma força militar própria, ainda que pequena. Com o passar do tempo, esses elementos faziam dela não uma cidade colonial típica, mas “um enclave liberal e multicultural”.

Desde as primeiras décadas, estrangeiros e nativos dividiam a estreita península, ligada ao continente por um istmo que podia sumir na maré alta. Os cristãos de origem europeia, asiática ou mestiça viviam dentro da cidade murada, enquanto os chineses – obrigados a se retirar da cidadela ao anoitecer – ocupavam, em números crescentes, o terreno fora dos muros. Em 1573, as autoridades de Cantão instalaram no istmo um posto de fronteira que ganhou o nome de “Porta do Cerco”. Inicialmente, seus portões eram abertos a cada 15 dias para o abastecimento de víveres e permaneciam selados no restante do tempo.

Com a ascensão da dinastia Qing (1636–1911), o relaxamento gradual dos controles fronteiriços e o aumento da atividade comercial, a população chinesa na península cresceu rapidamente. No final do século XVII, seriam 10.000 ou 20.000 pessoas. As migrações, principalmente de falantes de cantonês e hokkien, continuaram em alta até o século XIX, quando a população chinesa chegou a 50.000, superando em muito os de origem portuguesa, que então contavam cerca de 900 habitantes.

Como sempre estiveram em minoria numérica nas povoações ultramarinas, os portugueses dependiam fortemente da mão de obra local, seja em terra, seja nas embarcações. No contexto doméstico, tinham uma atitude relativamente liberal quanto ao casamento e ao concubinato. Se não podiam levar mulheres para o Oriente, os marinheiros, mercadores e soldados casavam-se com as cristãs nativas de outras partes do império. E enquanto vigorou a proibição do casamento com as chinesas, tomavam-nas abertamente por concubinas.

Formou-se, assim, uma comunidade de origem mista – portuguesa, chinesa e de outras partes do império –, em que era comum o multilinguismo em português, cantonês e crioulo, e onde o catolicismo coabitava com os costumes da terra.

2.5 CONTATOS LINGUÍSTICOS SINO-PORTUGUESES

Em vista do exposto nas seções anteriores podemos afirmar que o dialeto dos chinchéus foi, muito provavelmente, a primeira variante do chinês com a qual os portugueses tiveram contato próximo. Tratava-se de uma forma ancestral do hokkien moderno, dialeto do grupo *minnan* (ou min do sul) falado originalmente no sul da província de Fujian e disseminado pelo Sudeste Asiático com as atividades mercantis desde a dinastia Song (960–1276) e as diversas ondas migratórias nos séculos posteriores.

Nas décadas entre a tomada de Malaca e a fundação de Macau, os falantes de hokkien não só integravam as tripulações dos barcos portugueses, como também intermediavam os contatos com autoridades e o comércio em terra. Além disso, o malaio, e especialmente o “malaio de bazar”, língua franca dos portos do arquipélago malaio-indonésio, já incorporava em seu léxico empréstimos do hokkien. Assim, cabe atentar para o fato de que certos vocábulos em estudo, sobretudo os abonados na fase mais antiga da presença portuguesa no Extremo Oriente, podem ter étimo ou origem hokkien.

Na ordem cronológica, o cantonês pode ter sido o segundo dialeto com que os portugueses tiveram contato, mas foi certamente o primeiro em intensidade, em virtude dos séculos de convivência cotidiana em Macau. Ainda que o pequeno enclave fosse um terreno multilíngue, os chineses da província vizinha (Cantão) logo se tornaram maioria na população local. Com o passar do tempo, a interação expandiu-se dos espaços do trabalho – mão de obra, comércio, navegação, burocracia etc. – e da informalidade – pirataria, jogos de azar, tavernas e bordéis – para o ambiente doméstico, abrindo caminho para empréstimos em diferentes esferas.

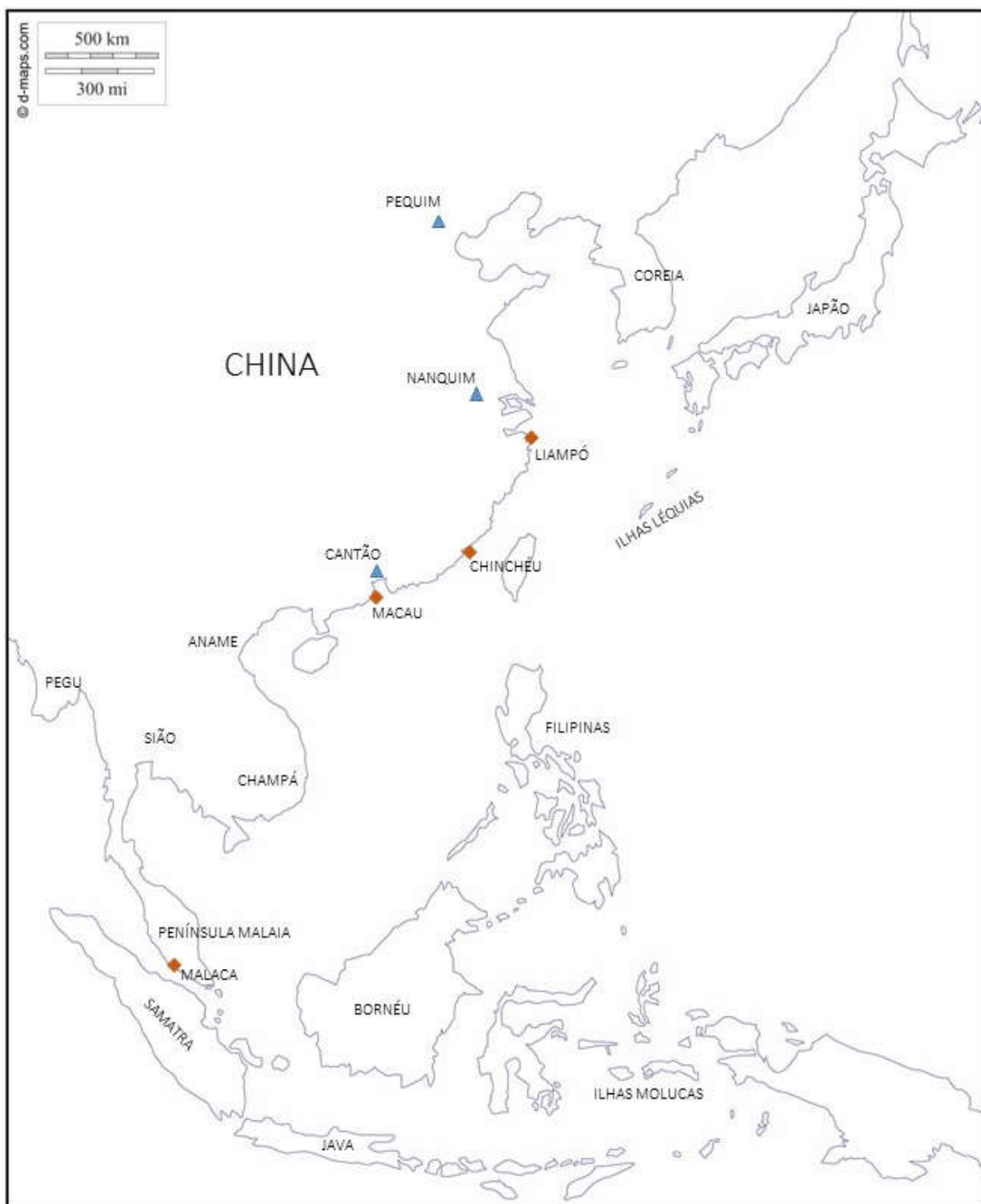
Eventualmente podem ter entrado em cena outros dialetos, como o hakka, que possui um número significativo de falantes nas províncias de Cantão e Fujian, além de variantes do cantonês e do hokkien mais ou menos diferenciadas dos falares de prestígio de Cantão e de Chinchéu.

O mandarim, língua da burocracia e da comunicação inter-regional desde a dinastia Yuan (1271–1368), naturalmente teve um papel preponderante nos contatos linguísticos. Vale notar, contudo, que essa língua comum só veio a ser padronizada de fato no século XX. Nos séculos anteriores, apesar das tentativas de normatização e do prestígio associado às pronúncias

nortistas, na prática o mandarim era falado com marcada interferência dialetal, o que também pode ter se refletido em alguns empréstimos.

Neste ponto, cabe apresentar, em linhas muito gerais, uma descrição da língua chinesa, pontuando certas diferenças diacrônicas e dialetais, características fonológicas e sistemas de romanização. Esses e outros dados que servirão de subsídio para a discussão etimológica serão tema do capítulo seguinte.

Figura 1 – Mapa da Ásia Marítima Oriental



Fonte: elaboração própria a partir de mapa cego obtido em d-maps.com

3. A LÍNGUA CHINESA

Desde as primeiras décadas do século XVI, os constantes deslocamentos entre os portos da Insulíndia e da China expuseram os navegadores lusófonos à interação com falantes de diferentes dialetos chineses. O papel dessa diversidade no cenário dos contatos linguísticos luso-chineses não pode ser desprezado: se o mandarim era a língua comum da elite letrada e da administração pública e o chinês clássico era a língua da literatura e dos textos formais, o que a imensa maioria da população de fato falava, no dia a dia, eram os dialetos locais.

A investigação dos étimos chineses deverá, portanto, levar em conta não só o mandarim na sincronia pertinente, como os dialetos aos quais houve maior exposição e que ou forneceram vocábulos diretamente ou influenciaram a pronúncia dos empréstimos do mandarim. Nesse sentido, será útil revisar as características gerais da língua chinesa, trazendo informações sobre sua periodização, diversidade dialetal, sistema fonológico, romanizações e outros subsídios indispensáveis para a análise dos verbetes.

3.1 ANTIGO E MODERNO, CLÁSSICO E VERNÁCULO

A periodização da longuíssima história da língua chinesa, cujos primeiros registros remontam ao II milênio a.C., não encontra consenso entre os diversos autores. Em 1915, o sinólogo sueco Bernhard Karlgren (1889–1978), pioneiro no estudo diacrônico da língua chinesa segundo os métodos da linguística histórica europeia, propunha a seguinte divisão:

Proto-chinês: sem registro escrito

Chinês arcaico: *Shijing*, o Clássico dos Poemas (c. 1000 a.C.)

Chinês antigo: dicionário de rimas *Qieyun* (século VII)

Chinês médio: tabelas de rimas da dinastia Song (séculos X a XIII)

Mandarim antigo: a língua da dinastia Ming (séculos XIV a XVII)

Mandarim moderno: a língua da dinastia Qing em diante (a partir do séc. XVIII)

Com o desenvolvimento dos estudos chineses, outras periodizações foram propostas mais recentemente, como a de Norman (1988):

Chinês antigo: corresponde ao “Chinês arcaico” de Karlgren

Chinês medieval ou médio: corresponde ao período antigo de Karlgren

Mandarim antigo: séculos X a XIV (dinastias Song e Ming inicial)

Mandarim médio: séculos XV a XVIII (dinastias Ming a Qing inicial e média)

Mandarim moderno: do século XIX em diante (dinastia Qing tardia e república)

E a de Peyraube (2016):

Chinês antigo: antes do século II a.C.;

Chinês medieval ou médio: entre o século I a.C. e meados do século XIII;

Mandarim pré-moderno: de meados do século XIII a meados do século XIX;

Mandarim moderno: a partir de meados do século XIX

Como convenção para este estudo, e apesar da falta de consenso entre os diversos estudiosos, adotamos a periodização de Peyraube (2016), delimitando o campo de interesse nos períodos pré-moderno e moderno.

Cada um desses períodos é subdividido em sincronias menores e cada sincronia tem variantes regionais ou socioculturais em contraposição a uma variante culta ou de prestígio. Essa variante de prestígio era chamada 雅言 *yǎyán* ou “língua elegante” no período de Primaveras e Outonos (722–482 a.C.), 通語 *tōngyǔ* ou “língua comum” na dinastia Han (206 a.C.–220 d.C.), 天下通語 *tiānxià tōngyǔ* “língua comum sob o Céu” (i.e., “universal”) na dinastia Yuan (1206–1368) e 官話 *guānhuà* ou “língua dos mandarins” a partir da dinastia Ming (1368–1644). Mais recentemente, o mandarim padrão foi denominado 國語 *guóyǔ* “língua nacional” na primeira metade do século XX (termo ainda em uso em Taiwan), e 普通話 *pǔtōnghuà* “língua comum”, na República Popular da China (fundada em 1949).

Se a língua falada mudou com o tempo, a língua escrita permaneceu cristalizada na forma do chinês clássico, ou 文言 *wényán* “língua literária”. Essa língua coetânea do latim clássico manteve-se por dois milênios como norma da produção textual na China. Pela natureza não fonética da escrita chinesa, a leitura dos ideogramas era atualizada conforme a pronúncia de cada época, mas a gramática do texto (quer fosse um poema, um bilhete ou um documento oficial) permanecia arcaizante, divergindo cada vez mais do vernáculo no léxico e na sintaxe. De fato, o mandarim moderno difere tanto dessa língua arcaica quanto o francês ou o italiano do latim (NORMAN, 1988). O vernáculo, ou 白話 *báihuà* “língua despojada”, chegou a ser usado em obras literárias importantes do período imperial, mas só no século XX suplantou definitivamente o clássico como norma da língua escrita.

3.2 MANDARIM

O mandarim surgiu entre os séculos X e XIII como uma *koiné* dos dialetos da região conhecida como 中原 *zhōngyuán* ou Planícies Centrais, no vale do Rio Amarelo, onde se instalaram as capitais de diversas dinastias. O nome 官話 *guānhuà* “língua dos mandarins” foi registrado pela primeira vez no século XVI, quando o mandarim já estava difundido como instrumento da administração pública. Era a língua falada no trato com as autoridades e os letrados, tinha sua ortoépia descrita em dicionários e tratados, mas não estava imune a interferências dialetais. Como explica Coblin (2003, p. 354):

[...] essa *koiné* podia ser pronunciada de diferentes maneiras. Nesse sentido, assemelha-se, de certa forma, ao latim medieval na Europa pré-moderna, isto é, uma segunda língua, formal, que era comum a toda a região, mas pronunciada de acordo com os hábitos de fala das diferentes nações que a utilizavam. (tradução nossa)¹⁰

Nos primeiros séculos da presença europeia na China, o mandarim de Nanquim mantinha o prestígio de “dialeto da corte”. Capital da dinastia Ming entre os anos de 1356 e 1421, Nanquim manteve sua importância como centro cultural e econômico por mais de 300 anos após a reinstalação da corte em Pequim. Na descrição do jesuíta Matteo Ricci (1552–1610), seus numerosos palácios, templos e pontes superavam as estruturas similares nas cidades europeias, a aristocracia letrada e os magistrados equiparavam-se aos de Pequim em número e dignidade (COBLIN, 1997).

No terço final dinastia Qing (1644–1912), o mandarim de Nanquim perde gradualmente a posição de prestígio para o de Pequim, em um processo que se completou em meados do século XIX, quando a pronúncia pequinesa passa a prevalecer como padrão. Não se trata, propriamente, de uma “transformação”, mas de duas variantes diferentes, cujas raízes remontam ao antigo mandarim das planícies centrais do Rio Amarelo, e que se alternam na posição de prestígio. Um exemplo de como essa mudança se refletiu nas diversas romanizações é a coexistência de grafias tradicionais como “Pequim” e “Peking” – herdeiras da antiga pronúncia nanquinesa

¹⁰ No original: “[...] this *koiné* could be pronounced in different ways. In this respect, it seems in certain respects to have resembled Latin in medieval and early modern Europe, i.e., a formal, secondarily learned language which was common to the whole area but was pronounced according to the particular speech habits of the different nations which used it.”

*[peʔ kiŋ] – com as mais recentes “Pei-ching” (Wade-Giles) e “Beijing” (pinyin) – conforme o padrão pequinês [pei tɕiŋ].

Os principais recursos para a reconstrução do antigo padrão nanquinês, vigente entre 1350 e 1850 aproximadamente, são descrições feitas por estudiosos estrangeiros como o coreano Sin Sukju (1417–1475), que transcreveu a pronúncia do mandarim no então recém-criado alfabeto hangul, e por sucessivos missionários europeus, notadamente o italiano Matteo Ricci (1552–1610), o valão Nicolas Trigault (1577–1628) e o espanhol Francisco Varo (1627–1687), autores dos primeiros sistemas de romanização, como veremos mais adiante.

A palatalização de certas consoantes iniciais, talvez o traço mais evidente do padrão pequinês, é descrita pelo missionário escocês Robert Morrison (1782–1834) já no início do século XIX. Essa pronúncia era percebida pelos chineses mais puristas como uma influência “tártara”¹¹, ou seja, um efeito do contato com línguas como o manchu, dos fundadores da dinastia Qing, e o mongol, dos principais aliados dos novos soberanos. Segundo Morrison, o sotaque da nobreza tártara era cada vez mais imitado entre as classes letradas e, se a dinastia continuasse por muito tempo, o “dialetto sino-tártaro” acabaria por prevalecer (COBLIN, 1997).

Não se pode afirmar com certeza se de fato se tratava de uma influência tártara ou se o fenômeno já ocorria independentemente da presença manchu em Pequim desde o século XVII. Por outro lado, há abundantes evidências de que a mudança fonética que deu origem às iniciais /tɕ, tɕʰ, ɕ/ do mandarim moderno ocorreu em duas etapas: primeiro nas velares */k, kʰ, x/ seguidas de vogais altas anteriores */i, y/ e, mais recentemente, na segunda metade do século XIX, nas sibilantes */ts, tsʰ, s/ na mesma posição (COBLIN, 2003). Outra característica do padrão de Pequim é o apagamento de */ŋ/ e seus alofones *[ɣ, ɲ] no ataque silábico e, conseqüentemente, a ocorrência de sílabas com “inicial zero”, ausentes no antigo padrão nanquinense. Assim, grafias concorrentes como <ngan> e <an> podem ser transcrições de um mesmo morfema ou vocábulo como 安 ān “calma, tranquilidade”. O quadro abaixo resume as principais diferenças em início de sílaba:

¹¹ O termo 韃靼 *dádá* “tártaro” era uma designação genérica dos povos nômades do norte da China, principalmente de língua altaica. Na dinastia Ming (1368–1644), designava em especial os mongóis orientais, habitantes da atual Mongólia Interior. Na dinastia Qing (1644–1911), a forma 韃子 *dázi* “tártaro, taza”, de conotação pejorativa, estendia-se também aos manchus.

Tabela 3 – Transformações em início de sílaba

NANQUIM SÉC. XIV-XIX	PEQUIM SÉC. XIX	PEQUIM SÉC. XX	CONTEXTO FÔNICO
*k	tɕ	tɕ	Seguido de vogais altas anteriores [i, y]
*ts	ts		
*k ^h	tɕ ^h	tɕ ^h	
*ts ^h	ts ^h		
*ɣ	ɕ	ɕ	
*s	s		
*ʊ	w		Seguido de [a, e]
*ɥ	∅		Seguido de [u]
*ŋ			Seguido de [a, ə, o]
*ɲ			Seguido de [i]

As diferenças nas rimas – isto é, na porção da sílaba que abrange as vogais e consoantes finais – manifestam-se com maior complexidade. Seria temerário tentar encaixar todas em uma tabela de correspondências unívocas. O traço mais característico do padrão pequinense é a perda da oclusiva glotal */ʔ/ em coda silábica com alteração no vocalismo. Esse fenômeno era igualmente atribuído a uma suposta influência do manchu (MORRISON, apud COBLIN, 1997). Alguns exemplos são:

百 “cem”	*/pɛ ^ʔ ʌ/ ≈ /paiʌ/
黑 “preto”	*/xɛ ^ʔ ʌ/ ≈ /xeiʌ/
曲 “melodia”	*/k ^h io ^ʔ ʌ/ ≈ /tɛ ^h yʌ/
讀 “ler”	*/to ^ʔ ʌ/ ≈ /tuʌ/
學 “aprender”	*/xiɔ ^ʔ ʌ/ ≈ /ɛyeʌ/

As divergências também se manifestam em outras rimas, mesmo sem a ocorrência de */ʔ/ em coda silábica. Entre as mais evidentes podemos citar: */ɔ/ ≈ /ə/, */ɛu/ ≈ /ou/, */iai/ ≈ /ie/, */uɔn/ ≈ /uan/, */uɛn/ ≈ /uan/, */in/ ≈ /ən/, */iŋ/ ≈ /əŋ/, por exemplo:

河 “rio”	*/xɔʌ/ ≈ /xəʌ/
頭 “cabeça”	*/t ^h ɛuʌ/ ≈ /t ^h ouʌ/

街 “rua”	*/kiai˥/ ≈ /tɕie˧/
官 “funcionário”	*/kuən˥/ ≈ /kuan˧/
船 “barco”	*/tɕʰuən˥/ ≈ /tɕʰuan˧/
人 “pessoa”	*/zɿn˥/ ≈ /zən˧/

Uma exposição mais detalhada dos tons e de suas diferenças regionais e diacrônicas é feita nas páginas 55 a 58.

3.3 DIALETOS

Por convenção, usamos neste trabalho o termo “dialetos” em referência às variantes do chinês. Vale ressaltar, contudo, que suas diferenças sistêmicas permitem considerá-las línguas separadas, descendentes de um ancestral comum. Essa família sinítica abrange línguas tão ou mais distantes entre si como as românicas. Não se trata de uma analogia aleatória. Como observa Norman (1988, p. 187), não são poucos os paralelos que podem ser traçados entre o grupo sinítico e a família românica:

[...] ambos têm suas raízes em uma grande expansão imperial ocorrida nos séculos imediatamente anteriores e posteriores ao nascimento de Cristo – o império Qin-Han na China e o império romano na Europa; em ambos os casos a língua imperial foi levada por exércitos e colonos a áreas povoadas por falantes de outras línguas; no curso de seu desenvolvimento, ambos foram afetados por esses substratos; em ambos os casos, os vernáculos coexistiram com uma língua escrita arcaizante e foram profundamente influenciados por ela. (tradução nossa)¹²

À medida que o império se expandia, levas migratórias originárias do vale do Rio Amarelo estabeleciam-se em áreas povoadas por falantes de línguas não siníticas, como as austroasiáticas e tai-kadai ao sul do Rio Yangtsé, e as irânicas e altaicas nos limites da Ásia Central. A influência desses substratos preserva-se ainda hoje (NORMAN, 1988).

O complexo dialetal chinês pode ser dividido, *grosso modo*, em dois grandes grupos: nortista e sulista (ou, mais propriamente, sudeste).

¹² No original: “[...] both have their roots in a large scale imperial expansion that took place in the centuries just preceding and following the birth of Christ, the Qin-Han empire in the case of China and the Roman empire in the case of Europe; in both cases the imperial language was carried by armies and settlers to areas previously occupied by speakers of different languages; in the course of their development both were affected by these ‘substratum languages’; in both cases, the newly developing vernaculars existed alongside an antiquated written language and were profoundly influenced by it.”

O primeiro grupo é formado pelos “dialetos mandarins” (官話方言 *guānhuà fāngyán*), distribuídos por um arco que se estende dos contrafortes do Tibete, no Sudoeste, até os limites da Rússia, no extremo Nordeste, e as regiões da antiga Rota da Seda, no Noroeste. Esse grupo de dialetos relativamente próximos reúne cerca de 70% dos falantes nativos de chinês. A variante padrão moderna, designada pelo termo 普通話 *pǔtōnghuà* “língua comum” na República Popular da China, tem, segundo a definição oficial, “o léxico dos dialetos nortistas como base e a fonética de Pequim como padrão”.

O segundo grupo distribui-se pelo Sudeste do país, ao sul do Rio Yangtsé, e constitui um variado mosaico de famílias dialetais: Wu, Min, Kejia (Hakka), Yue, Gan e Xiang. Cada uma é fragmentada em subgrupos e estes, em dialetos com graus diversos de inteligibilidade mútua.

A mais antiga das famílias dialetais sulistas é a Min, de Fujian, que, pelo relativo isolamento na antiguidade, ficou à margem das transformações dos demais dialetos. Como resultado, os dialetos desse grupo não só conservam numerosos arcaísmos que remetem a uma sincronia anterior ao chinês medieval, como também incorporam elementos não sinóticos das populações aborígenes, resultando assim num grande número de itens lexicais sem cognato em mandarim ou em outras variantes do chinês (NORMAN, 1988).

As figuras abaixo ilustram a divisão dos dialetos chineses (com base em NORMAN, op. cit.) e sua distribuição geográfica.

Figura 2 – Gráfico esquemático da divisão dos dialetos chineses modernos

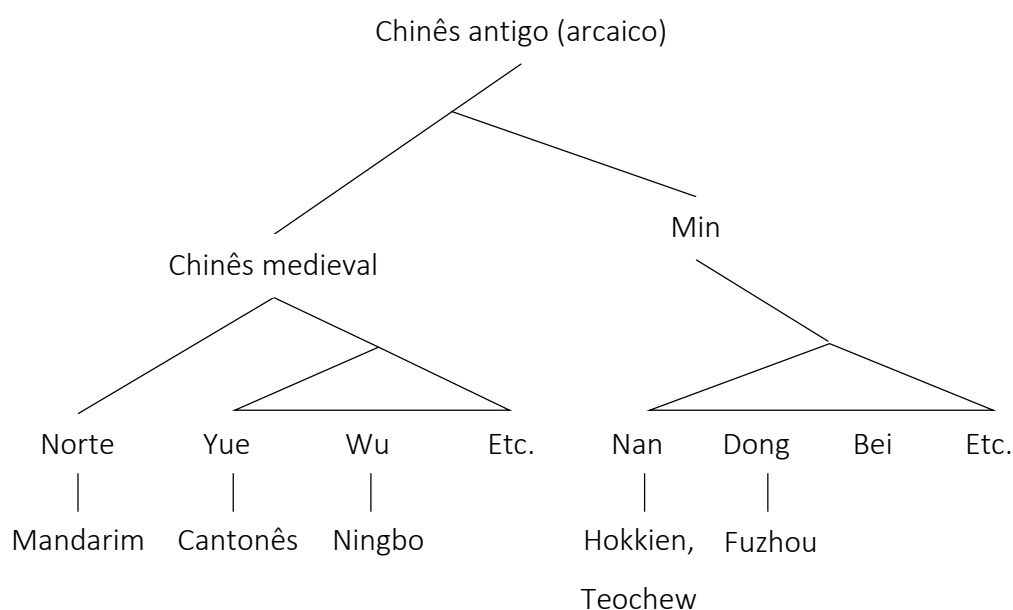
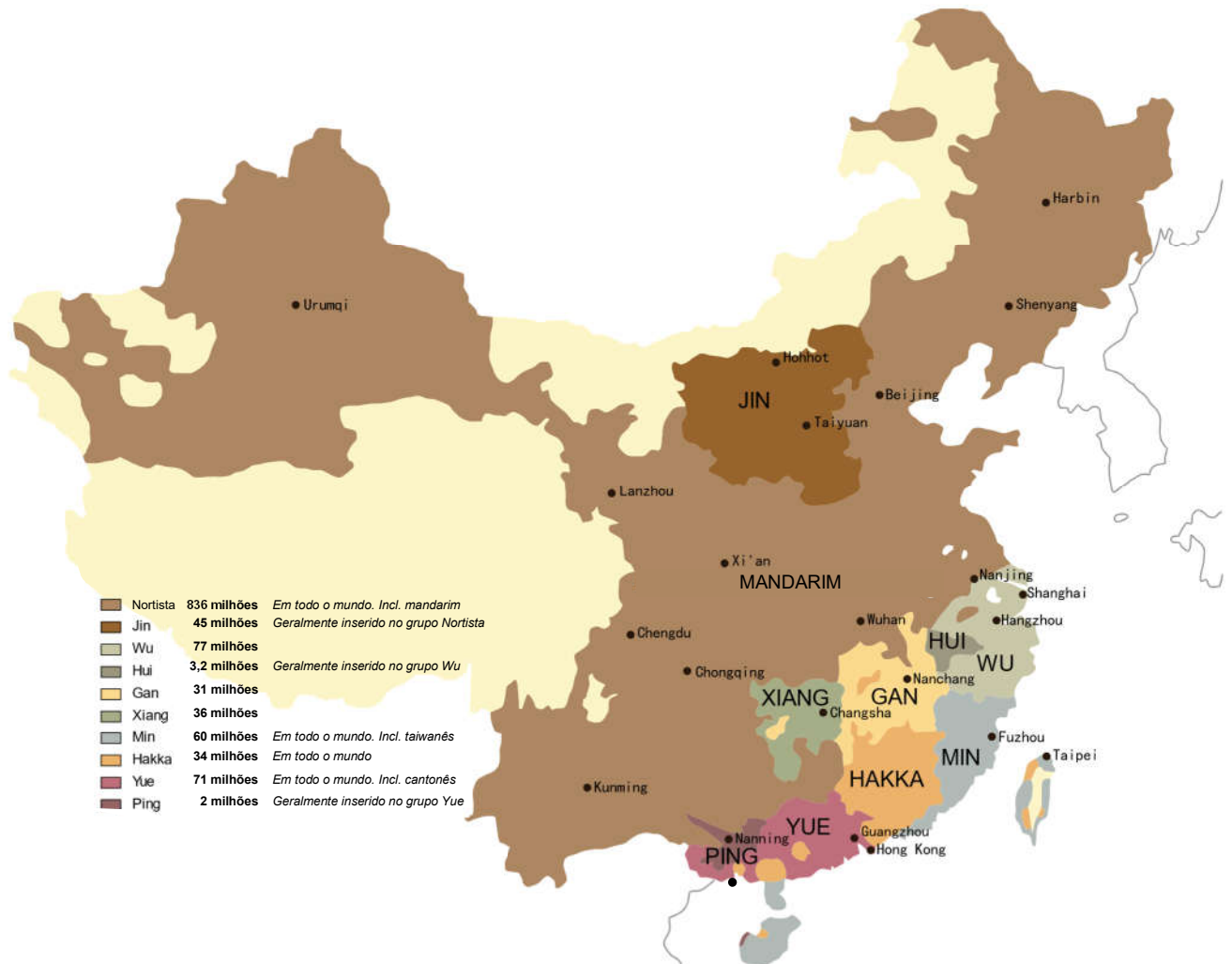


Figura 3 – Mapa da distribuição dos grupos dialetais na China



Fonte: Wunhe, Map of sinitic dialects, CC BY 3.0

Dois dialetos, por sua distribuição ao longo da costa sul e sudeste da China, tiveram presença significativa no cenário dos contatos linguísticos sino-portugueses: o hokkien e o cantonês. Em tempo, convém ressaltar que a reconstrução das sincronias pretéritas desses dialetos é ainda mais difícil que a do mandarim. Os primeiros registros consistentes sobre a fonética, o léxico e a sintaxe das variantes regionais do chinês surgem só no século XIX, numa sincronia já relativamente próxima da moderna. Os dados anteriores a esse período são escassos. Ainda assim, há evidências de que a fonologia desses dialetos é mais conservadora que a do mandarim (HO, 2015). Neste trabalho, adotamos a pronúncia dialetal moderna como referência, com a ressalva de que podem divergir em certos pontos da pronúncia pré-moderna.

3.3.1 Hokkien

O minnan (ou min do Sul) é o mais difundido dos dialetos Min, subdivide-se em diversas variantes parcialmente inteligíveis entre si, como o teochew e o hokkien. É comumente chamada de “hokkien” a variante do minnan originária do que antigamente se conhecia por Chinchéu (a região da baía de Amói, na província de Fujian) e hoje falada em ambas as margens do Estreito de Formosa. O termo, popularizado nas comunidades chinesas ultramarinas, tem como origem a pronúncia dialetal no topônimo “Fujian”: 福建話 mand. [fu¹ tɕien¹ xua¹] ≈ hok. [ho[?]] kien¹ ue¹] “fala de Fujian”.

O léxico hokkien caracteriza-se pelos numerosos arcaísmos, inovações e empréstimos não sinóticos, mas também pela coexistência de uma pronúncia “vernácula”, ou coloquial, e uma pronúncia “literária”, ou erudita, relativamente mais próxima do mandarim (DING, 2016). Ambas são usadas em contextos específicos, em uma situação semelhante às leituras “on” (chinesa) e “kun” (nativa) em japonês. O exemplo abaixo coteja as pronúncias vernácula e literária:

茶 “chá” mand. /tɕ^ha/ ≈ hokkien literário /ts^ha/ ≈ hokkien vernáculo /te/

Alguns aspectos da pronúncia vernácula, por seu caráter arcaizante, distanciam o hokkien (e outras variantes Min) dos demais dialetos chineses. Notadamente, nos contextos em que o mandarim desenvolveu /tɕ, tɕ^h/, o hokkien vernáculo mantém /t/, transformação das retroflexas pré-medievais */d, t/; já em contextos em que o mandarim desenvolveu a inicial /f/ o hokkien tem /p/, mantendo, na pronúncia vernácula, a oclusão do chinês antigo:

箸 “palitos”	mand. /tʂuV/	≈ hok. /tiɿ/
茶 “chá”	mand. /tʂ ^h aɿ/	≈ hok. /teɿ/
飯 “comida”	mand. /fanV/	≈ hok. /pɿŋɿ/

Por outro lado, uma inovação peculiar foi o desenvolvimento de oclusivas vozeadas /b, g/ pela desnasalização das iniciais */m, ŋ/ antes de rimas não nasais:

馬 “cavalo”	mand. /maɿ/	≈ cant. /ma:ɿ/	≈ hok. /beɿ/
目 “olho”	mand. /muV/	≈ cant. /mukɿ/	≈ hok. /bakɿ/
我 “eu”	mand. /woɿ/	≈ cant. /ŋoɿ/	≈ hok. /guaɿ/

O intenso movimento comercial e migratório da Rota da Seda Marítima fez o hokkien aportar em outras margens do Mar da China Meridional, como a Insulíndia e a Península Malaia. A certa altura, tornou-se língua franca das comunidades chinesas no Sudeste Asiático, forneceu empréstimos lexicais para o malaio e foi o substrato dominante na formação de crioulos de base malaia como o bazaar malay e o baba malay. Ainda hoje, é o dialeto chinês com maior número de falantes em países como Indonésia, Singapura, Malásia e Filipinas.

Em vista de sua presença significativa nos portos malaios, o hokkien foi, provavelmente, a primeira variante do chinês com que os portugueses tiveram contato, antes mesmo de sua chegada à China. A exposição ao dialeto continuou nas décadas seguintes, facilitada pela frequente interação com os chinchéus nas atividades comerciais na costa chinesa e nas rotas marítimas para o Sudeste Asiático. O hokkien pode, portanto, ter fornecido empréstimos à língua portuguesa tanto por via direta, como através do malaio.

3.3.2 Cantonês

Os dialetos Yue, distribuídos por toda a província de Guangdong¹³ e parte da vizinha Guangxi¹⁴, ramificam-se em diversos grupos dialetais. O termo “cantonês”, no sentido mais estrito, designa o dialeto da capital provincial Guangzhou, atualmente falado também em Macau e Hong Kong com pequenas variações acentuais. Por sua posição de prestígio, o cantonês tem sido usado há séculos como uma *lingua franca* regional.

Vale notar, contudo, que sendo a população nativa de Macau, nos primeiros séculos, oriunda sobretudo das áreas circunvizinhas, na margem ocidental do estuário do Rio das Pérolas, o dialeto mais usado no território era o Xiangshan, também do grupo Yue e do mesmo subgrupo a que pertence o cantonês *stricto sensu* (e portanto próximo, mas não idêntico a ele). A transição para a variante atualmente falada no antigo enclave português ocorreu com novas levadas migratórias entre as décadas de 1920 e 1940 (LUO, 2013).

Do ponto de vista fonológico, o cantonês não apresenta grandes mudanças nos últimos duzentos anos (LUO, 2013). As principais transformações fonéticas ocorridas no século XIX são a ditongação das vogais altas */i/ > /ei/; */u/ > /ou/; */y/ > /oi/ > /øy/ e a transição */ɲ/ > /i:/; já na primeira metade do século XX, registra-se a neutralização do traço distintivo palatal no par /ts, tʃ/, resultando em /ts/, e no par /ts^h, tʃ^h/, resultando em /ts^h/. As realizações palatais [tʃ] e [tʃ^h] ocorrem como alofones livres de /ts/ e /ts^h/ respectivamente.

No que concerne ao vocabulário, cognatos com o mandarim moderno somam cerca de dois terços do léxico Yue, o terço restante é composto por inovações, arcaísmos e empréstimos lexicais não sinóticos (CHENG e TANG, 2016). Além disso, a distinção fonológica entre vogais longas e breves é apontada como um vestígio do substrato tai (CHAPPELL, 2016).

Modernamente, o cantonês é um dos poucos dialetos com uma literatura florescente baseada no vernáculo, especialmente em Hong Kong (CHAPPELL, 2016). Caracteres especiais são usados para morfemas sem cognatos em mandarim ou na língua clássica como, por exemplo, 靚 /lɛ:ŋ/ “bonito”; 睇 /t^hei/ “olhar” e 冇 /mou/ “não ter” (cp. 有 /jɛu/ “ter”).

¹³ O topônimo “Cantão” tem como étimo o nome da província 廣東 *Guǎngdōng* (abreviação de 廣南東路 *Guǎngnán dōnglù*, literalmente “Circuito Oriental de Guangnan”, divisão administrativa da dinastia Song, 960 – 1279), mas acabou por designar, em português, também a capital provincial 廣州 *Guǎngzhōu*. O mesmo vale para o gentílico “cantonês” ou “cantonense” (nativo da província ou de sua capital).

¹⁴ A oeste de Cantão, 廣西 *Guǎngxī* (abreviação de 廣南西路 *Guǎngnán xīlù*, literalmente “Circuito Ocidental de Guangnan”), referida como “Cançy” na carta de Cristóvão Vieira (1534), é hoje a região autônoma da etnia Zhuang, grupo etnolinguístico da família tai remanescente das populações aborígenes do sul da China.

Nada supera em tempo e intensidade os séculos de interação luso-chinesa em Macau, e a consequente exposição dos portugueses aos dialetos Yue. São inúmeras as evidências de que o cantonês foi a origem ou o caminho de vários dos vocábulos compilados por Dalgado. Por esse motivo, o cantonês ocupa, ao lado do mandarim, um lugar de especial interesse neste estudo.

Tabela 4 – Quadro ilustrativo de diferenças dialetais

	MANDARIM		CANTONÊS		HOKKIEN	
mulher	ny˥˩ zən˥˩	女人	nøy˥˩ jen˥˩	女人	tɕa˥˩ bɔ˥˩	查某
homem	nan˥˩ zən˥˩	男人	na˥˩:m˥˩ jen˥˩	男人	tɕa˥˩ pɔ˥˩	查埔
peessoa	zən˥˩	人	jen˥˩	人	laŋ˥˩	儂
criança	xai˥˩ tsɿ	孩子	sei˥˩ lou˥˩ tsei˥˩	細路仔	gin˥˩ a˥˩ kɿã˥˩	囡仔囡
orelha	ə˥˩ tuɔ	耳朵	ji˥˩:tsei˥˩	耳仔	hɿ˥˩ a˥˩	耳仔
olho	iən˥˩ tɕiŋ	眼睛	ŋa˥˩:n˥˩	眼	bak˥˩ tɕiu˥˩	目矚
nariz	pi˥˩ tsɿ	鼻子	pei˥˩ kɔ˥˩:l	鼻哥	pʰɿ˥˩ a˥˩	鼻仔
boca	tsuei˥˩ pa	嘴巴	tsey˥˩	嘴	tsʰui˥˩	嘴
quente	zɿ˥˩	熱	ji˥˩:t˥˩	熱	ɕio˥˩ lo˥˩	燒烙
frio	lɿŋ˥˩	冷	toŋ˥˩	凍	kuã˥˩	寒
bom	xau˥˩	好	hou˥˩	好	ho˥˩	好
ruim	xuai˥˩	壞	wa˥˩:i˥˩	壞	pʰai˥˩	歹

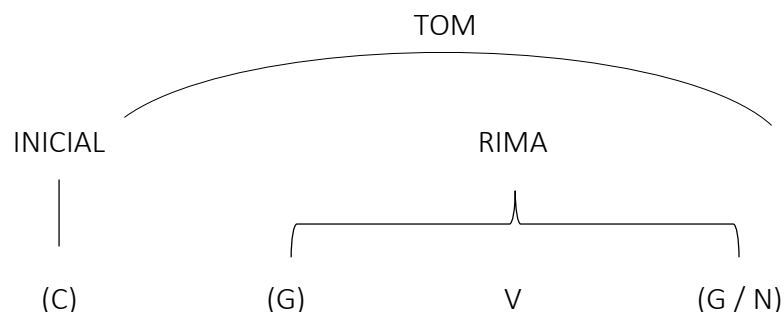
3.4 FONÉTICA E FONOLOGIA

São apresentados a seguir, em linhas gerais, alguns traços característicos da fonologia do chinês mandarim e, ocasionalmente, dos dialetos cujo conhecimento terá utilidade para nosso estudo.

3.4.1 Estrutura silábica

A sílaba chinesa é tradicionalmente dividida em “inicial”, “rima” e “tom”. O gráfico a seguir apresenta esquematicamente a organização dos componentes silábicos em mandarim:

Figura 4 – Estrutura silábica do mandarim



C consoante; G glide; V vogal; N consoante nasal
(os elementos entre parênteses não são obrigatórios)

Inicial

A “inicial” é uma consoante que pode ser seguida de glide ou vogal, mas não de outra consoante. Pode haver inicial zero. A Tabela 5 mostra, na romanização Hanyu Pinyin e no alfabeto fonético internacional, os 21 fonemas possíveis em posição inicial no mandarim moderno.

Rima

A “rima” é formada por um núcleo vocálico que pode ser antecedido de glide e seguido de glide ou consoante nasal: /n, ŋ/. Os glides [j, ɥ, w] costumam ser analisados não como fonemas independentes, mas como alofones consonantais das vogais altas: /i, y, u/. A Tabela 6 apresenta, na romanização Hanyu Pinyin e no alfabeto fonético internacional, as 35 rimas possíveis no mandarim moderno.

Tom

O tom apoia-se em toda a porção vozeada da sílaba (CHAO, 2011) e, para a distinção do sentido, vale tanto quanto uma consoante ou uma vogal. A divisão da sílaba em “inicial, rima e tom” significa, portanto, que a tradição chinesa dá a esses três componentes o mesmo peso. Os tons serão tratados com maior detalhe em seguida.

Tabela 5 – Iniciais (mandarim)

		Labial	Dento- alveolar	Retroflexa	Alveolo- palatal	Velar
Nasal		m /m/	n /n/			
Oclusiva	aspirada	p /p ^h /	t /t ^h /			k /k ^h /
	não aspir.	b /p/	d /t/			g /k/
Africada	aspirada		c /tʃ ^h /	ch /tʃ ^h /	q /tʃ ^h /	
	não aspir.		z /ts/	zh /tʃ/	j /tʃ/	
Fricativa		f /f/	s /s/	sh /ʃ/	x /ç/	h /x/
Líquida			l /l/	r /ɻ ¹ /		

¹ Ou /z/ para alguns autores (DUANMU, 2007)

Tabela 6 – Rimas (mandarim)

Núcleo		/i/		/u/		/y/		/ə/			/a/			
Medial		∅		∅		∅		∅			∅			
Coda	∅	-i [ɿ]	i [i]	u [u]		ü, u ¹ [y]	e [ɛ]	ie [je]	uo [wo]	üe [ɥe]	a [a]	ia [ja]	ua [wa]	
	/i/						ei [eɿ]		ui [weɿ]		ai [aɿ]		uai [waɿ]	
	/u/						ou [ou]	iu [jou]			ao [ɑu]	iao [jɑu]		
	/n/		in [in]			ün, un ¹ [yn]	en [ən]		un [wən]		an [an]	ian [jən]	uan [wan]	uan ¹ [ɥən]
	/ŋ/		ing [iŋ]	ong [oŋ]	iong [joŋ]		eng [əŋ]		weng [wəŋ]		ang [ɑŋ]	iang [jaŋ]	uang [waŋ]	

¹ Depois de <j, q, x>

Número de sílabas possíveis

Em consequência de suas restrições fonotáticas, o mandarim possui um número muito limitado de sílabas: são pouco mais de 400 sem considerar as distinções tonais. Levando em conta os tons, o total de sílabas possíveis aumenta para cerca de 1.200 – ainda assim um número bem menor que o do inglês, por exemplo, que possui mais de 8.000 sílabas diferentes. Daí advém a grande quantidade de homófonos, especialmente no nível do morfema (LIN, 2001). Como o problema se intensifica em romanizações sem marcas tonais, o acréscimo dos caracteres chineses é essencial para a desambiguação.

3.4.2 Os tons e sua variação

O mandarim padrão moderno distingue quatro tons, cujos contornos são representados em uma escala de 1 a 5, sendo 1 a frequência mais baixa e 5 a mais alta (CHAO, 2011). O tom é descrito indicando-se, por números, as alturas inicial e final do contorno entoacional. Na descrição dos tons “curvos”, isto é, de contorno descendente-ascendente ou ascendente-descendente, acrescenta-se um número intermediário. Assim, no mandarim, “55” descreve o tom alto; “35” o ascendente; “214” o descendente-ascendente (realizado como descendente baixo “21” na maioria dos contextos); e “51” o descendente. Há ainda sílabas átonas, consideradas em “tom neutro”.

A título de comparação, os tons do cantonês padrão são descritos como: “55” alto (também realizado “53” descendente alto); “35” ascendente alto; “33” médio; “21” descendente baixo; “23” ascendente baixo; e “22” baixo. Alguns modelos fonológicos admitem a existência de três tons diferentes em sílabas de coda oclusiva, elevando o total de tons para nove. Diferentemente do mandarim, o cantonês não tem um “tom neutro”.

A interação entre os tons na fala ocasiona o fenômeno conhecido como “sândi tonal”, isto é, a mudança regular do contorno tonal de uma sílaba em determinado contexto fônico. No mandarim padrão, por exemplo, em uma sequência de dois tons descendentes-ascendentes, o primeiro deles é realizado como ascendente: *nǐ hǎo* → *ní hǎo*. Dialetos como o cantonês e o hokkien possuem um sistema complexo de sândi tonal.

Figura 5 – Tons do mandarim

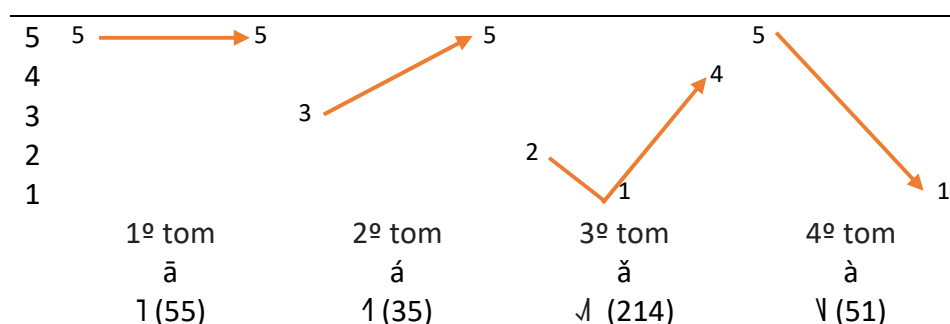
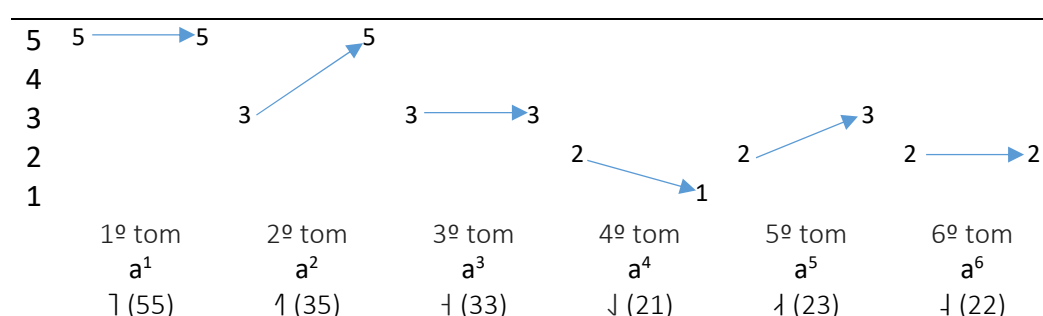


Figura 6 – Tons do cantonês



Os contornos tonais não coincidem nos dois dialetos diferentes, nem mesmo entre cognatos, como ilustra a tabela abaixo:

Tabela 7 – Comparação de tons em cognatos

	MANDARIM		CANTONÊS	
媽	ma1		ma:1	mãe
麻	ma1		ma:1	cânhamo, gergelim
馬	ma1		ma:1	cavalo
罵	ma1		ma:1	insultar, repreender
嗎	ma		ma:1	partícula interrogativa

Os tons diferem em número e em contorno também entre variantes de um mesmo grupo dialetal. A Tabela 8 ilustra, como exemplo, as correspondências tonais entre o mandarim de Pequim e quatro outros dialetos nortistas modernos, cuja proximidade lexical é comparável à das línguas românicas da Península Ibérica.

Tabela 8 – Comparação de contornos tonais em dialetos nortistas

	1º tom	2º tom	3º tom	4º tom
Pequim	⌈ (55)	↑ (35)	↘ (214)	↘ (51)
Tianjin	↓ (21)	↑ (35)	↘ (113)	↘ (53)
Xi'an	↓ (21)	↑ (24)	↘ (53)	↑ (44)
Chengdu	↑ (44)	↓ (21)	↘ (53)	↘ (213)
Yangzhou	↓ (31)	↑ (35)	↘ (42)	↑ (55)

Na perspectiva diacrônica, as mudanças também são grandes: os contornos tonais do mandarim nas sincronias pretéritas diferiam bastante dos atuais. Sua transformação é explicada a partir das quatro categorias tonais do chinês medieval (平 *píng*, 上 *shǎng*, 去 *qù* e 入 *rù*), em um complexo processo de cisões, fusões e reordenações que resultou nos tons modernos. Por exemplo, no pequinense, a categoria *ping* dividiu-se em duas, originando os tons alto e ascendente e a categoria *ru* desapareceu, redistribuindo-se em todas as outras categorias. A Tabela 9 contrasta os tons do mandarim padrão moderno com o mandarim do início da dinastia Qing (século XVII), pela reconstrução de Coblin (1996) baseada na gramática de Francisco Varo (1682):

Tabela 9 – Mudança diacrônica dos tons

	平 <i>píng</i>	上 <i>shǎng</i>	去 <i>qù</i>	入 <i>rù</i> ¹⁵	
	1º tom	2º tom	3º tom	4º tom	5º tom
Séc. XX	⌈ (55)	↑ (35)	↘ (214)	↘ (51)	–
Séc. XVII	*↑ (33)	*↓ (21)	*↘ (42)	*↑ (25)	*↑ (24)

Vale lembrar que existe uma multiplicidade de reconstruções, elaboradas de acordo com a interpretação das descrições feitas por estudiosos estrangeiros em diferentes épocas. Reconstituir o contorno preciso na sincronia de cada empréstimo seria, portanto, uma tarefa

¹⁵ No mandarim pré-moderno 5º tom, ou 入聲 *ru sheng*, ocorria exclusivamente nas sílabas terminadas em oclusiva glotal */ʔ/, resquício das finais */p, t, k/ do chinês medieval. As antigas oclusivas finais conservaram-se em dialetos como o cantonês e o hokkien.

tão temerária quanto alheia ao objetivo principal desta dissertação. É preciso levar em conta, além disso, que a baixa competência na percepção dos tons por falantes de línguas não tonais fez que sequer fossem registrados por escrito na literatura portuguesa oriental. Os étimos dos três verbetes *li*, por exemplo, têm tons diferentes em chinês, mas grafia idêntica em português. Assim, tendo em conta que os contornos tonais não influenciaram diretamente a forma dos empréstimos em português, consideramos prescindível sua representação nas propostas etimológicas deste estudo, sobretudo na reconstrução dos étimos. Em tempo, o uso dos respectivos ideogramas permitirá, aos leitores proficientes em língua chinesa, rastrear também as categorias tonais pertinentes.

3.4.3 Fonemas “desafiadores”

A representação gráfica de certos fonemas chineses sempre desafiou o alfabeto latino. Alguns sons que pareciam simplesmente fora do alcance das letras romanas somados às variações dialetais resultaram numa profusão de soluções gráficas discrepantes. Nas páginas seguintes, abordamos de forma sucinta os fonemas mais notoriamente “desafiadores”.

3.4.3.1 Consoantes aspiradas

Não há, nas consoantes oclusivas e africadas do mandarim, oposição distintiva entre surdas e sonoras, mas entre aspiradas e não aspiradas. Portanto, no lugar de pares como /p, b/, /t, d/, /k, g/ etc. tem-se /p^h, p/, /t^h, t/, /k^h, k/ etc. As consoantes não aspiradas podem, ocasionalmente, ser realizadas como sonoras [b, d, g] em sílabas átonas (CHAO, 2011).

A aspiração caracteriza-se por um ruído respiratório audível após a articulação da consoante e um atraso no fechamento das cordas vocais para produzir a vogal. A representação mais comum desse traço distintivo, nas romanizações antigas, foi o *spiritus asper* (p[‘]), muitas vezes transformado em apóstrofo (p[’]) por conveniência tipográfica dos editores. Infelizmente, nos textos não especializados – isto é, fora dos dicionários, gramáticas e artigos acadêmicos –, esses sinais essenciais para a diferenciação das palavras costumavam ser omitidos ou usados de maneira aleatória.

3.4.3.2 Consoantes retroflexas

São características do mandarim padrão as retroflexas /tʂ, tʂʰ, ʂ, ʐ/. As consoantes retroflexas do mandarim são articuladas com o ápice da língua em posição pós-alveolar, i.e., no ponto entre os alvéolos e o palato.

A aspiração também é um traço distintivo das africadas retroflexas: /tʂ, tʂʰ/. A fricativa retroflexa vozeada /ʐ/ também pode ser realizada como aproximante [ɹ].

3.4.3.3 Consoantes pré-palatais

As consoantes /tɕ, tɕʰ, ɕ/ têm articulação lâmino-pós-alveolar, i.e., são produzidas com a lâmina da língua no ponto entre os alvéolos e o palato. No mandarim moderno ocorrem exclusivamente antes de vogais altas anteriores /i, y/. Historicamente, resultam da palatalização das consoantes velares */k, kʰ, x/ e das sibilantes */ts, tsʰ, s/. Essa mudança, como descrevemos na página 44, foi observada no mandarim de Pequim no século XIX, mas não no de Nanquim.

Por isso, os mesmos caracteres romanizados *hia* e *king* segundo o padrão nanquinense antes do século XIX são transcritos com grafemas indicativos de palatalização em romanizações mais recentes, que adotam o padrão pequinense, como *hsia* e *ching* (Wade-Giles) ou *xia* e *jing* (Hanyu Pinyin).

3.4.3.4 Vogais apicais ou consoantes silábicas

Com exceção das vogais arredondadas anteriores – /y/ no mandarim; /y, œ/ no cantonês – a transcrição desses fones de articulação ápico-alveolar é, sem dúvida, a que mais oscila nos registros ocidentais.

Sua categorização como vogais ultrafechadas ou consoantes aproximantes divide os especialistas. Podem ser considerados vogais [i, u] por ocorrerem apenas em posição complementar a [i], ou consoantes silábicas [ɹ], [ɻ], por não ocorrerem isoladamente e serem percebidas como uma continuidade da vibração da consoante. Comporiam, neste caso, sílabas de “rima zero”.

Historicamente, esses fones ocupam a posição da vogal */i/ no chinês medieval (PULLEYBLANK, 1991) e sua pronúncia exata na sincronia pré-moderna ainda é controversa. Neste trabalho, optamos por adotar os símbolos ɿ e ʊ tradicionalmente usados na sinologia, ainda que sejam considerados obsoletos no alfabeto fonético internacional.

3.4.4 Índícios de interferência dialetal no mandarim

Considerando que o mandarim era e é usado como segunda língua por um grande número de falantes nativos de outros dialetos, podem-se identificar as seguintes interferências dialetais mais frequentes:

a) Não distinção das retroflexas

Como as retroflexas não ocorrem na maioria das variantes do chinês, falantes com menor domínio do mandarim padrão costumam realizar /tʂ, tʂʰ, ʂ/ como [ts, tsʰ, s] respectivamente. Por hipercorreção, também podem ocorrer [tʂ, tʂʰ, ʂ] como realização dos fonemas /ts, tsʰ, s/, comprovando, dessa forma, a existência de neutralizações regionais desses fonemas.

A retroflexa /ʂ/ pode ser realizada de maneiras diversas de acordo com a região [j], [z], [l] etc.

b) Não distinção do par /n, l/ em posição inicial

Fenômeno comum em variantes do cantonês, como a falada em Macau e Hong Kong, é a realização de /n/ como [l]; em outros dialetos, observa-se o oposto, a realização de /l/ como [n]. Pode ter influenciado, por exemplo, a transcrição do topônimo “Ningbo” como “Liampó”.

南 “sul” mand. /nanʌ/ cant. /na:mʌ/ cant. Macau [la:mʌ]

c) Não distinção do par /n, ŋ/ em coda silábica

Embora não tenha grande relevância para os empréstimos em português, a não distinção do par /n, ŋ/ em coda silábica, comum, por exemplo, em dialetos do grupo Wu, transparece ocasionalmente na notação de alguns escritores e sinólogos do século XIX.

d) Não realização de /f/

Como, diferentemente do mandarim e do cantonês, o hokkien não desenvolveu a inicial /f/, uma das interferências mais características desse dialeto é a realização de /f/ como [h] ou [hʷ].

3.5 BREVE HISTÓRICO DAS ROMANIZAÇÕES DO MANDARIM

Os vocábulos chineses anotados na literatura oriental portuguesa, sobretudo os mais antigos, foram, em grande parte, transcritos por aproximação fonético-ortográfica e não de acordo com romanizações sistematizadas. Ainda assim, o conhecimento das diversas romanizações utilizadas em dicionários e gramáticas dos séculos anteriores fornece subsídios valiosos tanto para a fonética daquela sincronia como para as convenções ortográficas mais usuais.

Os pioneiros no esforço de romanização foram os jesuítas Matteo Ricci (1552–1610) e Michele Ruggieri (1543–1607). Entre 1583 e 1588 os dois missionários italianos compilaram o *Dicionário Chinês-Português* (葡漢辭典 *Pú-hàn cídiǎn*), o primeiro vocabulário do mandarim para uma língua europeia.

Essa tentativa inaugural tinha suas deficiências: passaram despercebidos aspectos fundamentais como a oposição distintiva entre consoantes aspiradas e não aspiradas e a notação dos tons (CHUNG, 2016). Em 1598, Ricci e Ruggieri aprimoraram o sistema introduzindo o *spiritus asper* como marca da aspiração das consoantes e diacríticos para indicar os tons. Em 1626 o também jesuíta Nicolas Trigault (1577–1628) publicou uma versão adaptada da romanização de Ricci em seu manual de chinês intitulado *Subsídio para os Ouvidos e Olhos dos Letrados Ocidentais* (西儒耳目資 *Xī rú ěr mù zī*). Mais tarde, o dominicano Francisco Varo (1627–1687) expandiu o sistema de Trigault, primeiro no *Vocabulario da lingua mandarina* (1670) e depois na *Arte de la lengua mandarina* (1703), a mais completa gramática chinesa em língua europeia naquela altura e a mais antiga que se conhece até hoje.

A intensa atividade missionária protestante na China durante o século XIX propiciou o surgimento de diversos dicionários e gramáticas de chinês (tanto do mandarim como de outros dialetos) em língua inglesa. Entre os principais nomes desse período estão Joshua Marshman (1768–1837), autor de *Dissertation on the Characters and Sounds of the Chinese Language* (1809) e *Elements of Chinese grammar* (1814); Robert Morrison (1782–1834), autor de *A grammar of the Chinese language* (1815) e *A dictionary of the Chinese language* (1815-23, 3 vol.) entre outras obras; Walter Medhurst (1796–1857), autor de *English and Chinese dictionary* (1848); Samuel Wells Williams (1812–1884), autor de *A syllabic dictionary of the Chinese language* (1874) e James Legge (1815–1897), que reuniu suas traduções de textos clássicos na coletânea *The Chinese classics* (1861-1872, 5 vol.). Apesar de terem aproveitado muito do trabalho dos missionários católicos que os precederam, cada um desses estudiosos criou um sistema de romanização próprio e consideravelmente anglicizado.

Houve também romanizações baseadas no francês, como a da União Postal (para os topônimos usados no endereçamento postal) e a da Ecole Française d'Extrême Orient (EFEO), utilizada por Paul Pelliot (1878–1945). Mas o primeiro sistema a ganhar ampla aceitação foi o criado pelos diplomatas e sinólogos britânicos Thomas Wade (1818–1895) e Herbert Giles (1845–1935) entre 1859 e 1892. Essa romanização, conhecida como Wade-Giles, universalizou-se no século XX e foi a mais difundida até o início da década de 1980, quando começou a dar lugar ao *hanyu pinyin*, desenvolvido na China nos anos 1950.

As tabelas a seguir comparam as diferentes romanizações do mandarim, com a respectiva transcrição no alfabeto fonético internacional (IPA).

Tabela 10 – Quadro comparativo de romanizações do mandarim pré-moderno

(A) INICIAIS

IPA	Trigault 1626	Varo 1682	Morrison 1822	Williams 1844	EFEO 1902
*p	p	p	p	p	p
*p ^h	'p	p'	p(')	p'	p'
*m	m	m	m	m	m
*f	f	f	f	f	f
*v≈v	v	v	--	--	--
*t	t	t	t	t	t
*t ^h	't	t'	t(')	t'	t'
*n	n	n	n	n	n
*l	l	l	l	l	l
*ts	ç	çh	ts	ts	ts
*ts ^h	'ç	çh'	ts(')	ts'	ts'
*s	s	s, ç	s	s	s
*tʂ	ch	ch	ch	ch	tch
*tʂ ^h	c'h	ch'	ch(')	ch'	tch'
*ʂ	x	sh	sh	sh	ch
*ɹ / z	j	j	j	j	j
*k	k	k	k	k	k
*k ^h	'k	k'	k(')	k'	k'
*ŋ	g	g	ng	ng	--
*x / h	h	h	h	h, h'	h
*y ^w / w	--	go	--	--	--

(B) FINAIS

IPA	Trigault 1626	Varo 1682	Morrison 1822	Williams 1844	EFEO 1902
*a	a	a	a	a	a
*ai	ai	ai	ae	ai	ai
*au	ao	ao	aou	au	ao
*an	an	an	an	an, en	an
*aŋ	am	ang	ang	ang	ang
*aʔ	ǎ	ǎ	ǎ	ah	
*ia	ia	ia	ea, ya	ia	ia
*iai	iai	iai	eae, yae	iai	iai
*iau	iau, eao	iau, eao	eaou, yaou	iau	iao
*iaŋ	iam, eam	iang, eang	ěang, yang	iang	iang
*iaʔ	iǎ	iǎ	eǎ, yǎ	iah	
*ua	ua, oa	ua, oa	wa	wa	oua
*uai	uai, oai	uai, oai	wae	wai	ouai
*uan	uan, oan	uan, oan	wan	uen	ouan
*uaŋ	uam, oam	uang, oang	wang	wang	ouang
*uaʔ	uǎ	uǎ	wǎ	uah	
*ɛ	e	e		ǎ	e
*ɛu / ʌu	eu	eu	ow	au	eou
*ɛn	en	en	en	in	en
*ɛŋ / æŋ	em	eng	ǎng		eng
*ɛʔ	ě	ě	ě		
*iɛ	ie	ie		ie	ie
*iɛu / iu	ieu	ieu	ew, yew	iu	ieou
*ien	ien	ien	ěen, yen	ien	ien
*iɛʔ	iě	iě	ěě, yě		
*uei / uei	uei, oei	uei, oei	wei	wei, wi	wei
*uen	uen, oen	uen, oen	uen		
*ueʔ	uě, oě	uě, oě	uě		
*yɛ	iue	iue	eue, yue	iue	iue
*yɛn	iuen	iuen	ěuen, yuen	iuen	iuán
*yɛʔ	iuě	iuě	euě, yuě		
*e			ay		
*ie			eay, yay		
*ei			ei		
*eʔ / iʔ	ě.	ě.	ih		
*ieʔ / iʔ	iě.	iě.			
*ə	ul	ul	urh	‘rh	eul
*ɔ	o	o	o		
*uɔ	uo	uo	wo	o	ouo
*uɔn	uon	uon			
*ɔʔ	ǒ	ǒ	ǒ		
*oʔ / ʊʔ	ǒ.	ǒ.			
*ioʔ / iʊʔ	iǒ.	iǒ.			
*ioʔ	iǒ	iǒ	eǒ, yǒ	ioh	
*uɔʔ			wǒ		

Tabela 11 – Quadro comparativo de romanizações do mandarim moderno

(A) INICIAIS

	IPA	Wade-Giles 1892	Hanyu Pinyin 1959	Obs.
LABIAIS E LABIO-DENTAIS	p	p	b	Nunca ocorrem antes de [y]
	p ^h	p'	p	
	m	m	m	
	f	f	f	
DENTAIS	t	t	d	Podem ocorrer antes de [y]
	t ^h	t'	t	
	n	n	n	
	l	l	l	
ALVEOLO-PALATAIS	tʃ	ch	j	Ocorrem exclusivamente antes de vogais altas anteriores [i,y] ou respectivos glides
	tʃ ^h	ch'	q	
	ʃ	hs	x	
SIBILANTES	ts	ts	z	
	ts ^h	ts'	c	
	s	s	s	
RETROFLEXAS OU PÓS-ALVEOLARES	tʂ	ch	zh	Nunca ocorrem antes de vogais altas anteriores
	tʂ ^h	ch'	ch	
	ʂ	sh	sh	
	ʐ / ʑ	j	r	
VELARES	k	k	g	
	k ^h	k'	k	
	x	h	h	

(B) FINAIS

	IPA	Wade-Giles 1892	Hanyu Pinyin 1959	Obs.
Núcleo vocálico /a/	a	a	a	Pinyin: grafado <ya> em sílabas sem consoante inicial
	ai	ai	ai	
	aʊ	ao	ao	
	an	an	an	
	aŋ	ang	ang	
	ia	ia	ia	

	IPA	Wade-Giles 1892	Hanyu Pinyin 1959	Obs.
Núcleo vocálico /a/	iai	yai	(yai)	No mandarim moderno, apenas em sílabas sem consoante inicial (nas outras posições, fundiu-se com [je]) Na pronúncia padrão da China continental: [iai] > [ia]. Em Taiwan, quatro caracteres mantêm a leitura [iai]
	iao	iao	iao	Pinyin: grafado <yao> em sílabas sem consoante inicial
	ien	ien	ian	Pinyin: grafado <yan> em sílabas sem consoante inicial
	iang	iang	iang	Pinyin: grafado <yang> em sílabas sem consoante inicial
	ua	ua	ua	Pinyin: grafado <wa> em sílabas sem consoante inicial
	uai	uai	uai	Pinyin: grafado <wai> em sílabas sem consoante inicial
	uan	uan	uan	Pinyin: grafado <wan> em sílabas sem consoante inicial
	uang	uang	uang	Pinyin: grafado <wang> em sílabas sem consoante inicial
	üen	üen	uan	Pinyin: uan por [üen] só ocorre após <j,q,x>
Núcleo vocálico /i/	i	i	i	Pinyin: grafado <yi> em sílabas sem consoante inicial
	in	in	in	Pinyin: grafado <yin> em sílabas sem consoante inicial
	ing	ing	ing	Pinyin: grafado <ying> em sílabas sem consoante inicial
Rima zero ou Vogal apical	ɿ / ʅ	ü	i	Ocorre somente após sibilantes, em distribuição complementar com [i]. Transcrições fonéticas alternativas: [ɿ, u]
	ɿ / ʅ	ih	i	Ocorre somente após retroflexas, em distribuição complementar com [i]. Transcrições fonéticas alternativas: [ɿ, ɿ]
Núcleo vocálico /ə/	ɤ	o, ê	e	Wade-Giles: grafado <o> após velares
	ei	ei	ei	
	ou	ou	ou	
	ən	ên	en	

	IPA	Wade-Giles 1892	Hanyu Pinyin 1959	Obs.
Núcleo vocálico /ə/	əŋ	eng	eng	
	ie	ie	ie	Pinyin: grafado <ye> em sílabas sem consoante inicial
	iou	iou, iu	iou, iu	Pinyin: grafado <you> em sílabas sem consoante inicial
	uo	o	uo, o	Pinyin: grafado <wo> em sílabas sem consoante inicial
	uei	uei	uei, ui	Pinyin: grafado <wei> em sílabas sem consoante inicial
	uən, un	uen	wen, un	Pinyin: grafado <wen> em sílabas sem consoante inicial
	uəŋ, uŋ	weng, ung	weng, ong	Pinyin: grafado <weng> em sílabas sem consoante inicial
	ye	üe	üe, ue	Pinyin: grafado <yue> em sílabas sem consoante inicial
Núcleo vocálico /u/	u	u	u	Pinyin: grafado <wu> em sílabas sem consoante inicial
	uŋ	ung	ong	
	iuŋ	iung	iong	Pinyin: grafado <yong> em sílabas sem consoante inicial
Núcleo vocálico /y/	y	ü	ü, u	Pinyin: grafado <u> após <j.q.x> e <ü> após <n, l> (às vezes grafado <v> para evitar o diacrítico) Pinyin: grafado <yu> em sílabas sem consoante inicial
	yn	ün	ün, un	
Final retroflexa	aə	erh	er, r	

4. METODOLOGIA

A transformação diacrônica e a diversidade dialetal da língua chinesa, além da dificuldade de notação de alguns de seus fonemas em alfabeto latino, resultaram em múltiplas romanizações, não raro conflitantes, que exigem do pesquisador atenção redobrada. No *Glossário*, a falta de padronização nas transcrições e a ausência de caracteres chineses que ofereceriam suporte à desambiguação nos frequentíssimos casos de homofonia impõem desafios ao reconhecimento dos étimos.

A discussão do percurso etimológico deve, naturalmente, contemplar não só as variáveis acima expostas, como também a plausibilidade das mudanças fonéticas e a abonação dos supostos étimos em fontes chinesas ou obras de referência. Nos casos de maior incerteza, cabe apresentar hipóteses alternativas, formuladas com base em novos dados.

A seguir, expomos as especificidades do objeto em estudo, o método etimológico e os conceitos que nortearam nossa pesquisa, além dos critérios e convenções adotados na análise dos dados.

4.1 O OBJETO E SUAS ESPECIFICIDADES

O propósito deste trabalho é atualizar a discussão etimológica a respeito dos vocábulos de origem chinesa no *Glossário luso-asiático*. As hipóteses apresentadas por Dalgado são analisadas à luz de novos dados e argumentos que permitam confirmar os étimos ou construir novas proposições etimológicas.

Foram localizados, entre os 5.640 verbetes da obra, 159 vocábulos cuja etimologia é apontada como “do chinês”, “do mandarim” ou “do cantonês”. Segundo as abonações coligidas pelo autor do *Glossário*, a maioria (77%) tem seu primeiro registro entre os séculos XVI e XVIII, sobretudo em relatos de viajantes e missionários portugueses no Extremo Oriente. Um grande número designa cargos públicos, órgãos da administração imperial, termos náuticos e unidades de pesos e medidas.

Todos esses vocábulos são aqui tratados como empréstimos. Em outras palavras, neste estudo, considera-se empréstimo lexical todo vocábulo estrangeiro registrado nos verbetes do *Glossário*, mesmo que hoje esteja em desuso. Ao adotar esse sentido lato, prescindimos da distinção entre *Lehnwörter* e *Fremdwörter* (empréstimos e estrangeirismos) por considerá-la, como aponta Durkin (2009), pouco viável. Na prática, os dados disponíveis não permitem distinguir, com absoluta certeza, quais deles estiveram incorporados ao léxico do português oriental em algum momento – e seriam, portanto, empréstimos propriamente ditos – e quais teriam permanecido “exóticos”, como estrangeirismos ocasionais.

As transcrições da língua chinesa encontradas na literatura portuguesa de viagens não coincidem, necessariamente, com romanizações sistematizadas como as desenvolvidas pelos jesuítas já a partir do século XVI. Essas transcrições, que diferem conforme a época e o autor, em geral desprezam distinções fonológicas importantes e fazem largo uso de adaptações ortográficas e morfológicas. Assim o mand. *shǒu* “mão”, por exemplo, pode aparecer grafado ora “chu” ora “xo”, e o mand. *chéng* “cidade”, é aportuguesado como “cheno”.

Consequentemente, pode haver uma distância significativa entre o étimo e a forma registrada nas abonações. Essas “palavras peregrinas” podiam percorrer um longo caminho de adaptações antes de serem registradas por escrito, como Dalgado resume na Introdução:

Sabiam muito bem os nossos escritores que diversas línguas vernáculas, mormente as monossilábicas, tinham mais fonemas, sons aspirados, letras dobradas sonantes, tons ou modulações de voz; os quais não podiam, em geral, enunciar e reproduzir na escrita, e se o pudessem, não seriam entendidos. [...] Fernão Mendes ouvira, mais e melhor do que os viajantes modernos, os japoneses dizerem *kimonó*; como porêm não escrevia para japões, mas para portugueses, e não queria passar por tolo (que o tachariam de mentiroso, já o previa), ortografou *quimão*; e *quimão* é a verdadeira representação nacional de *kimonó*, que, por mais que se repita, será sempre vocábulo estrangeiro. (DALGADO, 1919, p. XXVI)

Aparentemente colhidas de fontes variadas e sem o conhecimento direto da língua chinesa, as transcrições fonéticas adotadas por Dalgado em suas proposições etimológicas revelam-se muitas vezes inconsistentes.

Por outro lado, as etimologias propostas no *Glossário* têm, naturalmente, graus variáveis de precisão. Se algumas são transparentes e permitem averiguação, como mand. *káu ling* (topônimo) > caulim, outras, com maior irregularidade nas mudanças fonéticas ou semânticas, como mand. *chín hū* (?) > *chandeu*, merecem uma nova discussão que contribua para esclarecer seu percurso etimológico e separar soluções *ad hoc* de soluções mais prováveis e científicas.

4.2 O MÉTODO ETIMOLÓGICO

O ponto de partida para essa nova discussão será, portanto, avaliar a compatibilidade do étimo proposto por Dalgado com o sistema fonológico da língua chinesa, sem perder de vista as variações diacrônicas e dialetais. O próximo passo será cotejar esse étimo com as variantes gráficas encontradas nas abonações reunidas no *Glossário* a fim de avaliar as mudanças fonéticas – e semânticas, se houver – com base em paralelos com outras palavras ou outros sistemas. A partir daí, reconstroem-se formas *possíveis* em chinês, isto é, formas congruentes com o padrão silábico e o sistema fonológico da língua chinesa na sincronia pertinente. Cada étimo terá, portanto, um conjunto de formas hipotéticas a serem testadas. As hipóteses mais fortes devem, idealmente, servir para explicar não apenas uma palavra-problema, mas um grupo de vocábulos.

Vale ressaltar que, no trabalho com sincronias pretéritas – e, portanto, com reconstruções – não há certezas absolutas. Para Jespersen (*apud* VIARO, 2011), as etimologias podem ser classificadas em “graus de certeza”: certo, provável, possível, improvável e impossível. Viaro e Bizzochi (2016) propõem quantificar o grau de certeza de uma proposição etimológica em função de três fatores, a saber, a regularidade das leis fonéticas, a existência de dados reconstruídos e a manutenção do significado. Os graus de certeza, segundo esse sistema, são:

[1] Certo:

aplicação regular das leis fonéticas;
dados não reconstruídos;
significado mantido.

[2] Provável:

aplicação regular de leis fonéticas;
dados reconstruídos;
significado mantido; ou
irregularidade nas leis fonéticas em apenas um *locus*;
dados não reconstruídos;
significado mantido.

[3] Possível:

aplicação regular das leis fonéticas;
dados não reconstruídos;
significado não mantido; ou

aplicação regular de leis fonéticas;
dados reconstruídos;
significado não mantido; ou

irregularidade nas leis fonéticas em apenas um *locus*;
dados reconstruídos;
significado mantido.

[4] Improvável:

irregularidade nas leis fonéticas em apenas um *locus*;
dados reconstruídos ou não;
significado não mantido; ou

irregularidade nas leis fonéticas em mais de um *locus*;
dados reconstruídos ou não;
significado mantido.

[5] Impossível:

irregularidade nas leis fonéticas em mais de um *locus*;
dados reconstruídos ou não;
significado não mantido

Os indicadores acima são sintetizados na seguinte tabela:

Tabela 12 – Atribuição de graus de certeza a partir de índices da etimologia proposta

Regularidade das leis fonéticas ($i \leq 1$) (sendo i = número de <i>loci</i> irregulares)	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>	<i>não</i>	<i>não</i>	<i>não</i>
Reconstrução	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>	<i>não</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>	<i>não</i>
Manutenção do significado	<i>sim</i>	<i>não</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>
Número de <i>loci</i> irregulares	0	1	0	1	0	1	> 1	> 1
Grau de certeza	[2]	[3]	[3]	[4]	[1]	[2]	[3]	[4]
					[4]	[5]	[4]	[5]

Fonte: Viaro e Bizzocchi (2016).

Conforme apontam os autores, os critérios desse protocolo não se aplicam totalmente aos casos de empréstimos. De fato, no processo de aportuguesamento dos vocábulos chineses há tantas variáveis a considerar que é temerário falar em “regras” e menos ainda em “leis fonéticas”. Ainda assim, é possível observar certas tendências, sobretudo na transposição das consoantes iniciais. Com exceção dos traços “aspirado” e “retroflexo”, não fonêmicos em português, outros elementos como o ponto e o modo de articulação tendem a se manter idênticos

ou aproximados. Assim, */p/ e */p^h/, por exemplo, normalmente se transformam em “p”, mas nunca “s”. A tabela abaixo resume as transcrições mais comumente observadas:

Tabela 13 – Transcrição das consoantes iniciais do mandarim pré-moderno

TRANSCRIÇÃO FONÉTICA RECONSTRUÍDA	GRAFEMAS RECORRENTES NA LITERATURA PORTUGUESA	EXEMPLOS
*p	p	*pi wɔ > pio “capitão”
*p ^h		*ʃou p ^h a > xopa “lenço”
*m	m	*mau tsɿ > mauzu “chapéu”
*f	f	*fɔ > fó “Buda”
*t	t	*ta li > tali “cerimônia”
*t ^h		*t ^h ai > tai “fortificação”
*l	l	*lau jɛ > *louié
*k	c, qu	*kiŋ tʃai > quinchai “”
*k ^h		*k ^h aŋ > cane “leito aquecido”
		*hoʃan > coxão “monge”
*h	f	*hau > fão “unidade monetária”
	h	*haŋ > hão “negociante”
*ts	ç, c	*pa tsɔŋ > paçum “sargento”
*ts ^h		*tsɔŋ piŋ > *çompim > compim
*s		*/tou si:/ > toçi > toci
	s	*sɿ kwa > siquá “bucha”
*tʃ	ch tch	*li tʃl > lechia “lichia”
		*tʃaŋ > tchang “unidade de medida”
*tʃ ^h		*tʃ ^h a > chá
*ʃ		*ʃou k ^h au > chuca “algema”
	x	*ʃaŋ ʃu > xanxu “ministro”
	s	*ʃl tsɿ > suçu “caqui”
	c	*antʃ ^h aʃl > anchaci “inspetor”
*z	j	*ts ^h y zəŋ > chujêm
	g	*ta zɿŋ > tagim
*ŋ / *ɣ	g, gu	(?) > guigavo, monguiloto

As rimas, em geral, transcrevem com relativa regularidade a pronúncia da época da abonação. Os desvios mais recorrentes em relação ao mandarim pré-moderno registram-se nas

vogais inexistentes no português, nas nasais em coda silábica e no ditongo */au/ em fim de palavra. Nesses casos, a adaptação ortográfica produz notável oscilação na transcrição das vogais */y, ɿ, ʊ/; perda da distinção do par */n, ŋ/ em coda silábica e frequente aportuguesamento de finais em “ão”.

As tendências expostas acima não garantem uma correspondência unívoca entre os fonemas e suas transcrições. Além das oscilações na representação dos fonemas, também há casos de acréscimo, supressão e transposição de sons. Essas divergências formais consideráveis advêm do fato de que os empréstimos, ainda que tenham origem numa mesma língua, chegaram ao léxico português por vias diferentes e em momentos distintos.

Irregularidades dessa natureza obviamente afetam os graus de certeza das propostas etimológicas e, não raro, inviabilizam a identificação de possíveis étimos, a menos que se encontre um elo semântico forte entre uma transcrição imprecisa e um vocábulo chinês atestado. É a preservação do significado que permite conjecturar, por exemplo, que <xo> em “xopa” (lenço) e <chu> em “chuca” (algemas) transcrevem 手 “mão”, presente nas lexias 手帕 *shǒupà* “lenço” (lit. pano de mão) e 手铐 *shǒukào* (lit. grilhões de mão).

Ocasionalmente também se observa a ocorrência das chamadas “palavras de papel”, isto é, termos que se originaram de erros de cópia ou impressão. Esses equívocos vão desde a confusão banal entre <u> e <n> (“chien” no lugar de “chieu” < mand. */tɕiəu/ “bebida alcoólica”) até desvios mais peculiares como <mi> > <inc> (“incão” por “miao” < mand. */miau/ “templo”). No aspecto tipográfico, era prática difundida, como observa Dalgado, omitir o cedilha em posição inicial, fundindo <ç> e <c> (“compim” por “çompim” < mand. */tsuŋpiŋ/ “comandante militar”).

O primeiro passo para refazer o caminho até o étimo será o cotejo das formas registradas nas abonações em português e em outras línguas, do sentido descrito no verbete e da transcrição fonética a fim de levantar uma lista de possibilidades que serão fortalecidas ou descartadas pela consulta a obras de referência como dicionários de língua chinesa, dicionários históricos e estudos de outros autores.

A reconstrução da pronúncia deverá levar em conta as variações diacrônicas e dialetais da língua chinesa que possam esclarecer as abundantes divergências formais. Em sua fase pré-moderna, que se situa entre os séculos XV e XVIII, o mandarim, como já vimos no Capítulo 3, aproxima-se, mas não é idêntico à língua padrão da atualidade. Por outro lado, sabemos que aquela língua dos mandarins, na prática, era pronunciada com mais ou menos “sotaque”

conforme a proficiência do falante. Não se podem, portanto, descartar as possibilidades de desvios da norma mesmo nas palavras aprendidas com falantes letrados. Segundo Wang (2014), nas transcrições anotadas por Matteo Ricci, por exemplo, há indícios de que o professor do missionário jesuíta era falante nativo de hokkien.

Os contextos de uso também podem oferecer pistas sobre a origem do étimo. Tendo em mente que o mandarim era uma segunda língua formal e os dialetos locais eram a língua das atividades cotidianas, é justo pensar, como ponto de partida, que vocábulos da esfera oficial ou culta, por exemplo os atinentes à organização social ou política e ao trato com autoridades civis ou militares, em geral têm étimos mandarins, com possível influência de algum substrato dialetal, e que os da esfera popular ou vulgar, como termos afetivos ou depreciativos e objetos do uso cotidiano, têm origem puramente dialetal.

4.3 CRITÉRIOS E CONVENÇÕES

4.3.1 Organização dos vocábulos estudados

O principal critério para a inclusão dos vocábulos neste estudo foi a menção, no respectivo verbete, de uma etimologia “do chinês”, “do mandarim” ou “do cantonês”.

Os vocábulos analisados são apresentados em ordem alfabética, da seguinte forma: (1) a entrada, (2) as variantes gráficas encontradas nas abonações, (3) a etimologia proposta pelo autor, (4) a definição do autor, (5) a abonação mais antiga em língua portuguesa conforme o *Glossário* e (6) a nossa discussão etimológica.

O asterisco usado por Dalgado para assinalar os verbetes não dicionarizados foi substituído pelo asterisco asiático (※) a fim de evitar que se confunda com o símbolo indicativo de reconstrução. A palavra HOUAISS sobrescrita na entrada assinala os verbetes registrados no Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa (2009).

Os elementos transcritos do *Glossário* são apresentados em fonte menor, com recuo. Abaixo dessa transcrição, seguem a análise do verbete com a etimologia proposta neste trabalho e o comentário. Nessa análise, procuramos comparar o vocábulo com o étimo proposto por Dalgado, avaliando a plausibilidade das mudanças fonéticas ou semânticas em paralelo com outras palavras ou sistemas.

4.3.2 Étimo e origem

Em alguns casos, o *Glossário* não faz uma distinção nítida entre étimo e origem. Se o étimo é “a forma equivalente da mesma palavra, imediatamente anterior numa sincronia pretérita qualquer” (VIARO, 2011), a origem remota está numa sincronia ainda mais antiga ou em outro idioma. Nessa perspectiva, quando se afirma, por exemplo, que o português “chávena” vem do chinês *cha wan* através do malaio *cawan*, o que se está dizendo, a rigor, é que o étimo é malaio e a origem é chinesa. Ainda assim, a fim de elucidar o percurso etimológico, sobretudo em hipóteses menos pacíficas, não foram descartados os verbetes cujo étimo pode não ser chinês.

4.3.3 *Terminus a quo*

No escopo desta pesquisa, consideramos como *terminus a quo* (isto é, o limite mais antigo de uma forma estudada) a abonação mais antiga em língua portuguesa apresentada no *Glossário luso-asiático*, que transcrevemos junto com o verbete.

Vale notar que Dalgado por vezes inclui abonações em outras línguas, algumas mais antigas que as portuguesas. As formas encontradas nesses excertos da literatura estrangeira, com suas divergências e semelhanças, servem de referência para a discussão etimológica.

4.3.4 Transcrições fonéticas e romanizações

Os textos transcritos do *Glossário* mantêm as romanizações originais.

O alfabeto fonético internacional é utilizado na transcrição fonética lata dos étimos reconstruídos na proposta etimológica. Os tons não foram incluídos pelos motivos expostos na página 57.

Na discussão, utilizamos as romanizações *hanyu pinyin* (ou *pinyin*) para o mandarim, *jyutjyu pingjam* (ou *jyutping*) para o cantonês, e *peh-oe-ji* para o hokkien. O *pinyin*, criado nos anos 1950, é a romanização oficial para o mandarim padrão moderno na China continental. O *jyutping*, desenvolvido nos anos 1990 pela Sociedade Linguística de Hong Kong, é um dos sistemas mais precisos para a transcrição do cantonês padrão. O *peh-oe-ji*, criado por missionários ocidentais no século XIX, é usado tradicionalmente para transcrever os dialetos de Xiamen (Amoy) e Taiwan, as variantes mais estudadas do hokkien. A adoção desses sistemas no presente trabalho foi motivada por seu uso difundido nos dicionários modernos, o que permitirá a localização dos vocábulos chineses nessas obras de referência.

4.3.5 Uso dos caracteres chineses

Ainda que, por sua natureza logográfica, a escrita chinesa não forneça informações fonéticas precisas, ela mantém uma semântica relativamente estável, em especial nas sincronias recentes, e, por conseguinte, é de grande valia na desambiguação de termos e na identificação dos étimos.

5. OS ÉTIMOS CHINESES NO *GLOSSÁRIO LUSO-ASIÁTICO*

Neste capítulo, os 159 vocábulos com étimos chineses encontrados no *Glossário luso-asiático* são numerados e apresentados em ordem alfabética, divididos em dois grupos, conforme o volume em que estão originalmente inseridos:

Volume I (A – L): 94 verbetes

Volume II (M – Z): 63 verbetes

Os elementos textuais do *Glossário* foram transcritos, com recuo à direita, na seguinte ordem:

- (a) a entrada, isto é, o título do verbete;
- (b) as variantes gráficas encontradas nas abonações;
- (c) a etimologia proposta;
- (d) a definição do autor; e
- (e) a abonação mais antiga em português.

Abaixo dessa transcrição, apresenta-se a análise contendo:

- (a) a proposta etimológica revisada (às vezes mais de uma), com o étimo em alfabeto fonético internacional;
- (b) a discussão etimológica.

5.1 VERBETES DO VOLUME I A – L

(1) AITAU, AITÃO (mais us.)

Var. oytão, aytau, aytam

Do chin. *hae-tao*, “chefe do mar”.

É o título do almirante chinês. O seu tribunal tinha jurisdição sobre a gente do mar e sobre os estrangeiros.

1534. – “Estes perguntarão outro tanto a oytão que teem carrego do mar e dos estrangeiros”. – Cristóvão Vieira, *apud* Ferguson, *Letters*, p. 80

ANÁLISE:

海道 mand. */xaitau/ > aytau > aytam > aitão

海道 cant. */xɔ:ytou/ > oytão

O étimo proposto por Dalgado é preciso quanto à fonética – “hae” é uma das romanizações do mand. */hai/. Para chegar a “aitão” houve aférese do /h/ e nasalização do ditongo /au/ em posição final, fenômenos recorrentes principalmente nos empréstimos mais antigos. A variante *oytão* pode ter origem na pronúncia cantonesa.

A tradução literal, no entanto, não é “chefe do mar”, mas “circuito marítimo”. O termo *hǎidào*, composto de 海 *hǎi* “mar, marítimo” e 道 *dào* “via, rota, circuito”, é abreviação de um cargo público. Neste caso, 道 *dào* designa uma antiga divisão administrativa cujo nome usualmente se traduz por “circuito”.

O título completo dos *hǎidào* da Dinastia Míng [1368–1644] com quem os portugueses mantinham contato era 巡視海道副使 *xúnshì hǎidào fùshǐ* “sub-comissário da Administração Judicial para o Circuito da Inspeção Marítima”, usualmente abreviado 海道副使 *hǎidào fùshǐ* “sub-comissário da Administração Judicial para o Circuito Marítimo” ou simplesmente 海道 *hǎidào* “Circuito Marítimo” (JIN, 2000).

(2) ANCHACI*

Var. anchaçy, amechaci, en casi, ngan-cha-si, ancasio (it.)

Do chin. *án-cha-sz'*

Juiz provincial na China.

1534. — “Estes dous mandarís que perguntarão hum era o *chãcy* outro o **anchaçy** que eram os mayores de Cantão”. — Cristóvão Vieira, *apud* Donald Ferguson, *Letters*, p. 80.

ANÁLISE:

按察使 mand. */antʂa²ɕ/ > anchaci → anchacilado

Dalgado dá como étimo *án-cha-sz'*, i.e., 按察使 *àncháshǐ* “comissário da administração judicial”, termo composto de 按察 *ànchá* “inspecionar” e 使 *shǐ* “comissário”. A perda do traço retroflexo em /ʂ/ é indício de interferência dialetal.

Na definição de Morrison (1819): “gan cha sze” é o juiz criminal de uma província, com direito ao título 大老爺 *dà lǎoyé* (v. **lauié**) e chamado por cortesia 大人 *dàrén* (v. **tagin**). Morrison transcreve como “g” a nasal velar inicial */ŋ/ do mandarim pré-moderno e de alguns dialetos, e frequentemente anota /s/ onde a pronúncia padrão tem /ʂ/, talvez por interferência dialetal dos seus instrutores de chinês.

Jin (2000, p. 20) define **anchashi** como “comissário da administração judicial”, e explica (acrescento os caracteres chineses):

É a abreviatura de 提刑按察使司 *Tíxíng àncháshǐ sī*, instituição dos Ming, preservada na Dinastia Qing. Era a administração judicial provincial, cujo titular se chamava 按察使 *Àncháshǐ* [Comissário da Administração Judicial], de 3ª [hierarquia]. Embora, pelo nome, dê a impressão de que se ocupava, unicamente, com assuntos judiciais, de facto, exercia, junto com o 布政使 *Bùzhèngshǐ* [Comissário da Administração Civil], jurisdição sobre toda a província. [...] Fernão Mendes Pinto usou e abusou deste termo. E chegou ao ponto de criar um neologismo ‘anchacilado’.

(3) ANCHÃO*

Var. amchom

Do cant. *ham*, “tampa”, e *chõum*, “malga”. O malaio tem *anchong*.

Usado em ágio-português (dialecto macaense *anchom*, *anchõum*) por “boião pequeno, compoteira”.

1880. — “Eu já mandá dos **amchôm** di *achar* di *gamen*, um ha balsa di sucre pedra, dos jara di *jagra*”.

— Dialecto de Macau, in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, II, p. 169.

ANÁLISE:

Origem controversa.

(?) 𠵼𠵼 cant. */həm tʃowŋ/ > mac. *amchom* > anchão

(?) 𠵼𠵼 cant. */owŋ tsoŋŋ/ > mal. *ancong* > krist. *anchong* > mac. *amchom* > anchão

(?) 掩𠵼 hok. */am tsoŋ/ > mac. *am(e)chom* > anchão

O étimo apontado por Dalgado corresponde ao cantonês 𠵼盅 *ham⁶ zung¹*, “tigela com tampa”. Nessa hipótese, teria ocorrido aférese do /h/.

O termo designa um pote de barro vidrado apenas no interior que se usa para guardar compotas e conservas caseiras, e também um recipiente do mesmo material, mas com capacidade aproximada de 20 litros, usado para guardar água potável (BATALHA 1988, p. 41).

O crioulo de Macau pode ter recebido o vocábulo de Malaca, e não da China, como ocorre com parte considerável de seu léxico (cf. DALGADO, 1919). O papiá kristang de Malaca tem *anchong* com o sentido de “pequeno pote de conservas”. Segundo Jones (2008, p. 17) o malaio *ancong* /antʃoŋ/, “recipiente de cerâmica”, vem do cantonês 甕盅 *ung³ zung¹*, “vaso bojudo”.

Batalha (op. cit.) grafa “amechon” por *[amətʃõ] ou *[amtʃõ] e observa que a pronúncia *anchão* registrada em Dalgado “não se verifica actualmente nem parece ter sido usada pelos fins do século passado”. Pela ocorrência de /m/ em coda silábica, pode-se supor que não se trata de um empréstimo malaio nem mandarim (línguas que não admitem /m/ nessa posição), mas de algum dialeto chinês como o cantonês ou o hokkien. A pesquisadora aponta como étimo 掩盅 *am chông*, “recipiente com tampa”, sem especificar o dialeto. A leitura dos ideogramas, isoladamente, coincide com o hokkien, mas o composto não foi encontrado em nenhum dicionário consultado, talvez por se tratar de termo obsoleto. As pronúncias do mandarim (*yǎn zhōng*) e do cantonês (*jim² zung¹*) divergem da anotada por Batalha.

(4) APÔ

Do chin. *yó pó* “mulher velha”.

(s.f.). Emprega-se êste termo em Macau para designar a mulher chinesa da classe baixa.

1667. — “Sucedeo pore, que indo vespora da Paschoa 9 de Abril hũa lorcha em q’hião duas **apôs** hũ soldado ou cryado da terra e dous remadores; estando para desembarcar em terra; de cima da terra tirarão frechas e espingardas; e hũ pelouro deu no soldado, matou-o; e como as duas **apôs** estavam já em terra, vieram os soldados Chinas, cortarão-lhe as cabeças; os dous remadores remarão e trouxerão a lorcha ao meyo do Rio; de onde vierão para Macão sem as **apôs**”. — *In Ta-ssi-yang-kuó*, de Dezembro de 1899.

ANÁLISE:

亞婆 cant. */a:p^hɔ:/ > apô

O étimo proposto por Dalgado parece uma transcrição imprecisa da pronúncia mandarina *yàpó*, embora o mais provável seja o cantonês *aa³ po⁴*. O ideograma 亞, modernamente pronunciado /ja/ em mandarim e /a:ɿ/ em cantonês, tinha o sentido de “feio, corcunda” e, por extensão, “de segunda categoria”; usado como prefixo, designava pessoas humildes, ou da classe baixa (MORRISON, 1819). Com o termo 婆 *po⁴* “velha”, forma o composto 亞婆 cant. *aa³ po⁴*, “velha humilde”.

Em Macau, apô designa “mulher chinesa velha, mulher de condição humilde, mulher chinesa em geral desde que não seja jovem” (BATALHA, 1988, p. 286).

No cantonês moderno, o prefixo 亞 *aa³* forma hipocorísticos: 亞爸 *aa³ baa¹* “papai”, 亞媽 *aa³ maa¹* “mamãe”, 亞爺 *aa³ je⁴* “vovô”, 亞姑 *aa³ gu¹* “titia”. O mandarim padrão, por norma, grafa o mesmo sufixo com o ideograma 阿 *ā*.

(5) CANCHEUFU*

Do chin. *kvân-chân-fu*

Sala de audiência da prefeitura, na China.

1534 – “E leuarão a ele no descalço sem barrete com apupadas de rapazes a cadea de **cancheufu**.” – Cristóvão Vieira, *apud* Ferguson, *Letters*, p. 60.

“Atentas as casas de justiça que há nesta cidade de Cantão a primeira é o **cancheufu** que he casa de cidade esta tem doze ou treze mandarís e çem escrivães.” – *Id.*, p. 75.

ANÁLISE:

廣州府 mand. */kuɑŋtʃeufu/ ≈ cant. */k^wɔŋtʃeufu/ > cancheufu

O étimo proposto por Dalgado apresenta, do ponto de vista da forma, duas anomalias: o encontro consonantal <kv>, não permitido na fonologia chinesa, e “chân” como origem de “cheu”. No primeiro, <v> pode ter sido usado no lugar de <w> ou <u> e, no segundo, possivelmente houve confusão entre “u” e “n”.

Dois autores apontam, como étimo, a composição formada por 廣州 mand. *Guǎngzhōu* “Cantão” (capital provincial) e 府 mand. *fǔ* “prefeitura” ou, por extensão, “chefe da prefeitura”. Conforme Loureiro (1997, p. 205), o termo designa a sala de audiências da prefeitura ou algum funcionário desse órgão. Segundo D’Intino (1989, p. 11, nota 30), “governador da prefeitura de Cantão”.

As duas únicas abonações incluídas no *Glossário* vêm do mesmo documento.

(6) **CANGA** ^{HOUAISS}

Var. *ganga*

Do mand. ant. *kanggiai* pelo cant. *k'ang-ka*, “trazer a canga”

(*cangue* em francês e inglês). O significado oriental desta palavra é “tábua de suplício”, usada especialmente na China e Cochinchina. Joaquim Calado Crespo descreve-a do seguinte modo (*Cousas da China*): “A canga é um pesado quadrado de madeira com 80 centímetros de lado por 5 de espessura, tendo um buraco central onde fica preso o pescoço do condenado”.

O vocábulo, neste sentido, é, segundo Yule, genuinamente chinês, registado em um dicionário do século IX com a forma de *kanggiai* (mandarino moderno *kyang-hiai*). De *kanggiai* provêm o cantonês *k'ang-ka*, “trazer a canga”, e provavelmente o anamita *gang*. Julga êle provável que os portugueses tomaram a palavra duma dessas últimas formas, e a associaram com a sua própria *canga*, “jugo de bois”, ou “jugo de carregador para transportar cargas”. Gonçalves Viana, porém, afirma que o termo português *canga* “designou, por analogia de forma ou de aplicação, a tábua que serve de suplício na China”. V. *Influência*. Os nossos mais antigos orientistas não dão nenhum nome específico ao instrumento. Fernão Pinto chama-lhe simplesmente *colar*: “Nos mandou meter numa estreya prisão com grilhões nos pés, algemas nas mãos e *collares* nos pescoços”. O P. Belchior Nunes (1555) designa-o por *tábua*: “Com hũa *taboa* metida no pescoço com hũa letras que declaravão seu crime”. Fr. Gaspar da Cruz (1569) emprega a mesma expressão: “Alguns também por leues culpas os fazem andar pelas ruas aa vergonha com hũa *tauoa* grossa e quadrada, de três palmos ou pouco mais de largura, metida pollo pescoço por hũ buraco que tem no meio da largura do pescoço, sendo a tauoa de duas peças que se abre para lh'a meterem pollo pescoço. E na tauoa leua escritas as culpas porque anda aa vergonha”. O P. Semedo, que também descreve minuciosamente o instrumento de tortura (p. 126) e indica o seu nome chinês — *kia liao* — não menciona a palavra *canga*. Emprega-a Castanheda no seguinte passo (VI, cap. 72), mas nao precisamente no sentido oriental: “Sabendo [Vasco da Gama] que forão na frota duas molheres solteiras as mandou açoutar metidas ambas em hũa *canga*.”

A primeira menção de *canga*, na acepção chinesa, encontramos-la no livro de Cardim; mas antes dele, em 1635, António Bocarro alude a *ganga* com a mesma acepção (p. 158): “Amarrado o metteram n'um *balão*, e com um sino o levaram a correr toda a armada, e depois o metteram n'uma capoeira com uma **ganga** ao pescoço” (em Pegu). Parece-me que temos aqui um indício de que o verdadeiro étimo não é a voz portuguesa *canga*, mas o anamita *gang*, que depois, por atracção, se converteu em *canga*. O que é corroborado pelos autores das *Noticias da Cochinchina*, *infra*.

Beato Odorico (1318) fala de uma espécie de *canga*, usada, por motivo religioso, era Choramândel: “In cotal pelegrinaggio molti portano una tavola in collo, ovvero mensa forata, e mettono il capo per lo foro, e cosi la tiene infine che perviene a l'idolo, e quivi la gettano dinanzi di lui”. *Apud* Gubernatis, *Storia*, p. 140.

SUPLEMENTO: O seu nome chinês é *kia*; *kang-kia* que é o étimo do nosso vocábulo, quere dizer “trazer a canga”. *Hyang-kiai*, dado por Yule como forma mandarina actual, é, conforme Pelliot, inexacto.

1640 — “Tinha lançado ao pescoço una **canga** com dois pesados paus a modo de escada”. — “Foi preso André por ser christão e levado ao tronco, onde lhe lançaram uma **canga** ao pescoço, que, como já disse,

são dois paus grossos a modo de escada, mais ou menos pesados conforme a culpa do delinquente”. — P. António F. Cardim, *Batalhas*, pp. 85 e 185.

ANÁLISE:

(?) 扛枷 cant. */k^hɔ:ŋka:/ + analog. canga (jugo de bois) > canga (suplício)

O étimo sugerido por Dalgado corresponde a 扛枷 cant. *kong^l gaa^l*, de 扛 *kong^l* “carregar” e 枷 *gaa^l* “canga”.

A passagem de Yule mencionada neste verbete diz textualmente (grifo nosso): “In the *Kwang-yun* (a Chin. Dict. published A.D.1009) it is called *kanggi* (modern mandarin *hiang-hiai*), i.e., ‘Neck-fetter’”¹⁶ (1903, p. 156). Por falta de familiaridade com a língua chinesa, Dalgado transcreve *hiang-hiai* ora como “kyang-hiai” (no verbete) ora “hyang-kiai” (no Suplemento).

A forma *hiang-hiai* dada por Yule no seu *Hobson-Jobson* é inexata por dois motivos: primeiro porque o antigo */iai/ fundiu-se com /ie/ no mandarim moderno e essa sequência vocálica não ocorre na pronúncia de 枷 *jiā* “canga” nas sincronias recentes e, segundo, porque as transformações fonéticas de *kanggi* não resultariam em *hiang-hiai*, trata-se de duas lexias diferentes: 扛枷 */k^haŋ kja/ “carregar a canga” e 項枷 */xjaŋ kja/ “grilhão de nuca” no mandarim pré-moderno (PULLEYBLANK, 1991), respectivamente *káng jiā* e *xiàng jiā* na romanização atual.

Em chinês, o objeto “canga” (suplício) é designado, com mais frequência, por termos como 枷板 mand. *jiābǎn* ≈ cant. *gaa^l baan²* “tábua de canga”; 枷梢 mand. *jiāshāo* ≈ cant. *gaa^l saau^l* “ponta de canga”; 枷項 mand. *jiā xiàng* ≈ cant. *gaa^l hong⁶* “nuca de canga”; 項枷 mand. *xiàng jiā* ≈ cant. *hong⁶ gaa^l* “grilhão de nuca”.

A proximidade fonética com a frase cantonesa *kong^l gaa^l* “carregar a canga” não é suficiente para confirmar a origem chinesa do termo. É mais seguro afirmar que houve analogia com o jugo de bois europeu.

O dicionário Houaiss (2009) define **canga** como (1) “peça de madeira usada para prender junta de bois a carro ou arado; jugo” e (3) “por analogia (da acepção 1) instrumento de suplício chinês, que consiste em um quadrado de madeira, com um orifício central para conter o pescoço; ganga”.

¹⁶ “No *Kwang-yun* (um dicionário chinês publicado em 1009 d.C.) é chamada *kanggi* (no mandarim moderno *hiang-hiai*), i.e. ‘grilhão de nuca’” [tradução minha]

(7) CANVO*

Var. *kam ho*

Do chin. *kan-vu*

Patente de fornecimento de provisões a um funcionário durante o trajeto na China.

SUPLEMENTO: O seu étimo provável é, conforme Pelliot, o chin. *tchao-heu*

APÊNDICE: O Sr. Pelliot, por subsequente informação, acha inconciliável com a forma das abonações a etimologia (*tchao-hu*) que tinha sugerido. V. *Suplemento*.

1729 – “Quando partir o Embaixador Me-te-ló mandado a pagar tributo levará consigo carta, e as cousas que traz, e então se lhe dará **Kam ho** (he huma patente ou passaporte) para por todo o caminho ter o que lhe for necessário”. — *Apud* Júlio Biker, *Collecção de Tratados*, VI, p. 90.

ANÁLISE:

勘合 mand. */k^han xɔ²/ > kam ho

Pelliot sugere *tchao-heu* ou *tchao-hu* (as romanizações divergem no Suplemento e no Apêndice), mas o autor do *Glossário* não fornece mais dados sobre esse étimo e o sinólogo francês, em segunda análise, considera-o inconciliável com a forma das abonações.

A forma “canvo” é normatização ortográfica proposta por Dalgado a partir de um suposto étimo chinês *kan-vu*; note-se que o grafema <v> nessa romanização é, provavelmente, uma transcrição da aproximante /w/. A única forma abonada em português, segundo consta no *Glossário*, é *kam ho* (1729). Duas abonações francesas mais antigas (1687, 1693) incluídas no Suplemento registram *cang ho* e apontam se tratar de um documento emitido pelo *ping pou* (兵部 mand. *bīngbù* “ministério da guerra”).

Considerando a forma *kam ho*, existe proximidade fonética com as pronúncias dialetais de 監護 mand. *jiānhù* “tutelar, cuidar”, nomeadamente cant. *gaam¹ wu⁶* e hok. *kàm hō*. Não foi localizado, no entanto, o uso desse vocábulo no sentido de “documento de viagem” na época da abonação.

Para a reconstrução do étimo devem-se considerar, ainda, dois fatores comuns aos ouvidos europeus e que podiam levar a transcrições imprecisas: um é a não distinção entre aspiradas e não aspiradas do chinês, como no par /k, k^h/, outro é a não distinção do par /ŋ, n/ em coda silábica (este último fenômeno, note-se, também ocorre em certos dialetos). Além disso, se a notação “ho” estiver correta, corresponderia a */xɔ/ ou */xɔ²/ no mandarim pré-moderno. Temos assim o molde “KaN ho”, onde K pode ser /k/ ou /k^h/; N pode ser /ŋ/ ou /n/.

Encaixa-se nesse molde o termo 勘合 *kānhé*, composto de 勘 *kān* “conferir, verificar” e 合 *hé* “conformidade”. Trata-se de um documento instituído na dinastia Qing (1616-1911) e

emitido pelo 兵部 *bīngbù* “Ministério da Guerra” que garantia, aos funcionários em viagem oficial, o uso dos recursos do sistema de mensageria imperial (estalagens, cavalos, pajens, carruagens, barcos, víveres etc.) proporcionais ao seu grau hierárquico. Condiz, portanto, com as abonações do *Glossário* quanto ao período histórico, ao órgão emissor e ao significado.

(8) **CAULIM** ^{HOUAISS}

Var. caulino, kaolin, kau-lin

Do chin. *káu-ling*

Substância argilosa de que se fabrica a porcelana na China

1898 – “Rigorosamente, a peça de porcellana, saída do forno japonês, não desperta admiração pela pureza do seu **kaolin**, mas encanta pela genlizeza nas formas, pelo mimo nos desenhos, pelo brilho nos esmaltes” – Venceslau de Moraes, *Dai-Nippon*, p. 96.

ANÁLISE:

高嶺 */kauliŋ/ > fr. kaolin > caulim

Redução de 高嶺土 *Gāolǐng tǔ* “barro de Gaoling”; o topônimo 高嶺 *Gāolǐng* designa a localidade na província de Jiangxi (no Sul da China) de onde se extraía a argila branca para a fabricação da porcelana nos fornos de Jingdezhen, centro produtor que atendia à casa imperial. O étimo é o francês *kaolin*, abonado em texto sobre o processo de produção de porcelana na China redigido em 1712 pelo missionário francês François-Xavier d'Entrecolles (HALDE, *Lettres édifiantes et curieuses*, XII, p. 273 apud DALGADO, 1919).

Na etimologia de **caulim**, o dicionário Houaiss (2009) registra, com imprecisão geográfica: “top. *Kao Ling* (norte da China), lit. ‘colina elevada’, de onde se extraiu primeiramente esta matéria, prov. pelo fr. *kaolin* ‘id.’.”

(9) **CEUI**

Var. cheuhi, ceuhy, ceivi, ceuhij, tzia (esp.)

Do chin. *sz'*

Comissário imperial que visita periodicamente as províncias chinesas com amplos poderes.

SUPLEMENTO: **Cevi**, **cháem**. Observa-me o Sr. Pelliot que as minhas citações confundem, como eu suspeitava, duas locuções chinesas: *tchái-yuan*, “delegado, relator” e *tche-hi'en* “subprefeito”. A primeira seria o étimo de *cevi* e a segunda de *cháem*.

1534 – “Tem Cantão mandarim depois destes ho **cheui** e o *pochãcy*... o **ceuihy** vem cada anno este não teme a ninguem todos temem a este e este vem para despachar todo o caso para ver qual mandarym faz mal”. – Cristovão Vieira, apud Ferguson, *Letters*, p. 80.

ANÁLISE:

(?) 巡御 mand. */syn y/ ou cant. */tsœ:n y:/ > ceivi > ceui

A julgar pela grafia *ceui* (normatização de Dalgado) e pelas várias formas abonadas, falta uma segunda sílaba no étimo proposto: nas romanizações usadas no *Glossário*, *sz* transcreve a sílaba */sɿ/ ou */ʂɿ/. O étimo de *ceui* seria um dissílabo no molde SY I, onde S pode ser /s, ʂ, ɕ, ts/; Y pode ser uma vogal alta anterior /i, y/ ou lâmino-alveolar /ɿ, ʅ/ e I pode ser uma vogal alta anterior /i, y/.

Aproxima-se desse molde (exceto pela coda nasal na primeira sílaba, não transcrita em nenhuma abonação) o termo 巡御 mand. *xún yù*, pronunciado */syn y/ no mandarim pré-moderno (PULLEYBLANK, 1991), abreviação de 巡按御史 *xún'àn yùshǐ*, sendo *xún'àn* “inspetor geral” e *yùshǐ* “censor imperial” ou título honorífico. De acordo com Zhang (2018), designava o cargo de “inspetor regional” na dinastia Ming (1364–1644). 巡 *xún* significa “percorrer, patrulhar, passar em revista”, em consonância com a definição de Dalgado: “comissário (...) que visita periodicamente as províncias”. O étimo também pode ser o cantonês */tsœ:n y:/, pronúncia dialetal do mesmo vocábulo. A inicial */ts/ é registrada na abonação de Fr. Joan de Mendonça em espanhol: *tzia* (1585).

Altas autoridades como vice-reis e governadores provinciais podiam acumular o cargo 御史 *yùshǐ* como título honorífico (JIN, 2000). Os portadores desse título eram considerados “os olhos e ouvidos do imperador” (MORRISON, 1819). Para D’Intino (1989, p. 11, nota 32) **ceui** corresponde a 巡閱 *xúnyuè*, um comissário de polícia metropolitano (citando Chang, 1934)¹⁷.

No Suplemento, Pelliot indica como étimo *tchái-yuan*, “delegado, relator”, que talvez corresponda a 察院 mand. *cháyuàn* (v. **cháem**).

(10) **CHÁ** HOUAISS

Var. *chà, cha, chaa, sâhh* (fr.), *chaa* (fr.), *tchà* (fr.)

Do chin. *chá*

(indo-ingles *cha, chaw*, pouco usado). *Camellia theifera*, fôlhas sêcas da planta; sua infusão.

¹⁷ CHANG, *Sino-Portuguese trade from 1514 to 1644*, Leiden, 1934. p. 56

Ao ideograma chinês, representativo da planta de chá, correspondem duas formas fonéticas: *chá* no dialecto mandarino, e *te* no dialecto de Fun-kien. A primeira foi adoptada pelo Japão e pela Indo-China, e por Portugal, pela Grécia e pela Rússia; e a segunda, pelas outras nações europeias, bem como pelas línguas malaio-polinésias. Vê-se das mais antigas referências que os portugueses receberam o vocábulo directamente dos chineses e dos japoneses. V. Gonçalves Viana (*Apostillas*) e *Influência*.

1565. — “São todos os petrechos, com hua certa erua moida, que a quem a costuma beber he gostosa, que se chama **Chá**. — Cartas de Japão, I, fl. 163.

ANÁLISE:

(?) 茶 mand. */tʂʰa/ ≈ cant. */tʃʰa:/ > chá

(?) 茶 mand. */tʂʰa/ > jap. */tea/ > chá

Do ponto de vista fonético, a palavra portuguesa tanto pode ter origem no mandarim /tʂʰa/ como no cantonês /tʃʰa:/. Considerando o contexto dos contatos linguísticos em Macau e no comércio com Cantão, seria justo considerar mais provável um empréstimo do cantonês. Países na rota comercial de Chinchéu (província de Fujian), herdaram a palavra do hokkien /te/ (ingl. tea, esp. té, mal. teh etc.).

Por outro lado, não se pode descartar a hipótese de que, ainda que a origem seja chinesa, o étimo seja japonês. De fato, os primeiros portugueses desembarcaram no Japão em 1543 e o comércio regular com o país já florescia em 1550, antes mesmo da fundação de Macau. No *Glossário*, a grande maioria das abonações de *chá* vem de textos sobre a China, mas a mais antiga é das *Cartas de Japão* (1565). Outra abonação (1904) traz a seguinte observação do escritor português Venceslau de Moraes, que era casado com uma chinesa e morava no Japão: “*Chá* poderia vir da China, porque os chineses do sul dizem *chá*; mas os japonezes também assim dizem: e inclino-me mais para esta ultima origem, porque nós dizemos *chávena* (chicara), e os japonezes dizem *chawan*, para indicar o mesmo objecto.”

O dicionário Houaiss (2009) dá como etimologia de **chá** “chn. (dialecto mandarim) *ch’a* ‘id’.”

(11) CHÁEM

Var. chaem, chayxem, chiem, chy hyen, chihyuen, chayuen (esp.), cha yuen, tchin-hien (fr.), tchien, tchi-hien

Do chin. *tú-chah-yuen*, “supremo tribunal de censura”, com supressão de *tú*

É termo chinês, empregado por nossos escritores com certa latitude, talvez por confusão ou absorção de diferentes dições. No sentido de “corregedor ou visitador”, corresponde a *yü sz’*, vogal de *tú-chah-yuen*,

“supremo tribunal de censura”, que deve ser o étimo com a supressão de *tú*. Em outras acepções, **chaem** pode ligar-se a *hien*, “juiz”, a *chi hien*, “governador”, ou a *kuang-yuen*, “qualquer oficial”.

SUPLEMENTO: **Cevi, cháem**. Observa-me o Sr. Pelliot que as minhas citações confundem, como eu suspeitava, duas locuções chinesas: *tchái-yuan*, “delegado, relator” e *tche-hi'en* “subprefeito”. A primeira seria o étimo de *cevi* e a segunda de *cháem*.

V. **ceui**.

1540. — “Não sei mais que o que tenho ouvido a alguns antigos que por *tutões* e **chaês** governarão em outro tempo este *Anchacilado* de Aynão”. — Fernão Pinto. *Peregrinação*, cap. 45.

ANÁLISE:

(?) 察院 mand. */tʂʰa ɣɛn/ > cháem

(?) 知县 mand. */tʂɿ xiɛn/ > cháem

Possivelmente redução de 督察院 mand. *dūchá yuàn* “tribunal de censores”, órgão das dinastias Ming e Qing, *tú-chah-yuen* na transcrição de Dalgado. Por metonímia, podia-se usar o nome do órgão público para se referir ao ocupante do cargo. Segundo D’Intino (1989, p.102, nota 24), o termo *cháyuàn* “censor” também designa o comissário imperial em visita de Pequim. O termo *yü sz’* é o mesmo que 御史 mand. *yùshǐ* (v. **ceui**). As acepções *hien* “juiz” e *chi hien* “governador” citadas por Dalgado talvez correspondam a 知縣 mand. *zhī xiàn*, “subprefeito”. Já *kuang-yuen*, “qualquer oficial” é transcrição de 官員 mand. *guān yuán*, um termo genérico para “funcionário governamental”, com imprecisão na notação da coda nasal /n/ como /ŋ/.

No suplemento, Pelliot indica como étimo *tche-hi'en*, que, apesar da diferença de romanização, também corresponde a 知縣 mand. *zhī xiàn*, “subprefeito”.

(12) CHAMPANA (HOUAISS, var.)

Var. *champão, sampan, sampang*

Do chin. *sam-pam*, “três tábuas”, pelo malaio *sampan*.

Pequena embarcação da Malásia e da China, e de algumas partes da Índia.

APÊNDICE: Parece que o termo era conhecido na Índia, por via dos malaios, e dado a certa espécie de embarcações indígenas antes da chegada dos portugueses e da conquista de Malaca, como se depreende da abonação de Duarte Barbosa. Em singalês *sampan* atenuou-se em *hampan* e deu o nome a um porto, *Hampan-tota*, “porto de champanas”. Vid. Pieris, p. 62.

1516. — “Sua nauegação he duns nauios pequenos há que chamam **champanes**, em que os Mouros Malabares uem a tratar”. Duarte Barbosa, *Livro*, p. 357.

ANÁLISE:

三板 cant. */sa:m pa:n/ > mal. sampan > tâmil சம்பன் *campan* > champana

O étimo, segundo Dalgado, é o malaio *sampan*, mas a origem seria chinesa: 三板 mand. *sān bǎn* ≈ cant. *saam¹ baan²* ≈ hok. *san pán* “três tábuas”, barco pequeno.

O termo tem duas grafias alternativas, 舢板 e 舢舨, ambas pronunciadas *shānbǎn* em mandarim. Os ideogramas 舢 *shān* e 舨 *bǎn* só ocorrem nesta palavra e não têm sentido independente. Isso indica que pode se tratar de um empréstimo dialetal.

A antiguidade da primeira abonação em português (Duarte Barbosa, 1516), no entanto, dá força à hipótese de não se tratar de um étimo chinês. Conforme observa Dalgado, a palavra aparentemente já era corrente na Índia antes mesmo da chegada dos portugueses. Yule (1903) observa que o termo foi adotado pelos portugueses desde muito cedo.

No *Livro* de Duarte Barbosa, de onde se extraiu a abonação do *Glossário*, *champane* é nome dado pelos mouros de Quilicare (isto é, os tâmeis de Kilakarai, no sul da Índia) a um tipo de barco pequeno. Com o dígrafo <ch>, o escrivão quinhentista provavelmente transcreve *[tʃ]. No mesmo verbete, uma abonação italiana anterior à de Barbosa registra *ciampane* (Ludovico di Varthema, 1510). No *Glossário*, são abundantes as abonações portuguesas de *champana* entre os séculos XVI e XIX. A forma *sampana*, talvez por influência do inglês *sampan*, aparece em uma única abonação, datada de 1898.

Ainda segundo Dalgado, o termo teria chegado pelo malaio *sampan*. De fato, o intercâmbio marítimo entre a Costa de Coromandel e a Insulíndia era intenso muito antes da chegada dos europeus. A transformação [s] > [tʃ] pode, hipoteticamente, ser explicada pelo tâmil. Cabe investigar se, nessa língua, o empréstimo சம்பன் *campan* “champana” era pronunciado *[tʃampan] na época da abonação, tendo em vista a alternância entre [s, tʃ] na pronúncia de <ச> em posição inicial.

O dicionário Houaiss (2009) registra **sampana**, “pequena embarcação asiática de fundo chato”, e indica como etimologia “chn. *san-pan*, de *san* ‘três’ e *pan* ‘tábua, bordo”

(13) CHAMPAULU

(s. f.). Espécie de embarcação da China; parece que é o mesmo que *champana*,

1881. — “Junto às margens não ha um único caes em que nas marés mais baixas possa atracar a mais pequena **champaulu**” (em Macau). — *Boletim da Sociedade Geográfica de Lisboa*, III, p. 744.

ANÁLISE:

Origem obscura.

Dalgado não sugere um étimo e inclui apenas uma abonação (1881). Todas as menções localizadas em outras obras remetem ao *Glossário* ou à fonte dessa única abonação. Aparentemente se trata de um erro de impressão no *Boletim da Sociedade Geográfica de Lisboa*, “champaulu” por “champana”.

(14) CHAMPOUCHU[※]

Var. cham-pau-chu

Do chin. *tsau-po-yü*.

Camarista imperial, na China.

1720. — “... nos tem encomendado de saber da vontade de Vossa Magestade sobre mandar ao Mandarim de Palácio **Cham-pau-chu**, que vá receber ao Embaixador de Portugal, e o traga á presença de Vossa Magestade... Mande também que **Cham-pau-chu**, e *Cham Ngam To*, partam aos 16 desta lua a receber o Embaixador”. — Apud Júlio Biker, *Collecção de Tratados*, VI, pp. 118 e 119.

ANÁLISE:

常保住 mand. */tʂ^hau tʂu / (nome próprio) > Cham-pau-chu > champouchu

Há uma distância considerável entre “champouchu” (grafia normatizada por Dalgado) e o suposto étimo *tsau-po-yü*. A única abonação traz “Cham-pau-chu” e refere-se à missão diplomática chefiada por Alexandre Metelo de Sousa e Meneses que desembarcou em Macau em 1726 e foi recebida pelo imperador no ano seguinte. A datação dada no *Glossário* (1720) é imprecisa.

São numerosas as possibilidades para cada sílaba do étimo proposto *tsau-po-yü*. Por exemplo, se Dalgado usou *tsau* por *tsan*, poderia referir-se a 掌 mand. *zhǎng* “dirigir, chefiar” ou 常 *cháng* “geral, permanente” – frequente em nomes de cargos do governo imperial –, *po* poderia ser transcrição de /po/ ou /p^ho/, ou ainda /pau/ com interferência dialetal na realização do ditongo /au/ (cp. mand. [au] ≈ cant. [ou]), talvez 保 mand. *bǎo* “proteger” ou 寶 mand. *bǎo* “tesouro, objetos preciosos”, *chu* poderia ser 局 mand. *jú* “departamento, secretaria”, ou 處 mand. *chù* “departamento”. Entre os títulos oficiais desse período, Hucker (1985, p. 115) registra 常伯 mand. *chángbó*: “Assistente executivo: referência não oficial a um alto funcionário com acesso próximo ao governante.”

O termo é, na verdade, um nome próprio. Trata-se, segundo os registros chineses do mesmo episódio, do 御史 *yùshǐ* “censor” (v. *ceui*) 常保住 *Cháng Bǎozhù*, o mandarim encarregado de receber a missão diplomática em Macau e escoltá-la até Pequim (HUANG, 1998). Os nomes próprios são recorrentes no texto original, como atesta o seguinte trecho da abonação: “Mande também que Cham-pau-chu [i.e., 常保住 *Cháng Bǎozhù*] e Cham Ngam To [i.e., 張安多 *Zhāng Ānduō*, nome chinês do missionário António de Magalhães], partam aos 16 desta lua a receber o Embaixador.”

(15) CHANDEU[✳]

Var. chandehó

Do chin. *chin-hü*. O chinês não tem *d*.

Feira, arraial, na China. Cf. *chareta*, *charão*, quanto à alteração da primeira sílaba.

SUPLEMENTO: O Sr. Pelliot não admite que esta palavra provenha do chin. *chin-hú*, mas não indica outra etimologia.

APÊNDICE: **Chânda**. Mercado, em Jafanapatão. Do tâmil *channada*. 1645. “In the case of all sales, whether at the Grand Bazar or at the numerous chandeas, markets, in the Kingdom.” – Pieris, op. cit., p. 13.

1544. — “Principalmente nos **chandeus**, e feyras que se fazem nos dias dos seus pagodes, em que tudo he franco pelo grande concurso de gente que nellas se ajunta”. — Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 98.

ANÁLISE:

Origem obscura.

O étimo “*chin-hü*” sugerido por Dalgado pode ser uma referência a 趁墟 mand. *chèn xū* “ir à feira”, no entanto, dificilmente se explica a transformação fonética em “chandeu”. Sobre a observação “o chinês não tem *d*”, vale acrescentar que tanto o mandarim como o cantonês têm o par distintivo /t/:/t^h/, mas não distinguem /t/:/d/. Em romanizações como o *pinyin* e o *jytping*, as letras *b*, *d* e *g* são usadas para representar oclusivas surdas não aspiradas.

Existe o termo 清醮 mand. *qīng jiào* < mandarim pré-moderno */ts^hiŋ tsjew/ que designa uma movimentada festividade taoísta com feiras, cultos e paradas, popular sobretudo no Sul da China.

O étimo, por fim, pode não ser chinês. Note-se a semelhança fonética com o tâmil சந்தை *chandei* “mercado”.

(16) CHANFACAU

Var. *Chang hai koan* (fr.)

Diz-nos Fernão Mendes Pinto que é o nome chinês da Grande Muralha, que o imperador Tsin-chi-hoang mandou construir no ano 221 antes de Cristo, para defender o seu país contra os tártaros, e de que tanto falam os viajantes europeus. Mas é, na realidade, o nome dum dos fortes da referida muralha, sendo esta conhecida por *Ván-li-cháng-ching*.

1542 – “Este muro, ou **Chanfacau** como elles lhe chamão, que quer dizer resistência forte, corro todo o fio igualmente até entrar nos agros das serras”. — *Peregrinação*, cap. 95.

ANÁLISE:

山海關 mand. */ʃan hai kuan/ > Chanfacau

Shānhǎi guān (passagem Shanhai) é nome de uma fortificação no extremo oriental da Grande Muralha, no litoral da província de Hebei. O registro francês “*Chang hai koan*” fornece uma transcrição mais próxima do mandarim. Na explicação do verbete, Tsin-chi-hoang corresponde a 秦始皇 *Qínshǐ huáng*, o primeiro imperador a unificar a China (século III a.C.) e *Ván-li-cháng-ching* a 萬里長城 *Wànlǐ chángchéng*, lit. “longo muro dos dez mil li”, i.e., a Grande Muralha.

(17) CHANG*

Var. *tchang*, *changue*

Do chin. *cháng*

Medida de extensão chinesa, equivalente a dez *pus* ou *chis* (q.v.)

1903 – “Medidas de extensão. Em Macau chamam *pau* ou côvado chinês (*tchih*)... Os seus múltiplos são: 1 *ying* = 10 **tchang** = 100 *tchih* ou côvados” – *Ta-ssi-yang-kuó*, II, IV, 5.

ANÁLISE:

丈 mand. */tʃaŋ/ > chang

Unidade de medida tradicional equivalente a 10 chés (尺 mand. *chi*) ou 3,33 metros.

(18) CHANIPATÃO*

Do chin. *cháu-mó-ting* “guarda-selos”

Guarda-selos, na China.

1541. – “E para que tanta multidão de gente se possa toda sinalar, estão a estas portas de huma banda, e de outra huma grande somma de **Chanipatóes**, que com sinetes de chumbo molhados naquelle betume a cada hum dos que chegão lhe põem logo aquelle sinal e deyxão entrar... para que os mesmos **Chanipatóes**, que são os porteyros e ministros daquele negocio, os conheção”. – Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 108.

ANÁLISE:

Origem obscura.

O étimo “*chau-mo-ting*” apontado por Dalgado remete, possivelmente, a 照磨 mand. *zhàomó* “guarda-registros”, mas diverge da abonação “chanipatóes”.

É mais provável que se trate de alguma composição com 掌印 mand. *zhǎngyìn* “guarda-selos”, como 掌印官 mand. *zhǎngyìn guān* “funcionário que controla o carimbo”, i.e., chefe de seção, ou similar. Note-se que, no mandarim pré-moderno, a inicial */ŋ/ ocupava o lugar correspondente à inicial zero no padrão atual, com isso, a pronúncia de 掌印 seria */tʂaŋ ŋin/, aproximando-se da transcrição “chani-”.

(19) CHARÃO ^{HOUAISS}

Var. acharão, acharam, xarão, charol (esp.) → acharoadado, acharoar

Do chin. *chi-liáu*

Verniz especial da China e do Japão, extraído de várias árvores; objecto de madeira com êle revestido. → ACHAROADO, envernizado com charão. → CHAROADO (s. mand.), objecto de charão.

O termo é próprio da nossa língua, como observa Gonçalves Viana, que o relaciona com o castelhano *charol*, “verniz o pulimento”, e também sugere a possibilidade de provir do chin. *chat*, “verniz”, e do malaio *rengas*, “árvore de que se extrai” : *charangas*. Mas o Dr. Alberto de Castro deriva-o do chin, *tchi-yâu*. Não será *charol* relacionado com *charão*, e ambos de origem oriental?

O Dicionário da Academia Espanhola diz que *charol* é “voz da China”, e define-o: “Barniz muy lustroso y permanente, que conserva su brillo sin agrietarse y se adhiere intimamente a la superficie del cuerpo a que se aplica”.

Derivar do castelhano dições portuguesas com significados orientais, posteriores aos nossos descobrimentos, será processo cómodo, mas não é nada racional. O vocábulo português tem sentido muito restrito, e Fr. Gaspar da Cruz indica a sua procedência asiática. O nome chinês é *tsi*, *tchi* ou *ci*, que com o aditamento *liáo*, “tinta ou óleo”, dá *chi-liáu*. Os fonemas iniciais *che*, *chi*, *chu* de palavras

orientais transformam-se por vezes em *cha* na língua dos portugueses Cf. *chatim*, *chareta*, *charuto*. O ditongo chinês *ao* passa a *ão*. Cf. *aitão* e *incão*. A troca de *l* e *r* de um idioma para outro não é fenómeno raro, e parece que em chinês ha também a forma *yáu*. Não seria, portanto, difícil *chi-liáu* ou *chi yáu* converter-se em *charão*.

APÊNDICE: Informa-me o Sr. Pelliot que Mateus Ricci transcreve mais d e uma vez em italiano *ciorone* o português *charão*, e que a forma mandarina é *ts'í* ou *yeu-ts'í* (óleo *ts'í*), pronunciada no dialecto de Cantão aproximadamente *ts'at*, o que justifica a primeira sílaba, sendo a segunda inexplicável.

1569. — “Toda via antrelles alguns sacerdotes do templo de ídolos, que antre os Chinas sam mais reverenciados que os outros, estes criam cabelo e trazemno no cume da cabeça arrematado com hu pao muito bem feito a modo de mão fechada, envernizado de muito bom verniz, que chamam **Acharam**”.

— Fr. Gaspar da Cruz, *Tractado da China*, cap. 13.

1588. — “E os jaezes dos caualos todos de retrós carmesim com as selas e estribos de **charão** preto que reluzião como espelhos”. — P. Gaspar Coelho, *Cartas de Japão*, II, fl. 261.

ANÁLISE:

(?) 漆料 cant. */ts^hət liu/ ou 漆油 cant. */ts^hat jau/ > charão

(?) 漆料 hok. */ts^hat liau/ > charão

Como explica Dalgado, a combinação de *tsi*, *tchi* ou *ci* (transcrições de 漆 mand. *qī* “tinta, verniz”, mas também o verbo “pintar”) e *liáo* “tinta ou óleo” (料 mand. *liào* “material”), dá *chi-liáu* – i.e., 漆料 mand. *qī liào*, literalmente “material para pintar”.

Não se aplica a este caso, porém, a observação de Dalgado de que “os fonemas iniciais *che*, *chi*, *chu* de palavras orientais transformam-se por vezes em *cha* na língua dos portugueses”. Tanto *chi* como *chat* correspondem ao mesmo vocábulo 漆 (laca, verniz, tinta) respectivamente em mandarim /tɕ^{hi}/ e cantonês /ts^hət/. Note-se que a pronúncia é /ts^hat/ em hokkien e /tʃat/ em malaio.

Os termos 漆 “verniz” e 油 “óleo” formam o vocábulo cantonês 漆油 *cat^l jau⁴* “tinta, laca” (em mandarim, a ordem é inversa: 油漆 *yóuqī*).

O dicionário Houaiss (2009) define **charão** como (1) “verniz negro ou vermelho preparado na China ou no Japão esp. com a laca em associação com outras substâncias”; e (2) “*p. met.* objeto revestido de charão”

(20) CHAU*

Var. tchao (ingl.)

Do chin. *tsau*

Nome do antigo papel-moeda da China. *Tsau chi* quiere dizer “papel de embrulhar, papel grosso”. O nome actual de papel-moeda é *chú tsien* ou *chí tsien*.

SUPLEMENTO: Acrescente-se à abonação de Fr. Jacinto: “A estes papeis se chama **chau**, donde nasceu chamarem depois as rendas do Rey *chau-fang*”

APÊNDICE: O étimo exato é o chin. *tch'ao*. O nome usual de letra ou bilhete de banco é actualmente *ts'em-piao* ou *p'iao-tseu*. *Tch'u-ts'ien* ou *tche ts'ien* designa o papel dourado ou prateado que se emprega nas cerimónias religiosas, particularmente funerárias.

1680. — “Costumavão os Reys antigos, quando se vião faltos de dinheiro, dar aos Mandarins, e Soldados, em lugar de suas rendas, e pagas certos assinados, firmados, e sellados com o seu sello Real, os quaes erão feitos de pasta, de grandeza de meia folha de papel; nelles estava escrito, e determinado seu valor, e preço”. — Fr. Jacinto de Deus, *Vergel*, p. 205.

ANÁLISE:

鈔 mand. */tʂ^hau/ > chau

Dalgado dá como étimo *tsau*, e o revisa no Apêndice como *tch'ao*, ambas as formas são transcrições de 鈔 mand. *chāo* “papel-moeda”. O trecho com a abonação mais antiga em português (1680) aparece sem o termo “chau” no verbete, mas é retificado no Suplemento.

Os demais termos mencionados são: *tsau chi*, i.e., 草紙 mand. *cǎozhǐ* “papel grosso” (incluído por confusão entre 鈔 *chāo* “papel-moeda” e 草 *cǎo* “áspero”); *chau-fang*, i.e., 鈔俸 mand. *chāo fèng*, “remuneração”; *ts'em-piao*, i.e., 錢票 mand. *qián piào* “cédula de dinheiro”; *p'iao-tseu*, i.e., 票子 mand. *piàozi* “bilhete, nota”; *chú tsien* ou *chí tsien* (no Apêndice: *tch'u-ts'ien* ou *tche ts'ien*), i.e., 紙錢 mand. *zhǐqián* “dinheiro de papel” (imitações de dinheiro queimadas como oferta aos mortos). Note-se que *chú*, *chí*, *tche* e *tch'u* são transcrições de 紙 /tʂɿ/ “papel” em diferentes sistemas de romanização. Em *tch'u* o apóstrofo indicativo de aspiração foi incluído por equívoco.

(21) CHAU-CHAU*

Var. chachau, chauchau, chow-chow (ingl.)

Do chin. *chau* “comida”

(indo-inglês *chow-chow*). É termo chinês, adoptado em ágio-português; o qual designa a conserva de frutas de várias espécies, que aparece nos mercados orientais. *Chau* em chinês é qualquer “comida”; a

reduplicação denota “variedade de comida” e este sentido voga em Macau. No português indiano, bem como em indo-inglês, *chau-chau* significa metaforicamente “mixórdia, miscelânea”. Em Macau ha um beco nomeado *Cha-Chao*.

APÊNDICE: Conforme o Sr. Pelliot, a etimologia desta locução é até o presente incerta.

1899. — “**Chachau** ou **chauchau**. — E o refugado á chinesa. Faz-se com dentes d'alhos e banha de porco. Em estando a banha a ferver deita-se no tacho um dente d'alho pisado. Em estando frito o alho lança-se o que se quer para tomar gosto”. — *T'a-ssi-yang-kuó*, de Novembro.

ANÁLISE:

炒炒 mand. */tʂ^hau tʂ^hau / ≈ cant. */tʃ^ha:u tʃ^ha:u / > *chau-chau*

Em chinês, étimo *chau* dado por Dalgado não significa “comida”, mas “fritar”, i.e., 炒 mand. *chǎo* ou cant. *caau*² “refogar, saltear”. Batalha (1988) observa que, entre os macaenses a reduplicação *chau-chau* significa variedade de comidas, mistura de carnes e vegetais variados. A variante **chachau** pode ter-se originado em 炸炒 mand. *zhá chǎo* ≈ cant. *zaa*³ *caau*² “fritar e saltear”. As palavras 炸 mand. *zhá* “fritar em imersão” e 炒 mand. *chǎo* “saltear, refogar” designam dois dos processos culinários mais frequentes na cozinha chinesa e compõem os nomes de grande variedade de pratos populares. Tanto que 炒菜 mand. *chǎo cài* “saltear verduras” significa também “fazer comida” e, por extensão, designa qualquer prato salteado. Já 炒飯 mand. *chǎo fàn* “arroz frito” (um prato popular) é conhecido no português de Macau como *arroz chau-chau*.

(22) CHÁVENA ^{HOUAISS}

Do chin. *chā-kvān* pelo mal. *chāvan*

Chícara. Lucena [1600] chama-lhe escudela: “A escudela de barro tal, em que se bebe” (o cha).

Historia, VII, cap. 4.

APÊNDICE: Em chinês, *tch'a-van* designa a “chávena”, e *tch'a-kuan* ou *tch'a-h'u* quer dizer “bule”.

1650. — “Resgatando a alguns cafres que vieram tão pouco milho, que não coube a cada pessoa mais que uma **chavena**”. — Bento T. Feio, *Hist. Tragico-marítima*, X, p. 107.

ANÁLISE:

茶碗 mand. */tʂ^ha wan > (?) hok. */te^ha wan/ > mal. /tʃawan/ > chávena

Do mandarim 茶碗 *chá wǎn* “tigela de chá”, talvez pelo malaio *cawan* “tigela para chá ou arroz”. Na etimologia apontada por Dalgado, “*kvān*” é erro de notação, retificado no Apêndice.

A sequência [kv] não ocorre em chinês. O autor do *Glossário* provavelmente usa <v> no lugar de <u> ou <w>; entretanto, [kwan] não remete ao termo de origem.

No Apêndice, Dalgado retifica a forma do étimo para *tch'a-van*, i.e., 茶碗 mand. *chá wǎn* “chávena”. Os demais vocábulos mencionados são *tch'a-kuan*, i.e., 茶罐 mand. *chá guàn* “pote de chá” (para guardar as folhas a granel) e *tch'a-h'u*, i.e., 茶壺 mand. *chá hú* “bule de chá”.

Jones (2008, p. 47) dá como origem de *cawan* a leitura erudita de 茶碗 em hokkien: *chhâ oán*, e aponta que o malaio também possui a palavra *tehwan* < hokkien *tê oán* (xícara de chá). O cultismo em hokkien tem pronúncia próxima à do mandarim.

O dicionário Houaiss (2009) segue a etimologia dada por Dalgado, sem a correção feita no apêndice: “mal. *c^hāvan*, chin. *c^hā-kvān* ‘id.’”.

(23) **CHÉ** HOUAISS

Var. *chi*

Do chin. *chí* ou *chek*

Medida linear da China, equivalente a pouco mais de um pé ou a treze polegadas. Também significa “côvado”.

1640. – “Los caminos miden por pasos mas por la própia medida, haziendo de seis ches un paso geométrico; y de trecientos destes um li” – Pe. Semedo, *Imperio de la China*, p. 53

1898. — “Para unidade de medidas de comprimento adoptam o **chih**, que tem 13 ¹/₈ pollegadas, se bem que os ha também de 14,6 e 14,8 pollegadas”. — Joaquim Crespo Calado, *Cousas da China*, p. 158

ANÁLISE:

尺 mand. */tʂɿ/ ≈ cant. */tʃ^hɛk/ > ché

Antiga medida linear equivalente, *grosso modo*, ao pé do sistema métrico inglês. A extensão exata, em valores modernos, varia ao longo da história. Entre os séculos XIV e XIX media cerca de 30 centímetros, modernamente o valor foi ajustado para 33,33 centímetros. A forma *che* é abonada em espanhol, em texto do Pe. Semedo (1640) possivelmente do cantonês. O mesmo autor refere-se também ao 步 *bù* “passo”, unidade linear cuja extensão se media em 5 ou 6 *chés*, segundo a época e a localidade. Em português, as únicas formas abonadas no *Glossário* são bem mais recentes: **chih** (1898) e **tchih** (1903), em transcrições do mandarim.

O dicionário Houaiss (2009) define ²**ché** como “medida linear chinesa equivalente a 13 polegadas ou a um côvado, conforme o local” e cita a etimologia de Dalgado.

O mesmo dicionário registra ainda um homônimo, também de origem chinesa, ¹**ché**: “instrumento chinês de cordas metálicas dedilhadas, semelhante à cítara”. A etimologia apontada é “chn. *se* ou *zheng* ‘id.’”. Esta última corresponde a 箏 mand. *zhēng* “cítara chinesa”.

(24) CHENO

Do chin. *chên*

Cidade de mercado na China.

1534 – “Esta gouernança tem treze çidades e sete **chenos** que sô cidades que não tem nome de çidades”.

– Cristóvão Vieira, *apud* Ferguson, *Letters*, p. 71

ANÁLISE:

城 mand. */tʂ^hɛŋ/ > cheno

Do 城 mand. *chéng*, “muros da cidade” e, por extensão, “aglomeração urbana”, com /o/ paragógico. A pronúncia do étimo durante o período Ming era */tʂ^hɛŋ/, de acordo com a reconstrução de Coblin (2000).

(25) CHEU*

Var. tcheou (fr.)

Do chin. *tcheu*

É termo chinês [...] que designa uma comarca dependente de um *fu* (q. v.) e sua cidade principal. A palavra é de ordinário posposta aos nomes próprios.

1563. – “As maes das villas tambem tem seu termo final, que denota villa, que he **cheu**”. – João de Barros, *Década* III, II, 7

1679. — “As civeis contem cidades de primeira ordem, as quaes os Chinas chamão Fu, e sam 175. Cidades de segunda ordem, que os Chinas chamão Cheu, saom 274. Villas, que os Chinas chamão Hien, sam 1288. Hospedarias Reaes, que os Chinas chamão Ye, são 205. Vigias, e Hospedarias Reaes de segunda ordem, que os Chinas chamão Chyen, são 113”.— Fr. Jacinto de Deus, *Vergel*, p. 164.

ANÁLISE:

州 mand. */tʂɛw/ > cheu

A forma **cheu** transcreve a pronúncia pré-moderna */tʂɛw/. As unidades administrativas citadas na abonação (1679) são: *fu*, i.e., 府 *fǔ* “cidade de primeira ordem”; *cheu*, i.e., 州 *zhōu*

“cidade de segunda ordem”; *hien*, i.e., 縣 *xiàn* “vila ou aldeia”; *ye*, i.e., 驛 *yì* “estação de mensageria”; *chyen*, i.e., 棧 *zhàn* “estalagem”, todas do mandarim.

(26) CHIFANGA

Do chin. *cháh fáng* “casa da guarda”

Chi fan é em chinês “repartição”, e *tse fan* “direitos de alfândega”. Mas Fernão Pinto emprega o termo por “cárcere”, que os chineses designam por *kien lau*.

APÊNDICE: “Como a maior parte das supostas palavras chinesas, de Pinto, resiste esta a toda a explicação.” Pelliot

1541. — “Eu os vi ha dous dias prender na **Chifanga** de Nouday, e botarlhes ferros nos pés». — *Peregrinação*, cap. 63.

ANÁLISE:

Origem obscura.

Dalgado dá como étimo *cháh fáng* “casa da guarda”, talvez pela definição de Morrison (1812), onde se lê, na íntegra: [關房 *Cha fang*] “the guard house at a [關] *Cha*. The wall and gateway which limits or form a barrier. To Europeans in Macao it is called 關閘 *Kwancha*.”¹⁸. Em mandarim moderno, 關 *zhā* tem as acepções “comporta”, “freio”, “registro (torneira)” e mesmo “catraca”, o cantonês *zaap* conserva também a acepção “portão”, como em 關口 *zaap⁶ hau²* “pedágio” ou “portão de embarque”, e 關閘 *gwaan¹ zaap⁶* “Portas do Cerco”, i.e., o controle de acesso à China continental. Não há, contudo, evidências da transformação de */tʂa/ ou */tʂa/ em <chi> nos empréstimos do chinês.

Uma possibilidade mais forte seria outro termo mencionado no verbete, *chi fan* “repartição”, talvez de 職方 *zhífāng* “escritórios de operações” do Ministério da Guerra, com /a/ paragógico. Dalgado menciona ainda *kien lau*, i.e., 監牢 mand. *jiānláo* “cárcere”; e *tse fan* “direitos de alfândega”, não identificado.

A tradução chinesa de *Peregrinação* (JIN, 1999) traz 監獄 mand. *jiānyù* “cárcere, prisão”, indicando que o termo original de Fernão Mendes Pinto não foi reconhecido.

¹⁸ A casa da guarda de um [關] *Cha*. Os muros e portões que limitam ou formam uma barreira. Os europeus em Macau chamam de 關閘 *Kwancha* [Portas do Cerco] (tradução minha)

(27) CHIFU

Var. chifuu, chiful, tchi-fou (fr.)

Do chin. *chí fú*

Alcaide chinês, ouvidor-geral, corregedor de comarca

1542. — “E nos encommendarão muyto ao **Chifuu** que era o Alcayde a quem íamos entregues”. — Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 87.

ANÁLISE:

知府 */tʃɿ fu/ > chifu

Chefe de governo de um 府 *fǔ* “prefeitura”.

(28) CHIN-CHIN

Var. shing-shing, tsing-tsing, tsin tsin (fr.), sin sin (fr.), chin-chin (ingl.)

Do chin. *ts'in-ts'in* ou *ch'in-ch'in* pelo anglo-chinês

Saudação chinesa.

1880 – “Dobrando ao meio, fazendo girar os punhos fechados sobre a frente abaixada, fiz gravemente a **chin-chin**”. – Eça de Queiroz, *O Mandarim*, p. 96.

1735 – “Le salut ordinaire consiste à joindre les mains fermées devant la poitrine, en les remuant d'une manière affectueuse, et courber tant soit peu la tête, en se disant réciproquement **Tsin tsin**” – P. Halde, *Déscription de la Chine*

ANÁLISE:

(?) 請請 */ts^hij ts^hij / > chin-chin

Segundo Yule, *ts'ing ts'ing* ou *ch'ing ch'ing* é uma saudação em resposta a “obrigado” ou “adeus”. Trechos transcritos por Yule (1903) como “One of the Chinese servants came to me and said, ‘Mr. Talbot *chin-chin* you come down.’”¹⁹ fazem crer que se trata de 請請 mand. *qǐ ng qǐng* “por favor, por favor” ou mesmo 請進 mand. *qǐng jìn* “por favor, entre”, que – para não falantes do mandarim – pode parecer a repetição da mesma sílaba.

¹⁹ “Um dos criados chineses veio até mim e disse, ‘Sr. Talbot *chin-chin* descer’”. (tradução minha)

(29) CHUCA*

Do chin. *shau-ku*

Espécie de algema chinesa.

1569 – “Todos os que tem graves casos trazem adobas nos pés, nas mãos trazem huas que elles chamam **Chucas**, que sam Algemas, mas sam de pao grosso, que tem dous buracos quanto lhe cabem as mãos”.

— Fr. Gaspar da Cruz, *Tractado da China*, cap. 21

ANÁLISE:

手铐 mand. */ʂɛu k^hau/ ≈ cant. */ʃɛu k^ha:u/ > chuca

Como étimo, Dalgado aponta 手铐 mand. *shǒukào* ≈ cant. *sau² kaau³* “grilhões de mão”. A romanização *shau-ku* dada pelo autor parece remeter à pronúncia cantonesa. A monotongação das finais */ɛu/ e */au/ do mandarim pré-moderno respectivamente em [u] e [a] não foi observada em outros empréstimos. Na transcrição de 手 *shǒu* “mão” por <chu> pode ter havido influência de alguma pronúncia dialetal que conserve o vocalismo de sincronias anteriores, como */iw/ < */uw/ (PULLEYBLANK, 1991). Note-se, por exemplo, a leitura de 手铐 como *chhiú khiò* /tɕ^hiu k^hiɔ/ no hokkien.

(30) CHUJÊM*

Var. chu-jen

Do chin. *shú-yuen*

Título de acadêmico, na China.

APÊNDICE: Do chin. *kiu-jen*, “licenciado”, graduado no segundo grau acadêmico.

1895 – “Este titulo de **chu-jên** é traduzido pelos europeus pela palavra doutor. Na qualidade de **chu-jen**, é a primeira pessoa da aldeia”. — Conde de Arnoso, *Jornadas pelo Mundo*, p. 286.

ANÁLISE:

舉人 mand. */tɕɛɯ zɛn/ > chu-jen > chujêm

Dalgado dá como étimo, por equívoco, *shú-yuen*, talvez de 書院 mand. *shūyuàn* “escola, academia”. No Apêndice, o étimo é retificado para *kiu-jen*, i.e., 舉人 mand. *jǔrén* “graduado; aprovado em exame imperial provincial”.

Note-se que *kiu-jen* transcreve o pré-moderno */ky zɛn/ e, portanto, não condiz com a sincronia da abonação (1895). No final do século XIX, o mandarim havia entrado em sua fase

moderna, e a pronúncia desse termo já coincidia com o padrão atual: /tey zən/, transcrita “chujen” na abonação. A forma “chujêm” é normatização ortográfica do autor do *Glossário*.

(31) CHUMBIM

Do chin. *hing-ming*

Magistrado judicial na China. V. *chumpim*.

APÊNDICE: O étimo deste vocábulo, como o de *compim*, é, segundo Pelliot, o mesmo que o de *chumpim*, – *tsong-ping*.

1541. – “Aonde por nossos peccados sem o nós sabermos, acertou de estar hum **Chumbim**, que são como Presidentes de Alçadas, que de tres em tres annos correm as Comarcas do Reyno, a devassar dos Corregedores e Officiais da Justiça”. – Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 84.

ANÁLISE:

總兵 mand. */tsʊŋ piŋ / > chumbim

O étimo *hing-ming* sugerido por Dalgado é improvável. Segundo a observação de Pelliot no Apêndice, **chumbim** é o mesmo que **chumpim** (v. abaixo), i.e., 總兵 mand. *zǒngbīng* “comandante, general”.

(32) CHUMPIM*

Var. *chompĩ*, *xeupins*, *tsong ping* (fr.)

Do chin. *tsung-ping*

Tenente-general do exército chinês.

1563. – “... e o capitão geral de guerra, **Chumpim**”. – João de Barros, Déc. III, II, 7

1900. — “Zun-ping ou Tsun-ping é a 2.a auctoridade militar, ou tenente general, a seguir ao general ou Tutú (Tai-tu).— *Ta-ssi-yang-kuó*, I, II, 11.

ANÁLISE:

總兵 mand. */tsʊŋ piŋ / > chumpim

Neste verbete, o étimo dado por Dalgado é preciso: *tsung-ping*, i.e., 總兵 mand. *zǒngbīng* “comandante, general”. Conforme a observação de Pelliot no Apêndice, **chumbim** é o mesmo que **chumpim** (v. acima). Isso pode acontecer porque não há, na maioria dos dialetos chineses,

distinção fonológica no par /b/:/p. Na forma *xeupin* (1727) é possível que tenha ocorrido troca de *n* por *u*.

(33) COLAO

Var. *colou*, *conlau*

Do chin. *koh-láu*

Conselheiro ou ministro de Estado na China. Fernão Pinto não emprega o vocábulo, abrange-o em *tutão*.

1552. — “El Rey da China não despacha nenhua cousa da governança de seu reyno, e pêra todas as cousas tem officiaes que governão per ele, na justiça que he mór officio do reyno, tem três homens grandes letrados que se chamão **colous**. E estes officios de **colous** vemnos a ter homens baixos, que se não olha se não que sejam velhos bons homens e letrados”. — Castanheda, *Historia*, IV, cap. 27.

ANÁLISE:

閣老 mand. */kɔ² lau/ > colau

O termo 閣老 mand. *gélǎo* era uma forma de tratamento reservada a membros do 內閣門 *nèigémén* “Grande Secretariado”.

(34) COLAU

Var. *cullao*, *culau*

Do chin. *tsau-lau*.

Casa de pasto, na China.

APÊNDICE: Do cantonês *ko-lao* (mandarino *kao-leu*), it. “sobrado ou andar superior”, por ser aí que estão os restaurantes em Cantão e não no rés-do-chão, como em outras partes da China.

1868. — “As boticas d’aquelle bairro quase se resumem em três gêneros que alternam em collocação: a casa de comida (**culláo**), a do jogo (*latane*) e a de empréstimos sobre penhores (*hão*)”. — *Archivo Pittoresco*, XI, p. 106.

ANÁLISE:

高樓 cant. */ku lau/ > colau

Cognatos ocorrem em patuá macaense (*culau*) e em kristang (*kolau*) com o sentido de “restaurante”. Baxter (2004) indica como étimo do kristang *kolau* o cantonês “*kou lau*”, que corresponde a 高樓 cant. *gou¹ lau⁴*, lit. “casa alta”, i.e., sobrado, considerando a observação

feita no Apêndice. Note-se que a forma “culláo” na abonação de 1896 registra a vogal [u], portanto em sincronia anterior à ditongação em /ou/ do cantonês moderno.

(35) COMPIM*

De *kung-ping*, “justo, recto”

Dignidade militar chinesa: comandante do exército duma província.

1534. – “O Tutão Compim Comquõ são tres pessoas que teem carrego desta gouernança de Cantão Cançy” – Cristóvão vieira, *apud* Ferguson, *Letters*, p 79. V. *chumpim*.

ANÁLISE:

總兵 mand. */tsuŋ piŋ / > *çompim > compim

Jin (2000) rejeita a etimologia *kung-ping*, i.e., 公平 mand. *gōngpíng*, “justo, reto”. Para esse autor, o cargo mencionado corresponde a 總兵 mand. *zōngbīng* “comandante regional, general”. Nesse sentido, é o mesmo que *chumbim* e *chumpim*. Não são raros os casos de transcrição de mand. *zōng* [tsuŋ] por “con”. Não há, entre os autores consultados, nenhuma pronúncia reconstituída de *[k] nessa posição em sincronias pretéritas. Uma explicação pode ser o uso de Ç para transcrever [ts] – uma convenção adotada, por exemplo, nas romanizações jesuítas –, mas a cedilha teria sido omitida em cópias posteriores, especialmente por estar em posição inicial. Como observa Dalgado (1919, p. XXVIII) sobre as transcrições portuguesas, “em algumas edições antigas se suprime a cedilha inicial, e algumas palavras vem erradas, por falta de revisão cuidada ou falha na cópia”.

(36) COMPU

Var. cong pou (fr.) koun pou (fr.)

Do chin. *kong-pu*

Ministério de obras públicas, na China.

1605. – “Pera o catecismo apurar na língua política da china se ajudou o Padre de dous Mandarins grauissimos, hum delles do conselho que chamam **Compú**, que he das obras del Rey, grande discipulo do mesmo Padre [Ricci] na mathematica”. – P. Fernão Guerreiro, *Relaçam Annual*, fl. 70.

ANÁLISE:

工部 mand. */kuŋ pu / > compu

O étimo de Dalgado é preciso: kong-pu, i.e., 工部 mand. *gōng bù* “ministério de obras”. Órgão do governo central encarregado de projetos de construção civil, recrutamento de artesãos e operários para serviços temporários, fabricação de equipamentos, manutenção de hidrovias e estradas, padronização de pesos e medidas, produção de moedas e outras formas de dinheiro, exploração de montanhas, lagos, pântanos, etc. (HUCKER, 1985, p. 294)

(37) CONCHUIM*

Do chin. *kung chuen*

Embarcação do estado, na china, a modo de carevela, que serve de transportar os mandarins em serviço público.

APÊNDICE: O Sr. Pelliot prefere o étimo chin. *kuan ch'uan*, “embarcação mandarina”, a *kung-chuen* “embarcação pública”, por mim apontado.

1680. – “As d’El Rey, huas se chamão **Conchuim**, id est, barcas, que servem de levar e trazer os Mandarins quando vão ou vem dos seus officios; estas são quase como as nossas Caravellas, porém tão altas, tão pintadas, principalmente a em que vai o Mandarim, que não parecem barcos, mas salas de prazer”. – Fr. Jacinto de Deus, *Vergel*, p. 201.

ANÁLISE:

官船 mand. */kuən tʂ^huən/ ≈ cant. */ku:n ʃy:n/ > conchuim

Dalgado sugere como étimo *kung-chuen*, talvez por *公船 mand. *gōng chuán* “barco público”. Pelliot, citado no Apêndice, prefere o étimo *kuan ch'uan*, i.e., 官船 mand. *guān chuán* “barco dos mandarins”. A forma **conchuim** pode ser transcrição da pronúncia cantonesa *gun¹ syun⁴*, ou do mandarim com interferência dialetal.

(38) CONQUÃO

Var. comquõ, conquião

Do chin. *kung-kau*, “grande homem, alto magistrado” ou *kung-kán*, “serviço público”

Dignidade administrativa chinesa, chefe da fazenda da província. Não é fácil a identificação. Watters, citado por Ferguson, sugere o chin. *chyang-chün*, “general das tropas manchus”. Parece que o vocábulo se prende, antes, a *kung-kau*, “grande homem, alto magistrado” ou *kung-kán*, “serviço público”. Fernão Pinto não fala de *conquão*, mas menciona *conquiaes*, *conchacis* e *conchalis*. Os dois últimos podem derivar-se do chin. *kwán-cháh sz'* ou *li*, no sentido de “magistrado judicial”. O primeiro parece que é etimologicamente o mesmo que *conquão*, mas empregado com significado religioso.

APÊNDICE: O étimo do vocábulo é, conforme o dito sinólogo, o chin. *tsou-kuan*, “diretor geral”.

1534. – “O Tutão Compim **Comquõ** são tres pessoas que teem carrego desta gouernança de Cantão Cançy” – Cristóvão Vieira, *apud* Ferguson, *Letters*, p 79.

ANÁLISE:

總管 mand. */tsuŋ kuən/ > *çomquõ > comquõ > conquão

Não se confirmam os étimos sugeridos por Dalgado *kung-kau*, “grande homem, alto magistrado” ou *kung-kán*, “serviço público”. Pelliot prefere *tson-kuan*, i.e., 總管 mand. *zōng guǎn* “diretor geral”. Na época da abonação (1534), a final [uan] provavelmente era pronunciada *[uən] (COBLIN, 2000), o que explica a transcrição <õ>. É recorrente, entre os empréstimos chineses no *Glossário*, a transcrição de 總 mand. *zōng* “geral”, por <com> ou <con>.

Uma explicação pode ser o uso de <ç> para transcrever [ts] – convenção adotada, por exemplo, em romanizações jesuítas –, mas a cedilha teria sido omitida em cópias posteriores, especialmente por estar em posição inicial. Como observa Dalgado (1919, p. XXVIII) sobre as transcrições portuguesas, “em algumas edições antigas se suprime a cedilha inicial, e algumas palavras vem erradas, por falta de revisão cuidada ou falha na cópia”.

(39) CONTINÃO

Do chin. *kwá-ti-nien*

Procurador da justiça na China.

1541 – “O **Continão** Procurador da Justiça, lhes não provou nada do que allegou... Seção absoltos de tudo o que contra elles requereu **Continão** Procurador da Justiça”. – Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap.

103

ANÁLISE:

Origem obscura.

Dalgado não fornece mais detalhes sobre o étimo *kwá-ti-nien*. Hipoteticamente, poderia ser mais um caso de 總 mand. *zōng* “geral” transcrito <con> (v. **conquão**). Em sua tradução de *Peregrinação* para o chinês, o historiador Jin Guopin usa 檢察官 mand. *jiǎnchá guān* “procurador”.

(40) CO-TAU

Var. *keu teu*, *koteu*, *kotou*, *kotau*, *kowtow* (ingl.)

Do chin. *k'o-t'ou* “bater a cabeça”

Saudação chinesa, provavelmente introduzida pelos mongóis, perante o imperador ou seus representantes, a qual consiste em por-se de joelhos e tocar a terra com a cabeça

1679. – “Pondevos de joelhos, e todos se poem de joelhos: *Kiec teu*, Ponde as cabeças em terra: e logo se debruçam todos... Continua o mestre das ceremonias dizendo: **Keu teu**, id est, Batey vossas cabeças na terra; todos as abatem”. – Fr. Jacinto de Deus, *Vergel*, p. 249

ANÁLISE:

磕頭 mand. */k^hɔ[?] t^heu/ > cotau

O étimo proposto por Dalgado *k'o-t'ou*, i.e., 磕頭 mand. *kètóu* “bater a cabeça”, vale para as abonações a partir de 1729 (v. abaixo), em que aparecem formas como **ko-teu** e similares.

Por outro lado, a forma **keu teu** abonada por Fr. Jacinto de Deus (1679) tem, provavelmente, um étimo diferente: 叩頭 mand. *kòutóu* “bater a cabeça”, pronunciado */k^heu t^heu/ no mandarim pré-moderno (COBLIN, 2000)

Os termos **keu teu**, **koteu** e variantes designam uma espécie de mesura que consistia em ajoelhar-se e tocar o chão com a testa conforme descreve esta abonação de 1729 (entre colchetes, acrescento os respectivos ideogramas e sua romanização em pinyin):

He a forma com que se bate nove vezes a cabeça o seguinte: Primeiramente postos todos de pé com os chapéus na cabeça (porque he contra a politica do Chinez o estar descoberto) com as mãos estendidas ao natural se ouvia huma voz Kuey [跪 *guì*] com que ajoelhávamos, logo passado algum tempo se ouvia outra voz Koteu [磕頭 *kètóu*] com que tocávamos a terra com ambas as mãos, e juntamente com a cabeça, e postos outra vez de joelhos ao som da mesma voz, que se repetia, tocávamos da mesma maneira mais duas vezes a terra; logo que se ouvia outra voz Kilay [起來 *qílái*] com que nos levantávamos, e púnhamos de pé como no principio; e toda esta cerimonia se repetia por três vezes – *Apud* Júlio Biker, *Collecção de Tratados*, VI, p. 52.

(41) COXÃO

Var. *hoxan*, *hossioni* (it.), *ho xám* (lat.), *ho-chang* (ingl., fr.), *hochan* (fr.)

Do chin. *hó-sháng*

Denominação do religioso budista na China.

1554. – “Na sua lingua chamão as Igrejas *Incão*, e os seus padres **coxão**”. – Fernão Pinto, *apud* Cristóvão Aires, p. 119.

ANÁLISE:

和尚 mand. */xɔʂaŋ/ > coxão

O étimo dado por Dalgado é preciso: *hó-shang*, i.e., 和尚 mand. *héshang*, “monge budista”. Esta é a única ocorrência, nos vocábulos em estudo, de transcrição de um *[x] inicial por <c>. As abonações em outras línguas remetem ao mesmo étimo apontado acima.

(42) CUM-HÓ*

Var. cum hó

Do chin. *kun-hó*

Mandarim intendente dos rios, na China.

1729. – “Nesta cidade se achava o **Cum hó**, que he hum grande Mandarim que governa os rios, e os andava naquelle tempo visitando”. – Apud Júlio biker, *Collecção de Tratados*, VI, p. 124

ANÁLISE:

總河 mand. */tsɔŋ xɔ/ > *çum hó > cum hó

O étimo *kun-hó* sugerido por Dalgado não é preciso. O termo tem o sentido de 總河 mand. *zǒng hé*, uma abreviação de 河道總督 mand. *hédào zǒngdū* “diretor-geral do Grande Canal” (HUCKER, 1985). Nessa hipótese, teríamos mais uma ocorrência de transcrição de [ts] por <c> com omissão de cedilha (v. **compim**).

(43) CUNGUE*

Var. cong, koug (fr.), koûng (fr.)

Do chin. *kung*

Título chinês, correspondente ao de duque.

1866. – “Os imperadores tem constantemente honrado um dos descendentes do celebre philosopho chinez elevando-o á dignidade de **cong**, que talvez corresponda á dos nossos duques ou á dos antigos condes”. – *Archivo Pittoresco*, IX, p 402.

ANÁLISE:

公 mand. */kuŋ/ > cong > cungue

O étimo é preciso: *kung*, i.e., 公 mand. *gōng* “duque”. A forma **cungue** é normatização ortográfica de Dalgado.

(44) CUNQUOM

Var. kumkuen, kum kuon, cong quan (fr.)

Do chin. *kung-kuan*

Hotel ou aposentadoria, na China.

1729. – “mas o Vice-Rey o demitiu de si, e o commetteu ao mesmo *Chifú*, a quem o Secretario buscou no dia e hora determinada no seu **Kum-kuon** casa onde o recebeu com toda a cortezia”. – *apud* Júlio Biker, *Collecção de Tratados*, VI, p. 86

“O Embaixador estava embarcado e não acceitou um **Kum-kuon**, que lhe tinham para a sua aposentadoria.” – *Ibid.*, p. 113

“E conduziram também ao mesmo Embaixador para hum **Kum-kuon**, ou caza de aposentadoira que lhe tinham preparado. Neste Kum-kuon nos demoramos vários dias.” – *Ibid.*, p. 156.

ANÁLISE:

公館 mand. */kuŋ kuon/ > cumquom

O étimo *kung-kuan* corresponde a 公館 mand. *gōngguǎn* “hospedaria oficial”. Albergue para altos funcionários em viagem oficial. A grafia **kun-kuen** na primeira ocorrência da abonação de 1729 provavelmente se deve a erro de cópia ou de impressão, tendo em vista que, em três outras ocorrências do mesmo texto-fonte se encontra a forma **kum-kuon**. A final *[uon] na época da abonação corresponde a [uan] em mandarim moderno (COBLIN, 2000).

(45) DÓ

Do chin. *teu*

“É a velha e comprida mantilha portuguesa que as macaístas conservam ainda usando-a com requintada elegância” Conde de Arnos.

APÊNDICE: O Sr. Pelliot sugere que o vocábulo, no sentido que se lhe atribui em Macau e Timor, (...) poderia provir do chin. *teu*, “capucho”. Parece que tem razão, pois a peça de vestuário não tem nenhuma relação com o luto, nem o significado especial é conhecido na Índia, donde deveria naturalmente ser transmitida a dição, se fosse genuinamente portuguesa.

1895 – “Toda macaísta sem excepção, pode dizer-se, tem as mãos e os pés bonitos. Sabem-no tão bem, que na rua e principalmente aos domingos á saída da missa, mesmo aquellas que usam sempre o **dó**, e são muitas, encontram maneira de se envolver n’elle por forma a deixar ver pé e mão, o que não é fácil.” – Conde de Arnos, *Jornadas pelo Mundo*, p. 145.

ANÁLISE:

(?) 兜 mand. */tou/ ≈ cant. */tau/ (envolver com tecido) ⇒ dó (capucha preta) < port. dó (luto)

O étimo *teu* sugerido por Dalgado talvez corresponda a 兜 mand. *dōu* ≈ cant. *dau^l*, “envolver com tecido”. A etimologia chinesa deste vocábulo é altamente improvável: seria um caso singular de empréstimo do chinês com [d] inicial, um fonema inexistente tanto em mandarim como em cantonês.

Ao que tudo indica, trata-se de uma adaptação semântica do port. **dó** “mantilha de luto” para “bioco asiático”. Batalha (1988), afirma tratar-se de um termo português e descreve o **dó** macaense como “manto ou bioco preto usado pelas mulheres”, a cor já não viria do luto, mas “do hábito reinol de vestir preto como sinal de distinção ou de recato”.

A tradução chinesa²⁰ do texto do Conde Arnoso traz “do” em alfabeto latino, explicando que se trata de uma peça de vestuário portuguesa. O tradutor, portanto, não reconheceu o vocábulo como chinês.

(46) FAITIÃO*

Do chin. *fah-tie*

Barco chinês de passagem e de carga.

1870. – “... as embarcações chinesas de passagem e carga, denominadas **faitiões**, fossem registadas na Procuratura... Começaram desde logo os chineses dos **faitiões** a reunirem a miúdo ao Pagode Novo...

Chegados de roldão aos **faitiões** trataram de fazer-se de vela para fugir”. – In *Ta-ssi-yang-kuó*, I, p. 79

ANÁLISE:

快艇 cant. /fa:i t^hɛ:ŋ/ > faitião

O étimo *fah-tie* dado por Dalgado é impreciso. Batalha (1988) registra o macaense *fatião* ou *faitião*, de 快艇 cant. *faai³ teng⁵*, “antiga embarcação chinesa, à vela, de passagem e carga”.

O termo aparece também em um topônimo de Macau: 快艇頭街 *faai³ teng⁵ tau⁴ gaai^l* “Rua dos Fatiões”.

²⁰ TEIXEIRA, M. *Macau visto pelo Conde de Arnoso*. *Revista de Cultura*. Macau: ICM, 1988. Vol. 2, nº 7/8. p. 63-78.

(47) FANQUI*

Do chin. *fan-kwei*

É o nome que os chineses dão, por desprezo, aos europeus, e que significa literalmente “demónio estrangeiro”.

APÊNDICE: A mais antiga menção que ocorre do vocábulo é no *Tractado da China* (cap. XXIII, 1) de Fr. Gaspar da Cruz [1569], que o transcreve em *fancui*.

1897. – “Contenta-se em chamar-lhes **Fan-kuai**, diabos estrangeiros, ou *Yang-kouei-tze*, diabos do occidente”. – Joaquim C. Crespo, *Cousas da China*, p. 79

ANÁLISE:

番鬼 mand. */fan kui/ > fancui > fanqui

O étimo *fan-kwei* dado por Dalgado corresponde a 番鬼 mand. *fān guǐ* ≈ cant. *faan¹ gwai²*, lit. “demônio estrangeiro”. Em cantonês, termo coloquial para qualquer estrangeiro branco. Gaspar da Cruz (1569) transcreve *fancui*, mas Dalgado normatiza a grafia em *fanqui*. A forma **fan-kuai**, na abonação de Callado Crespo (1897), transcreve a pronúncia do cantonês [fa:n kwa:i]. Outro termo mencionado é o sinónimo *yang-kouei-tze*, i.e., 洋鬼子 mand. *yáng guǐzi* “demônio estrangeiro. Tanto 番 *fān* “não chinês, bárbaro” (originalmente em referência às etnias da Ásia Central, no extremo oeste do império chinês) como 洋 *yáng* “oceano” (e, por extensão, aquilo que chegou pelo mar) podem ser usados como prefixos com o significado de “estrangeiro” ou “importado”. O termo 鬼 mand. *guǐ* primariamente significa “fantasma, assombração”, por extensão “demônio, monstro” e, em certos contextos, “basbaque, imbecil”, entre diversas outras acepções.

(48) FANTAN

Var. lantane, tan-tan, fantam, latan

Do chin. *fán-tán*

“Espécie de jogo chinês, em que, com o auxílio de *sapecas*, se joga sobre quatro números inscritos numa loisa”. C. de Figueiredo. O seu monopólio é grande fonte de receita para o estado em Macau.

1868 – “Vou explicar-te o mecanismo do **lantane** (sic). O banqueiro separa de um avultado montão de *sapécas* um monte mais pequeno, de que, pela simples vista, se não pode calcular, nem aproximadamente, o número.” – *Archivo Pittoresco*, X, p. 206.

1881 – “O jogo de **fantan** e a loteria de *Vae-seng*, por que tanto nos desmerecem, é ali até certo ponto tolerado e até pagam impostos indirectos” – *Bol. S. G. L.*, III, p. 742.

ANÁLISE:

番攤 cant. */fa:n t^ha:n/ > fantan

番攤 cant. *faan¹ taan¹* é o nome de um jogo de azar popular em Macau e no Sul da China até meados do século XX. A forma **lantane** na abonação mais antiga deve-se a um erro de impressão. Como descreve Batalha (1988, p. 437), “o banqueiro tem na sua frente um pequeno monte de botões brancos [...] e, com uma tigela ou uma campânula, separa um montinho mais pequeno, o qual fica debaixo da campânula até que os jogadores acabem as suas apostas. Ao grito de [開] *hói!* (abre!), o banqueiro levanta a campânula e, com uma vareta, vai separando lentamente os botões em grupos de quatro até ficar um resto de quatro ou menos.”

(49) FÃO

Var. fões, fõs, hao (esp.)

Do chin. *hau*

Moeda e pêsos da China equivalente a um décimo de *sapeca* ou *caixa*,

APÊNDICE: As abonações de 1525 e de 1536 referem-se ao chin. *fen* (*fuen* em Halde, vid. p. 524 a), que é a décima parte do *maz* (q.v.) ou do chin. *ts'ien*, enquanto o *hã* de Semedo procede do vocábulo dado por étimo, e designa a décima parte de *li* (q.v.)

1525. – “Huum tael dez mazes e huum mas dez fõees” – *Lembrança das Cousas da India*, p. 56

ANÁLISE:

毫 mand. */hau/ > fão

O étimo *hau* corresponde a 毫 mand. *háo*, “um décimo da unidade monetária”. Na forma aportuguesada, o ditongo final foi nasalizado, como ocorreu também em */xaitau/ > **aitão**. Note-se, ainda, a variação na transcrição da velar *[x]: <f> em **fão** “dez centavos” (1525); suprimido em **aitão** “almirante” (1542); <c> em **coxão** “monge” (1554); <h> em **kam-ho** (v. *canvo*) “documento de viagem” (1729).

(40) FERÚCUA

Do chin. *pwán-sze-kwán* “juiz” ou *kwán-fú* “magistrado”, com a transposição dos termos

Conforme a abonação, é um magistrado judicial da China.

1542. – “Reside [em Nanquim] hum *Chaem* da justiça, que he titulo supremo como de Visorrey, com hua grande relação de cento e cinquenta *gerozemos* e **ferucuas**, que são os desembargadores, chancereis e revedores de todas as causas civis e crimes”. – Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 85

ANÁLISE:

Origem obscura.

Dalgado provavelmente colheu o étimo *pwán-sze-kwán*, i.e., 判司官 mand. *pànsī guān* “juiz” em Morrison (1819), um dos raros lexicógrafos do século XIX a distinguir as sílabas *pan* e *pwan* em mandarim. De fato, no verbete “judge” (julgar, juiz) Morrison dá o seguinte exemplo: “The judge detained the witness 判司官留下見証人 *pwan sze kwan lew hea këen ching jin*”²¹.

Da mesma fonte vem o segundo étimo proposto por Dalgado, *kwán-fu*, i.e., 官府 mand. *guanfu* “funcionário público, autoridade, mandarim”.

Partindo dessas hipóteses, seriam necessárias transformações fonéticas altamente irregulares para chegar de */p^hansɿkuan/ ou de */kuanfu/ a **ferúcu**a. A sílaba “cu” poderia ser transcrição de 官 *guān* “mandarim”, com a apócope da nasal, como ocorre em 大官 *daguan* > **tacoá**, ao passo que “feru” teria de vir de uma sequência como */fei lu/, permitida na fonologia do mandarim, porém não atestada nesse campo semântico. O étimo, enfim, pode não ser chinês.

Em sua tradução de *Peregrinação*, Jin (1999) usa o termo 判官 mand. *pànguān* “juiz”.

Para Thomaz (2009), o étimo pode ser o malaio *juru azan* “almuadém”, i.e., “muezim” (lit. “encarregado da chamada”), com alteração semântica.

(51) FÓ

Var. foë, foé (fr.), fohi (it.)

Nome de Buda em chinês. *Fu*, do dialeto da côrte, representa a primeira sílaba (bu); mas parece que havia variantes em outros dialectos.

1687. – “Tendo eu notícia de ser comu~opinião deos nossos Missionarios ser o Buddu de Ceylão o mesmo que o **Fó** (ou **Foë**, como outros escreuem)...”. – P. Fernão de Queiroz, *Conquista de Ceylão*, p. 69.

ANÁLISE:

佛 mand. */fuɔ/ > fó

²¹ “O juiz deteve a testemunha”. Na romanização pinyin, esse exemplo é: *pànsī guān liúxià jiànzhèng rén*.

Abreviação de 佛陀 mand. *fótuó* “Buda”, cuja pronúncia reconstruída em chinês medieval é */but da/. As formas **foë** e similares transcrevem o mandarim pré-moderno */fue²/. O empréstimo “fó” está presente no termo “cães de fó”, nome de um tipo de bibelô que reproduz, em miniatura, os leões de pedra usualmente posicionados dos dois lados da entrada dos templos budistas na China.

(52) FU

Var. fú, fou (fr.)

É termo chinês que designa distrito, prefeitura, bem como a sua cidade principal, sede do gov. provincial.

1563 – “Em as quaes... conthem duzentos quarenta e quatro cidades notaveis, as quaes todas acabão nesta sylaba **fú**, que quer dizer cidade: assi *Chincheufú*, e *Nimposfú*, polas cidades de Chincheu e Nimpo, onde os nossos vão fazer seus commercios.” – J. de Barros, *Déc.* III, II, 7.

ANÁLISE:

府 mand. /fu/ > fu

Divisão administrativa. Cidade de primeira grandeza, município ou prefeitura.

(52) FUIEN*

Var. fu yuen

Do chin. *fu-yin*

É o título do governador de Pequim, [...] *Ciam kium*, que figura na abonação representa o chin. *tsiáng-kiun*.

1729. – “O Embaixador [português] visitaria em primeiro logar ao **Fu yuen** que era o Vice Rey e segundo logar ao *Ciam Kyum*, que é o generalíssimo das armas tártaras.” – *Apud* Júlio Biker, *Collecção de Tratados*, VI, p. 87

ANÁLISE:

撫院 mand. */fu yɛn/ > fuien

O étimo e a definição dados por Dalgado remetem ao cargo 府尹 mand. *fǔyǐn* “governador da capital”, mas a transcrição e a descrição na abonação remetem a 撫院 mand. *fǔyuàn* “título

honorífico do governador provincial ou vice-rei”, cuja pronúncia [fu ɣɛn] é mais próxima da transcrição portuguesa.

Hucker (1985) define 尹 mand. *yǐn* como governador do município (府 mand. *fǔ*) em que está instalada a capital dinástica e 撫院 mand. *fǔyuàn* como designação não oficial do governador provincial na dinastia Qing. O termo, segundo esse autor, seria uma abreviação formada com as últimas sílabas de 巡撫 *xúnfǔ* “governador” e 都察院 *dūcháyuàn* “câmara dos censores”, órgão em que esses dignitários provinciais normalmente acumulavam cargos.

Jin (2000, pp.18-19) aponta que a forma *fuyin*, encontrada com frequência nas fontes portuguesas, é uma corrupção de *fuyuan* e explica (acrescentamos os ideogramas e as marcas tonais):

Na Dinastia Qing [1644–1912], o Governador [...] acumulava o título honorífico de 右副都御史 *Yòufùdūyǐshǐ* (Sub-Censor Metropolitano da Direita) do Tribunal dos Censores. Caso acumulasse também o cargo simbólico do Vice-Ministro da Guerra, as suas honras subiam [...] de modo que o Governador era chamado e autodenominado como 部院 *Bùyuàn* (do Ministério e do Tribunal) ou 撫台 *Fǔtái* ou 撫院 *Fǔyuàn* ou ainda 部堂 *Bùtáng*.

(54) FUNG-XU

Var. *feng-shin*

Do chin *fung-shui* “vento-água”

Geomância funerária, na China.

1895. – “Uma das mais arraigadas superstições que existe na China tanto nas classes elevadas como nas mais ínfimas é sem duvida a escolha conhecida pelo nome de **Feng Shin**, que traduzida á letra significa vento e agua, e é na escolha das sepulturas que consiste o maio prejuizo desta superstição. Existe mesmo uma classe de mestre-adevinhos que vivem da bem remunerada industria de escolher sepulturas segundo as leis de bom **Feng-Shin**. – Conde de Arnoso, *Jornadas pelo Mundo*, p. 304.

ANÁLISE:

風水 mand. */fəŋ ʃuəi/ > fung-xu

O étimo é preciso *fung-shui*, i.e., 風水 mand. *fēng shuǐ* lit. “vento-água”, prática divinatória usada para orientar o posicionamento auspicioso de sepulturas e edificações.

Note-se que a vogal /ə/ pode, em certas variantes do mandarim, arredondar-se após consoantes com traço labial: [fəŋ]. A forma **fung-xu** é normatização ortográfica de Dalgado. Na abonação de 1895, a forma **feng-shin** traz erro de cópia ou de impressão <in> por <ui>.

(55) GUIGAVO*

Do chin. *nge-wai-wei*

Cabo militar.

APÊNDICE: O Sr. Pelliot põe em dúvida a etimologia apontada.

1545 – “Na dianteyra destes em pe, como Tenentes, ou cabos de esquadras, dous gigantes fantásticos muy bem dispostos, e ricamente vestidos, com seus terçados a tiracolo, e alabardas muito grandes naas mãos, os quaes os mesmos Chins chamam em sua língua **Gigauhos**.” – Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 103.

ANÁLISE:

Origem obscura.

Não foi localizado nenhum termo chinês que se encaixe no molde do étimo proposto. Pelliot, citado no Apêndice, questiona a etimologia apontada. Para Thomaz (2009), pode ser um empréstimo do malaio *gigau* (variante de *igau* ou *ingau*) “delírio, pesadelo; sonhar”, e também “semi-homem silvestre, espécie de fauno”.

Na tradução de *Peregrinação*, Jin (1999) usa 吉高沃 mand. *jígāowò*, uma transcrição fonética aproximada de **gigauho**, indicando com isso não reconhecer a origem chinesa do termo.

(56) HAI-TAGIM*

Var. *hay-tagin*

Do chin. *ui-tau-jin* ou *yu-tsien ta-chin*

É, conforme a abonação, o “presidente do tribunal da fazenda”, na China.

Neste sentido deve o vocábulo representar o chin. *ui-tau-jin*. Se porêem se trata do camarista-mor ou do introdutor dos embaixadores, como se depreende, o seu étimo seria *yu-tsien-ta-chin*.

SUPLEMENTO: O Sr. Pelliot considera *hai* como nome próprio, e traduz o chin. *Hai-ta-jen* por “Sua Excelência Hai”.

1756. – “Havia servir-me [ao embaixador português] o **Hay-Tagin**, Presidente do Tribunal da Fazenda” – “Só com o **Hay-Tagin**, que também merecia a mesma demonstração de agradecimentos, não me foi possível praticar semelhante correspondência” – “**Hay-Tagin**, a quem pertencia por officio o maior cuidado de dirigir-me n’estas acções, me advertiu que esperasse pelo seu aviso”. – *Apud* Júlio Biker, *Collecção de Tratados*, VII, pp. 76, 77 e 85.

ANÁLISE:

海大人 mand. */xai tazin/ > hay-tagin > hai-tagim

Um dos étimos dados por Dalgado é *yu-t sien-ta-chin*, que corresponde a 御前大臣 mand. *yùqián dàchén* lit. “alto funcionário diante do imperador” (i.e., no serviço direto ao monarca). A distância fonética de **hai-tagin**, no entanto, torna essa etimologia pouco provável. O outro étimo proposto pelo autor, *ui-tau-jin*, não foi identificado.

Mais plausível é a interpretação de Pelliot mencionada no Suplemento: o termo é formado pelo antropônimo 海 mand. *hǎi* “mar” (sobrenome) e pelo título honorífico 大人 mand. *dàrén* “excelentíssimo”, tratamento reservado aos funcionários de alta hierarquia (v. **tagin**).

Jin (2000) confirma a etimologia de Pelliot dando, como título completo dessa autoridade 戶部尚書海大人 *Hùbùshàngshū Hǎi dàrén* “excelentíssimo senhor Hai, ministro do Departamento da Fazenda”. Os registros portugueses aparentemente confundiram o nome do cargo com o de seu ocupante.

(57) **HANG-CHIEN***

Do chin. *sán-ching*

É a aguardente que os chineses fazem de arroz, e que é mais conhecida pelo nome de *sán-sháu*, “três vezes destilado”, *samshoo* em inglês.

APÊNDICE: Não admite o mesmo sinólogo que o vocábulo se relacione com o chin. *san-tcheng* ou *san-chao*.

1895. – “D’uma chaleira de zinco ennegrecido despejam em pequenos calices o famoso **Hang-Chien**, vinho amarelo feito d’arroz e que se toma ligeiramente aquecido. Os mandarins saboreiam-no, com apreço, nós achamol-o simplesmente detestavel”. – Conde de Arnoso, *Jornadas pelo Mundo*, p. 213.

ANÁLISE:

黄酒 mand. */xuaŋ teiəu/ > *huang chieu > hang-chien

O étimo *sán-ching* proposto por Dalgado não corresponde ao vocábulo da entrada. A forma **hang-chien** (1895) é, possivelmente, uma transcrição imprecisa de 黄酒 mand. *huáng jiǔ* “vinho amarelo”, nome dado à bebida alcoólica de arroz descrita no verbete. Uma das romanizações correntes para 酒 *jiǔ* “bebida alcoólica” era *chieu*. O <u> final pode ter sido confundido com <n> resultando em *chien*. Outro termo mencionado é *sán-sháu*, i.e., 三燒 mand. *sān shāo* “três queimas”.

(58) HANLIN*

Var. Hanlijuen

Do chin. *han lin* “floresta de pincéis”

É o nome que em chinês se dá ao Colégio Imperial. Significa literalmente “floresta de pincéis”.

Designa também o diploma do referido colégio.

1605, — “Estes foram primeiramente dous grandes Mandarins do tribunal, a que chamam **Hanlijuen**, a quem pertence tratar os negocios tocantes a pessoa real, e onde se metem os maiores e milhores letrados do Reyno, e donde sobem ao tribunal dos *Colaos*, que seam os immediatos a pessoa real, e sobre todos os outros tribunaes”. – Fernão Guerreiro, *Relaçam Annual*, fl. 73v.

ANÁLISE:

翰林院 mand. */xanlin yɛn/ > Hanlijuen > Hanlin

Abreviação de 翰林院 *Hànlín yuàn* Academia Hanlin. O termo **Hanlin**, lit. “floresta de pincéis”, designava um coletivo de letrados (HUCKER, 1985). A **Hanlin yuan**, “Academia Hanlin” congregava os letrados encarregados de redigir e editar os pronunciamentos imperiais de maior importância e compilar obras de referência financiadas pelo imperador.

(59) HÃO*

Var. hong, kong-han

Do chin. *háng*

Negociante chinês, que era intermediário oficial entre os europeus e os chineses. Tal entidade não existe ao presente. → *anista*.

1845. – “Estão extintos os antigos Hãos de Anistas. Daqui em diante é permitido aos negociantes de todas as nações vir contratar aos cinco Portos... e ter relações commerciaes com quaesquer Chinas, que lhes convierem”. – *Annaes Maritimos*

ANÁLISE:

行 mand. */xan/ ≈ cant. */hɛŋ/ > hão

Redução de 公行 mand. *gōng háng* ≈ cant. *gung¹ hang⁴*, guilda de comerciantes chineses que detinham o monopólio do comércio internacional em Cantão durante a dinastia Qing (1644–1912).

(60) HIEN

Var. hieu, hyen

Do chin. *hien* “vila”

Palavra chinesa, que designa uma “vila”.

1600. – “Respondem os **Hieus** (*sic*) a villas d’Espanha na subordinação do governo; posto que no aparato, e grandeza se possam comparar ás nossas cidades”. – P. João Lucena, *Historia*, X, cap. 20.

ANÁLISE:

縣 */xjɛn/ > hien

O étimo *hien* dado por Dalgado corresponde a 縣 mand. *xiàn* “vila, aldeia” na pronúncia pré-moderna. Na abonação (1600), há troca de <n> por <u>.

(61) HOPO*

Var. hopu, houpu, hoppu, houpou, opu

Do chin. *hu-pu* “repartição de finanças”

Administrador de alfândega ou a mesma alfândega, na China.

1679. – “O segundo supremo Tribunal se chama **Hupu**, que vem a ser como Thesoureiro Mór d’El Rey. Tem cuidado das rendas, tributos, thesouros, despesa, despezas Reaes”. – Fr. Jacinto de Deus, *Vergel*, p. 220.

ANÁLISE:

戶部 mand. */xupu/ > hopo

O étimo *hu-pu* corresponde a 戶部 mand. *hù bù* “ministério da Fazenda”, órgão do governo central encarregado dos censos de população e da terra, cobrança de impostos e gestão de recursos públicos (HUCKER, 1985). As formas **hopu** e similares registradas em diversas abonações podem ter influência dialetal, cf. hokkien *hō pō*.

(62) IAMEM*

Var. yamen, ya-men

Do chin. *yá-mun*

Repartição pública, na China.

1880. – “Depois é alguma aristocratica cadeirinha do Mandarim, que *koulis* vestidos d’azul, de rabicho solto, vão levando a um trote arquejante para o **yamen**”. – Eça de Queiroz, *O Mandarim*, p. 11.

ANÁLISE:

衙門 mand. */iamən/ > yamen > iamem

O étimo *yamun* apresentado por Dalgado corresponde a 衙門 mand. *yámén*, “repartição pública”. No étimo dado, a grafia <yamun> seria ou uma romanização irregular para o mandarim *yámén*, ou transcrição do manchu ᡩᠠᡵᡠᡵᡠ *yamun*. O **yamen** era a residência oficial de um mandarim e, ao mesmo tempo, a sede do órgão público chefiado por ele. Por extensão, o termo passou a designar qualquer repartição governamental. A forma **iamem** é normatização ortográfica de Dalgado.

(63) ICHÃO

Var. ychan, icham, tchan (fr.)

Do chin. *yī chan* “uma jornada”

Medida itinerária da China, equivalente a uma jornada ou a dez *pus* ou a cem *lis*. Conforme João Lucena, corresponde a pouco mais de seis léguas, conforme João de Barros, a dez léguas, e conforme João Gonçalves de Mendonça, a doze léguas. V. *ié*.

1563. – “Dez dos quaes *Lys* fazem hu *Pù*, que corresponde pouco mais de huma legua das nossas Hespanhoes, porque dez deles fazem huma jornada, a qual elles chamão **Ychan**”. – João de Barros, *Década III, II, 7*

ANÁLISE:

(?) 驛站 mand. */ii² tʂan/ > ychan > ichão

(?) 一晝 mand. */ii² tʂɛu/ > ychan > ichão

O étimo *yī chan* dado por Dalgado corresponde, provavelmente, a 驛站 mand. *yì zhàn* “estação de mensageria” (v. **ié**). Essas estalagens do serviço de mensageria oficial eram construídas a distâncias regulares. O número de estações que o mensageiro deveria percorrer por dia era determinado pelo grau de urgência da mensagem. A abonação francesa (1835) traz **tchan**, i.e., 站 mand. *zhàn* “estação”. Todas as abonações trazem formas com final nasal em <an>, <am> ou <ãos>.

Segundo Loureiro (1997), o étimo seria 一晝 mand. *yī zhòu* “uma jornada”, medida subjetiva equivalente à distância percorrida por um homem em um dia (v. **pu**). Seria um caso singular de nasalização de *[ɛu] em [ãw] nos empréstimos chineses do *Glossário*. Na sincronia

das abonações mais antigas, sílabas com a sequência fônica *[tʃeu] eram comumente transcritas <cheu> e não <cham>.

(64) IÉ

Var. *ye*, *yechin*

Do chin. *hié*

Pousada, hospedaria oficial.

1668. – “São estes Lugares tantos quantos as jornadas, 1545. Chamãose **Ye**, ou *Chin*, ou juntas, *Yechin*, quer dizer Lugar de Hospedaria, e de Vigia; com muita razão lhe derão este nome, porque com tanta vigilancia, tento, e circunspecção esperão o mandarim, como se temessem, e esperassem hum exercito inimigo”. – Fr. Jacinto de Deus, *Vergel*, p. 166.

ANÁLISE:

驛 mand. */iɪʔ/ ≈ cant. */jek/ > *ye* > *ié*

Dalgado dá como étimo *hié*, provavelmente por *iéh*, uma transcrição de 驛 mand. *yì* “posto de mensageria”, o mesmo termo que hipoteticamente compõe **ichão** (v. verbete anterior). Outros termos mencionados na abonação (1668) são *Chin*, i.e., 站 mand. *zhàn* “estação”, e *Yechin* i.e., 驛站 *yìzhàn* “posto de mensageria”.

Note-se que, no caso de se tratar do mesmo 驛 *yì* do verbete anterior, pronunciado *[iɪʔ] na época da abonação, a transcrição *Yechin* de Fr. Jacinto de Deus (1668) diverge das formas anotadas por outros autores, como *Icham* em Pe. João de Lucena (1600) e *Ychan* em João de Barros (1534). Natural de Macau, o franciscano Jacinto de Deus (1612–1681) descrevia a China *in loco* e suas transcrições podem, supostamente, ter alguma interferência dialetal, cf. cantonês *[jek tʃa:m].

(65) ILUI*

De *hia-liu* “canalha” (epíteto que o vulgo daria à soldadesca indisciplinada)

É, conforme João Lucena, aquartelamento chinês. Não dei fé do vocábulo nos livros de Pauthier e de Bazin acêrca de China. Fr. Jacinto de Deus menciona seis *ordens de fortalezas*, com os seus respectivos nomes chineses, nenhum dos quais se acomoda a *ilui*.

SUPLEMENTO: Conforme Pelliot, *ilui* deve estar por *llui* e relacionar-se com *lutisse*. q.v. Mas a ortografia portuguesa não admite dois *ll* iniciais, e a primeira letra deve ser maiúscula, como a das palavras que antecedem, talvez *H*.

1600. – “... ajuntando no fim de nome proprio de cada hum [cercado] huma destas palavras *Fu, Cheu, Hien, Ilui*... Iluis chamam aos lugares de guarnição d’aquelles milhões de gente de guerra que diziamos auer em todo o reyno”. – *Historia*, X, cap. 20.

ANÁLISE:

(?) 麾 mand. */xuɛi/ > *Hui > Ilui > ilui

Tendo em conta a hipótese levantada no Suplemento de que se tratava de um *H* maiúsculo inicial, depois confundido com *Il*, um dos étimos possíveis é 麾 mand. *huī* “estandarte militar, regimento”. O termo 麾下 mand. *huīxià* “sob o estandarte” designava tanto o general como as tropas sob o seu comando.

(66) INCÃO

Do chin. *miáu háu*

Templo búdico, na China.

SUPLEMENTO: Parece que a palavra está errada, devendo ser **mião**, como observa Pelliot, derivado do chin. *miao*.

1554. – “Na sua lingoa chamão as Igrejas **Incão**, e seus padres *coxão*”. – Fernão Pinto, *apud* Cristóvão Aires, p. 119.

ANÁLISE:

廟 mand. */miau/> *mião > incão

Dalgado propõe como étimo *miáu háu*, talvez em referência a 廟號 mand. *miào hào*, “título póstumo do imperador”. Mais provável é que o étimo seja simplesmente 廟 mand. *miào* “templo”, termo frequente, por exemplo, em compostos como 寺廟 *sìmiào* “templo budista”, 文廟 *wénmiào* “templo confuciano” etc. O vocábulo *coxão* mencionado na abonação (1554) corresponde a 和尚 mand. *héshang* “monge budista” (v. **coxão**)

A forma **incão** ocorre unicamente na abonação de Fernão Mendes Pinto, outros autores registram *miau* ou *miao* por “templo”. Como **incão** não remete a nenhum vocábulo chinês no campo semântico de “templo budista” ou “templo”, pode ter havido erro de cópia ou de composição, imprimindo-se **mião* como *incão*.

(67) ITAU

Var. itao

Do chin. *yuen-tau*

Comandante chinês.

1552. – “Há outros officios menores que estes, que se chamão *puchancis*, **itaos**, *pios*”. – Castanheda, *Historia*, IV, cap. 27.

ANÁLISE:

海道 mand. */xaitau/ > itao > itau

O étimo *yuen-tau* (não identificado) sugerido por Dalgado não parece plausível tendo em vista que não se registra, em outros empréstimos, a transformação *[yɛn] > [i].

De acordo com Loureiro (1997), *itao* é uma grafia imprecisa de *aitão*, i.e., 海道 mand. *hǎidào* (v. **aitão**), cuja definição é compatível com a de “capitão-mor do mar” dada em duas abonações posteriores (1563, 1666). A forma **itau** é normatização ortográfica de Dalgado.

(68) JUNCO ^{HOUAISS}

Var. jungo, jonco, junquo, jungo, junk (ingl.), jonque (fr.)

Do chin. *chuen* pelo malaio-jav. *jung*, *ajung*, *jong*

Grande embarcação oriental, especialmente chinesa, descrita abaixo por Barbosa e Castanheda. [...]

Atribui-se ao vocábulo origem chinesa *chuen*, adoptada por Littré; mas é quasi certo que o étimo imediato é o malaio-jav. *jung*, *ajung* (também *jong*), como acontece com muitos outros termos de procedência chinesa. Atesta porém Pauthier que em um livro chinês antigo figura a palavra *jung* no sentido de “morada flutuante”.

1510. – “Podera auer neste porto [de Malaca] contynos, nouenta, ou çento **juncos** entre grandes e pequenos” – *Alguns Documentos da Torre do Tombo*, p. 220.

ANÁLISE:

(?) 船 Ningbo */tsyn/ > mal. *jung* > junco

A palavra para “junco” (embarcação) em mandarim moderno é 戎克船 *róngkè chuán*, composta por 戎克 *róngkè* [ʐŋ̩ kʰɿ] transcrição do português “junco”, e 船 *chuan* “barco”. Tendo em vista que, pela data da abonação (1510), o termo era usado antes mesmo da chegada dos portugueses ao litoral chinês, o étimo de **junco** é provavelmente malaio e a origem, chinesa, talvez pelo dialeto de Ningbo 船 *tsün* “barco” (Jones, 2007).

O dicionário Houaiss define ²**junco** como “qualquer de várias embarcações a remo ou a vela chinesas (...)” e dá como etimologia o mal. *adjong*.

(69) KING

Var. kim

Do chin. *kim*

Nome genérico dos livros sagrados dos chineses.

1679 – “Tem mais cinco livros que chamão *V* [*vu*] **kim**; cinco escripturas que para eles são, como para nós as Sagradas: o primeiro livro se chama Xu Kim, id est, Chronica de cinco Reys antigos”. – Fr.

Jacinto de Deus, *Vergel*, p. 182

ANÁLISE:

經 mand. */kiŋ/ > kim

O étimo dado por Dalgado é *kim*, i.e., 經 mand. *jīng* “livro clássico”. O <k> inicial transcreve a pronúncia do mandarim pré-moderno *[kiŋ].

(70) LABÃO (antigo) LOCÃO (moderno)*

Var. locam

Do chin. *vú-kvân*

Militar chinês.

SUPLEMENTO: O Sr. Pelliot não admite a etimologia apontada.

1552 – “E sahido o *Tutão* em hum andor foy rodeado de muyta gente d’armas que entre os chins se chamão **labões**” – Castanheda, *Historia*, IV, cap. 30.

1895 – “Soldados chinas, **locams**, completam a falta das praças europeias; os **locams** usam o sapato e a meia china empolainada, calção largo e azul, casaco da mesma fazenda, largo também e apertado por um cinturão” (em Macau) – Conde de Arnoso, *Jornadas pelo Mundo*, pag. 120.

ANÁLISE:

Origem controversa.

O étimo apontado, *vú-kvân*, provavelmente corresponde a 武官 mand. *wuguan* “oficial”. Não foram encontradas, contudo, outras ocorrências de uma possível transformação *[v] > [l] em posição inicial para corroborar a etimologia *wu guan* > **labão** ou **locão**. Também não há

evidência de que se trate de duas formas do mesmo vocábulo, como considera Dalgado, embora ambas se refiram a algum tipo de força policial.

Uma reedição mais recente²² do texto do Conde de Arnos, publicada em artigo da *Revista de Cultura* em Macau, traz *locanes*. A versão chinesa do texto, contudo, não dá o termo original, limitando-se a traduzir *locanes* por 當地的中國警察 *dāngdì de zhōngguó jǐngchá* “policiais chineses locais”, na primeira ocorrência, e 本地警察 *běndì jǐngchá* “policiais locais”, na segunda:

Soldados chinas, *locanes*, completam a falta das praças europeias; os *locanes* usam o sapato e a meia china apolainada, calção largo e azul, casaco da mesma fazenda, largo também, e apertado por um cinturão. Na cabeça trazem o chapéu de palha chinês com as armas reais pintadas na frente e as palavras Guarda Policial de Macau.

當地的中國警察彌補了葡國警察的不足。本地警察穿着鞋和長筒襪，褲子和上衣是用同一種布料做的，非常肥大，腰上束着一根皮帶，頭上戴着一頂中國草帽，胸前畫有葡萄牙王室徽章和寫有‘澳門警察衛隊’字樣。(grifo nosso)

(71) LAMPACHOI*

Var. lampchoes, lampachoes, lampschoes

Do chin. *láp-chúk*

Vela de cera, na China.

1883 – “Nos altares ornados com esculpturas de madeira e dourados, queimam-se em grandes vasos de cobre, alguns de formas elegantes, papeis encarnados ou pequenas velas, a que chamam **lampchoes**, uns pivetes de cor” – Adolfo Loureiro, *No Oriente*, I. p. 362.

1895 – “Ardem, em vasos de bronze, folhas de papel vermelho, **lampschoes** e pivetes encarnados e pardos, em frente dos ídolos cercados de altas pyramides de flôres de papel... Queimava devotadamente papeis vermelhos accendendo ao mesmo tempo **lampschoes** e pivetes” – Conde de Arnos, *Jornadas pelo Mundo*, p. 133.

ANÁLISE:

蠟燭 cant. */la:p tʃok/ > lampchoi

O étimo *láp-chúk* corresponde ao cantonês 蠟燭 *laap⁶ zuk¹* “vela de cera”. Em reedição mais recente do texto do Conde de Arnos pela *Revista de Cultura* de Macau (v. nota na página anterior), no lugar de *lampschoes* consta *lapchocs*, uma transcrição mais próxima do cantonês.

²² TEIXEIRA, M. *Macau visto pelo Conde de Arnos*. *Revista de Cultura*. Macau: ICM, 1988. Vol. 2, nº 7/8. p. 63-78.

A inserção de <m> na primeira sílaba, e sobretudo a grafia **lampachoi** proposta por Dalgado pode ser resultado de analogia com “lâmpada”.

(72) **LANCHAL**※

Do chin. *luan-chau* (?)

Parece que é termo corrente em Macau, mas não se depreende bem do texto o sentido em que é usado.

Se quere dizer, como conjecturo, “revoltado, amotinado”, corresponderia ao chin. *luan-chau*.

1870 – “Desembarcou d’elles [barcos] grande numero de **lancháes**, armados todos, e com três peças de artilharia... Retirarão os **lancháes** com grande perda de gente.” – *Ta-ssi-yang-kuó*, I, p. 25.

ANÁLISE:

爛仔 cant. */la:n tsei/ > lanchaes > lanchal

O étimo não é exatamente *luan-chau*, como supõe Dalgado, mas 爛仔 cant. *laan⁶ zai²* “valentão, capanga, bandido”. É o mesmo *lanchai* do crioulo de Macau, definido como “garoto da rua, jovem vadio, por extensão, rufião, desordeiro” (BATALHA, 1988). A forma **lanchal** é normatização de Dalgado, por analogia com a morfologia portuguesa, deduzindo do plural *lancháes*, como aponta Batalha (op. cit.).

(73) **LANCHUÊM**※

Var. *lan chuem*, *long tshuen*

Do chin. *hang-chuen*

Embarcação chinesa, pequena e ligeira, em que se transportam os mandarins e homens ricos. Presumo que prolóvem de *hang* (no dialecto cantonense), “ligeiro”, e *chuen*, “barco”. As *lanchuens* de regatas são estreitas e compridas.

SUPLEMENTO: Seu étimo é o chin. *long-chuên*.

1679 – “**Lan chuem**, sam ligeiras, pequenas, e pouco mais compridas que largas; nestes se embarção lettrados, pessoas graves, homens ricos, limpos, e nobres que vão, e vem a Corte. Tem no meio huma sala com catre, mesa, e cadeiras.” – Fr. Jacinto de Deus, *Vergel*, p. 201

ANÁLISE:

(?) 燈船 cant. */taŋ fɿ:n/ > *tan chuem > lan chuem > lanchuêm

(?) 龍船 mand. */loŋ tɕ^huen/ > lanchuêm

O primeiro étimo proposto por Dalgado, *hang-chuen*, não se concilia com **lanchuêm**: não foram encontradas ocorrências de transformação *[h] > [l].

Na hipótese de erro tipográfico com a troca de <t> por <l> em **lan chuem**, a forma **tan chuem* corresponderia a 燈船 cant. *dang¹ syun⁴* “barco ligeiro”. É esse o termo que a reedição²³ do *Vergel* (1878) traz no lugar de *lan chuem*.

O étimo proposto no Suplemento é *long-chuen*, i.e., 龍船 mand. *lóng chuán* “barco dragão”.

(74) LANTEÁ, LANTEIA

Var. *lanteaa, lantea*

Do mal. *lantey* ou do chin. cantonês *ling-t'ing*

Barco ligeiro do extremo Oriente, semelhante à fusta. Yule declara que não pode identificar a palavra; parece que tira a origem do mal. *lantey*, “tablado, sobrado” que teria aquele barco.

APÊNDICE: O Sr. Pelliot inclina-se a derivar o vocábulo do cantonês *ling-t'ing*, que designa uma espécie de embarcação.

1540 – “Vierão dar de rosto com nosco quatro **lanteaas** de remo, que são como fustas, em que ia huma noiva pera uma aldea” (de Aname). – Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 47.

ANÁLISE:

(?) 舢舨 cant. **/leŋ t^hɛ:ŋ /* > *lanteaa* > *lanteia*

(?) mal. */lantai/* → */lantaian/* > *lanteaa* > *lanteia*

A tradução chinesa da *Peregrinação* usa a sinicização 蘭特伊亞船 mand. *lántèyīyà chuán* “barco lanteia”, o que reforça a possibilidade de um étimo não chinês, como o malaio *lantey* “estrado”, conforme a sugestão de Yule mencionada na definição do verbete. Segundo Thomaz (2009, p. 315), o étimo é certamente o malaio *lantaian*, “dotado de estrado, com coberta”, derivado de *lantai* “estrado, plataforma”.

(74) LAUIÉ*

Var. *lauye*

Do chin. *láu-yé*.

É o tratamento que se dá na China aos velhos, e quer dizer “senhor velho”.

²³ Preparada em Macau e impressa em Hong Kong (1878), a edição revisada do *Vergel* traz os ideogramas tradicionais e a pronúncia em mandarim no lugar dos vocábulos chineses usados por Fr. Jacinto de Deus. No trecho da abonação, o termo **Lam chuem** é transcrito “燈船 *Teng ch'uan*”.

1729 – “Tanto como isto se respeita na China a velhice, e ancianidade de homens, de tal sorte, que até os homens beneméritos, e de doutores para cima se dá o nome de **lauye**, que quer dizer senhor velho.” – *Apud Julio biker, Collecção de Tratados, II, p. 122.*

ANÁLISE:

老爺 mand. */lau iɛ/ > lauye > lauié

O étimo *láu-yé* corresponde a 老爺 mand. *lǎoye* “velho pai”, i.e., “mestre”, “senhor”. Tratamento honorífico antigamente dispensado a mandarins, patrões e chefes de família.

(76) LAUTIÁ, LOUTIÁ ※

Var. *lauteaa, louthia, loytia* (esp.), *loitij* (it.), *loitiy* (it.), *loitia* (fr.)

Do chin. *lau-tie, lo-tia*

Tratamento honorífico, dado aos altos funcionários chineses em geral, no sentido de “senhor”. O chin. *lo-tia*, mandarino *lao-tié*, quer dizer “venerável pai”. Fernão Pinto emprega o termo por título duma autoridade. V. *mandarim*.

1542 – “Chumbins, Monteos, Lauteaas, e outros muytos senhores, capitães e mercadores.” – *Peregrinação, cap. 105.*

ANÁLISE:

老爹 dial. Fuzhou */lo tia/ > louthia > loutiá

Os étimos *lau-tie* e *lo-tia* dados por Dalgado correspondem, a duas pronúncias do mesmo termo 老爹 mand. *lǎo diē* ≈ hok. *ló tia* “velho pai” ou “venerável senhor”, tratamento honorífico reservado a altos funcionários.

Segundo Baldwin, citado em Yule (1903), **loutia** no dialeto de Fuzhou (Min do Norte) é um tratamento honorífico com o sentido de “venerável pai”, correspondente ao mandarim 大老爺 *dà lǎoyé* (v. **lauié**).

(77) LEAM-CHUEN*

Var. *leang tchouen* (fr.)

Do chin. *leam-chuen*

Embarcação de carga, na China.

1679 – “Outras se chamão **Leam-chuen**, id est, barcos, que trazem os mantimentos das Províncias para a Corte. São estas por todas 9999. Tem estas barcas seus castelos na popa e na proa, e no meyo hua sala muy fermosa que fazem hua vista muy pomposa.” – Fr. Jacinto de Deus, *Vergel*, p. 201

ANÁLISE:

糧船 mand. */liɑŋ tɕ^huɛn/ > leam-chuen

Dalgado aponta como étimo *leam chuen*, i.e., 糧船 mand. *liáng chuán* “barco de grãos”, um tipo de embarcação para transporte de grãos, cargueiro. O mesmo termo é usado na reedição atualizada do *Vergel* (1878).

(78) **LECHIA, LICHIA** HOUAISS

Var. *lixia*, *litchi* (fr.), *lechyra* (fr.), *leechee* (ingl.), *lichee* (ingl.)

Do chin. *li-chi*.

Fruto de *Nephellium litchi*, Lamb. Do chin. *li-chi*, em malaio *līchi*, em cambojano *lichī*. É uma das melhores frutas da China, se não a melhor, a qual também há nalgumas partes da Índia. V. *longana*. Os nossos escritores comparam o seu gosto ao das uvas moscatéis.

1541 – “... entressachados com outra verdura muyto mais fresca e de melhor cheyro que esta, a que os naturaes da terra chamão *lechias*.” – Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 68.

ANÁLISE:

荔枝 mand. */li tɕɿ/ > lechia, lichia

O étimo *li-chi* dado por Dalgado corresponde a 荔枝 mand. *lìzhī* “lichia”, fruto da *Litchi chinensis*.

(79) **LENTOCIM**

Do chin. *liáng-táu-sz'*

Inspector de celeiros públicos, na China; comissário.

1534 – “Isto não he justiça mas he injustiça de tres mandarīs ladrões, *ampochim* ou *anchaci* e **lentocim** e *pio* de nato que pelos roubos que tem feitos querem matar a todos.” – Cristóvão Vieira, *apud*

Ferguson, *Letters*, p. 85

ANÁLISE:

(?) 糧道 cant. */lœ:ŋ tu/ > lentocim

O étimo *liáng-táu-sz'* dado por Dalgado está relacionado a 糧道 mand. *liáng dào* ≈ cant. *loeng⁴ dou⁶*, “caminho dos grãos”, i.e., “via de abastecimento” ou “intendente de arrecadação de impostos” como abreviação de 督糧道 mand. *dū liáng dào* (HUCKER, 1985). A pronúncia cantonesa é mais próxima das sílabas iniciais de **lentocim**.

Mais difícil é saber a que termo o autor se referia na última sílaba do étimo proposto: *sz'* – na hipótese de se identificar como 使 mand. *shǐ* “comissário” do étimo *án-cha-sz'* (v. **anchaci**), será preciso explicar por que razão essa mesma sílaba passaria por transformações fonéticas diferentes (cp. **anchaci** e **lentocim**) no mesmo documento do mesmo autor.

Poderia haver um título honorífico posposto, como 御史 mand. *yùshǐ* ≈ cant. *jy⁶ si²* “censor, comissário imperial”.

Outra hipótese é que a última sílaba corresponda a 署 mand. *shǔ* ≈ cant. *cyu⁵*, “escritório, sede administrativa” (de um órgão público). Era possível designar a autoridade pelo nome do órgão que chefiava, ou seja, usar “Secretaria” no lugar de “senhor Secretário”.

(80) LEQUE^{HOUAISS}

Var. *léquios*, *lequès* (esp.)

Do chin. *Lieu Khieu*

Abano. Está agora averiguado que a etimologia do vocábulo é o nome geográfico – *Lieu Khieu* em chinês, *Léquios* ou *Ilhas Léquias* dos nossos cronistas – de um arquipélago situado ao sul do Japão. Dizia-se a princípio “abano léquio”, mas depois ficou substantivado o adjetivo, como tantos outros análogos.

Gonçalves Viana publicou um desenvolvido e erudito artigo na *Revista Lusitana*, reproduzido nas *Apostilas*, onde cita um documento de 1561, em que figura a frase “avano lequeo”.

1551 – “Por retorno do presente lhe mandou [o rei de Bungo] armas ricas, e dous treçados douro, e cem **abanos Léquios**.” – Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 225

ANÁLISE:

琉球 mand. */liəu k^hiəu/ > léquio > leque

O étimo *Lieu Khieu* corresponde ao topônimo 琉球 mand. Liú Qiú. Arquipélago ao leste da China atualmente sob administração japonesa (províncias de Okinawa e Kagoshima). Na chegada dos portugueses ao Extremo Oriente, o Reino das Léquias, tributário da dinastia Ming, mantinha intenso comércio marítimo nos portos da China e do Sudeste Asiático.

(81) LI ¹ HOUAISSVar. *lij*, *ly*Do chin. *li*

Medida itinerária da China, que varia conforme os lugares e tem variado no decurso do tempo. Lucena diz que um *li* tem trezentos passos. Mendonça dá 10 *lis* a uma légua espanhola, e o Padre Semedo, 15. Segundo Giles, citado por Yule, 27 ⁴/₅ *lis* fazem 10 milhas inglesas. V. *ichão*.

1563 – “A primeira e menor distancia sua, he **Lij**, que tem tanto espaço quanto por terra chaã em dia quieto e serno se pode ouvir o brado de hum homem.” – João de Barros, *Déc.* III, II, 7.

ANÁLISE:

里 mand. */li/ > li

Antiga medida linear correspondente a 360 步 *bù* “passos” ou 1800 尺 *chǐ* (v. **ché**). A extensão exata, em valores modernos, varia ao longo da história. Entre os séculos XIV e XIX equivalia a algo entre 530 e 540 metros, a partir do século XX o valor foi arredondado para 500 metros.

(82) LI ² HOUAISSDo chin. *le*

Moeda chinesa de cobre e estanho, e equivalente a uma *caxa* ou *sapeca* ou a 1/1000 de tael. É também usada como peso de ouro e prata.

1640 – “El tercer modo de medir, que es por peso, dividen casi en la misma forma, empeçando de un *hao* [vid. *fão*]; y es decima parte de su moneda, a que llaman los Portugueses, *caxa*: de modo, que uma destas (o **li** como llaman los Chinos) consta de diez haos, y corresponde al medio real nuestro; diez **lies**, o *caxas*, hazem un *condorim*”. – P. Semedo, *Imperio de la China*, p. 53.

ANÁLISE:

釐 [厘] mand. */li/ > li

Unidade monetária equivalente a um milésimo do tael de prata.

(83) LI ³ ※ HOUAISSDo chin. *lie*

Eminente, conspícuo. É tratamento honorífico, que se dá na China a certas pessoas.

SUPLEMENTO: *Li Matheu* da abonação é emendada por Pelliot em *ri*, primeira sílaba de *Ricci*, e *ma-t'eu*, *Mateus*.

1679 – “A letra **li** quer dizer mandarins, a letra *pu* quer dizer tribunal, ambas juntas dizem – tribunal dos mandarins.” – Fr. Jacinto de Deus, *Vergel*, (2ª ed.), p. 165.

ANÁLISE:

吏 mand. */li/ > li

A primeira abonação (1679) faz referência ao termo 吏部 mand. *libù*, “ministério dos mandarins”, órgão que regia o conjunto dos funcionários públicos.

A segunda abonação (1707), “Li Matheu” é, conforme aponta Pelliot, a transcrição do nome do jesuíta Matteo Ricci em mandarim, com o sobrenome anteposto (à maneira chinesa) e reduzido à sílaba inicial: 利瑪竇 *Lì Mǎdòu*.

(84) LIBANCO*

Var. *libango*

Do chin. *ling-yu*

Cadeia, cárcere, na China.

APÊNDICE: A etimologia proposta não agrada ao Sr. Pelliot.

1534 – “Daqui leuarão a Thome Piz [Pires] com seis pessoas a cadea do *Ponchaçy* que chamão **libango** e a mim com quatro pessoas a cadea do *tomeçi*.” – Cristóvão Vieira, *apud* D. Ferguson, *Letters*, p. 59.

ANÁLISE:

Origem obscura.

Dalgado dá como étimo *ling-yu*, i.e., 囹圄 mand. *língyǔ* “prisão”. Parece, no entanto, pouco provável que tenha resultado em **libanco**. Jin (2005) usa 裡盤閣 *lǐpángé* como transcrição do português *libanco* e observa que o termo chinês original ainda deve ser investigado.

(85) LICHIM*

Do chin. *li-che* [-kuan]

Commissário da administração imperial na China

SUPLEMENTO: O Sr. Pelliot supõe que é nome próprio e não título chinês.

1675 – “Despues fueron llamados; y les habló por el Rey un Eunuco de nombre **Lichim**; y de Puesto, uno de sus más Validos.” – Faria e Sousa, *Asia Portuguesa*.

ANÁLISE:

Origem obscura.

Dalgado não registra abonação em português. Como observa Pelliot, citado no Suplemento, trata-se, muito provavelmente, de um nome próprio.

(86) LIM[※]

Do chin. *liáng* [táu]

Comissário imperial na China, superintendente dos canais

SUPLEMENTO: Conforme Pelliot, é o nome da família do comissário.

1883 – “Só poderam recuperar a liberdade entregando ao commissario imperial, **Lin**, 20.289 caixas de opio, que foram queimadas.” – Adolfo Loureiro, *No Oriente*, I, p. 297.

ANÁLISE:

林 mand. /lin/ > Lin > Lim

Diferentemente do que supõe Dalgado, o étimo não é *liáng* [táu], i.e., 糧[道] mand. *liáng* [dào] “[inspetor dos] grãos” (v. **lentocim**), mas sim o antropônimo 林 *Lin*. A abonação de 1883 refere-se, como aponta Pelliot, ao sobrenome da autoridade: “commissario imperial **Lin**”. A abonação de 1845, em francês, registrada no mesmo verbete, reforça essa hipótese: “Le 10 mars, le commissaire impérial **Lin** arriva à Canton avec la mission spéciale d’abolir sans délai et de déraciner complètement ce commerce illicite.”²⁴

(87) LIO LIO[※]

Var. *lyolyo*

Do chin. *yi-liu* (?)

Remo chinês, muito grande. Parece que provêm de *yi-liu*, “remadura”. O termo é usado em Macau.

1569 – “Chamam estes remos **Lios lios**: em todas maneiras d’embarcaçoens vsam antes **Lios lios**, nem vsam doutra maneira de remos.” – Fr. Gaspar da Cruz, *Tractado da China*, cap. 9.

ANÁLISE:

撩 cant. */li:u/ >lio-lio

²⁴ “Em 10 de março, o comissário imperial [林] **Lin** chegou a Cantão com a missão especial de abolir sem demora e erradicar completamente esse comércio ilícito.”

Por *yi-liu* Dalgado talvez se refira a 搖櫓 mand. *yáolǔ* ≈ cant. *jiu⁴ lou⁵*, “remar, gingar”. O termo 櫓 mand. *lǔ* ≈ cant. *lou⁵* designa uma ginga, espécie de remo posicionado na popa e que propela a embarcação ao ser movimentado alternadamente de um lado para outro.

O étimo é, mais provavelmente, 撩 cant. *liu¹* “levantar, alçar” (movimento realizado com o remo) e, por extensão, “conduzir um barco a remo”. É o sentido dado na abonação de 1899, que faz referência a uma cantiga popular macaense²⁵: “‘Lio-lio lorcha’ significa ‘remando a lorcha’, ou, mais rigorosamente, ‘remando com um remo só e a ré, dando ao barco uma oscilação especial que vae embalando o tripulante ou passageiro’” (BATALHA, 1988, p. 205).

(88) LIPU*

Var. *libo*, *lipo*, *lico*, *lypo*, *lin-pou*, *li-pu*, *li-pù* (fr.), *ly pou* (fr.), *li-pou* (fr.)

Do chin. *li-pu*

Ministério dos ritos e cerimônias, na China. Outrora tratava também dos negócios estrangeiros.

1522 – “Pede [el Rey de Malaca] ajuda e gente pera lhe ser tornada sua terra esta carta foy dada ao **libo** que he o despachador disto despachou o **libo** que a terra dos *franges* [frangues] deuia ser cousa pequena.” – Em Cristóvão Vieira, *apud* Ferguson, *Letters*, p. 64.

ANÁLISE:

禮部 mand. */li pu/ > lipu

De 禮 *lǐ* “ritos” e 部 *bù* “ministério”.

(89) LIQUIM

Var. *likin*

Do chin. *li-kum*

Taxa sobre as mercadorias para a despesa militar, na China.

1895 – “Garante o commercio dos *juncos* contra o abuso de ser sobrecarregados de duplos direitos aduaneiros e de dupla taxa, **likin**, enorme agravo contra o qual debalde reclamaram todos os negociantes.” – Conde de Arnoso, *Jornadas pelo Mundo*, p. 427.

ANÁLISE:

釐金 mand. */likin/ > ingl. *likin* > port. *likin* > *liquim*

²⁵ “Lio lio lorcha vai Cantão”

O étimo *li-kum* dado por Dalgado corresponde, apesar da romanização imprecisa, a 釐金 mand. *lijīn* “taxa de 0,001 tael”, um imposto provincial sobre o transporte de mercadorias instituído como forma de angariar fundos militares para sufocar a Revolução Taiping (1851-1864). A grafia do étimo no *Glossário* pode ser a transcrição de uma pronúncia dialetal, como cant. [lei kəm].

O termo **likin** já era abonado em inglês desde 1876 (Yule, 1903) e pode ser o étimo do vocábulo em português. Note-se que, no final do século XIX, a pronúncia palatal [tei] já prevalecia sobre o pré-moderno *[ki]. A forma **liquim** é normatização ortográfica de Dalgado.

(90) **LÓ**※

Do chin. *ló*

Báttega ou bacia de tanger, na China, muito usada em todo o Oriente.

1679 – “Hum, ou dous estádios chinas antes do Lugar, o posta toca forte, e animadamente em hua bacia, a que o China chama **Lo**, que leva pendurado ao hombro, que ouvida no Lugar, e acaso não estava já selado, e preparado o cavallo, com toda a pressa, e deligencia se prepara, e o posta sobe nelle, e deixa naquelle Lugar o cançado.” – Fr. Jacinto de Deus, *Vergel*, p. 167.

ANÁLISE:

鑼 cant. */lɔ:/ > ló

O étimo *ló* corresponde a 鑼 mand. *luó* ≈ cant. *lo⁴* “gongo”.

(91) **LONGANA** ^{HOUAISS}

Var. *long-hane*, *long-yen* (fr.)

Do chin. *long-ien* ou *lum-ien*

É uma espécie de *lichia*, mais pequena e menos gostosa, fruto de *Nephelium longana*, Camb. O termo é corrente em Macau.

1688 – “O segundo genero chamão *Limchi*. O terceiro, *Lumien*, e em Macau *Lichias Longans*.” – Fr. Jacinto de Deus, *Vergel*, p. 209.

ANÁLISE:

龍眼 cant. */lowŋ ŋa:n/ > longana

Os dois étimos *long-ien* ou *lum-ien* dados por Dalgado correspondem à pronúncia mandarim [lɔŋ ien] de 龍眼 mand. *lóng yǎn* ≈ cant. *lung⁴ ngaan⁵* “olho de dragão”, o fruto da *Nephelium longana*. A abonação (1688), por outro lado, refere-se ao nome dado a esse fruto em Macau e remete, portanto, à pronúncia cantonesa [lɔŋ ŋa:n].

(92) LOQUI ※

Var. louqui,

Do chin. cantonense *lo-kui*

Mulher pública, na China.

1868 – “As **louquis** caracterizam bem o typo dos mais bellos, com as feições que acima aponteí. São aventureiras, pobres aves sem ninho, especie de *demi-monde* na China, e passam avida a tocar, e a fazer as delicias dos chinas viciosos e devassos.” – *Archivo Pittoresco*, X p. 248.

ANÁLISE:

老舉 cant. */lou kɔi/ > louqui

O étimo *lo-kui* corresponde a 老舉 cant. *lou⁵ geoi²* “prostituta” (obsoleto). Note-se que a abonação de 1868 transcreve o vocalismo de uma sincronia anterior ao moderno /ɔy/.

(93) LORCHA

Do chin. *lung chuen*

Pequena embarcação mercante da China. Giles, citado por Yule, diz que se supõe que a palavra foi levada pelos portugueses da América, mas o seu emprego por Fernão Pinto não parece comportar tal procedência. Julgo que lorcha podia ser corrupção do chin. *lung-chuen* (...)

1540 – “Em menos de um Credo forão mais de quarenta dentro da nossa **lorcha**” – *Peregrinação*, cap. 40

ANÁLISE:

Origem obscura, provavelmente não chinesa.

Dalgado dá como étimo *lung chuen*, i.e., 龍船 mand. *lóng chuán* “barco dragão”, o mesmo étimo proposto em outro verbete (v. **lanchuêm**). Não há dados para explicar, porém, a suposta transformação de *[lɔŋ tʂ^huen] em **lorcha**.

O termo designa uma embarcação híbrida, de casco europeu e velame de junco chinês, desenvolvida com a fusão das técnicas de construção naval portuguesas e chinesas no século XVI. Yule (1903) observa que **lorcha** tem abonações muito antigas [1540] no Oriente e sugere como étimos o chin. *low-chuen* – i.e., 樓船 mand. *lóuchuán* – um tipo de barco de guerra, e o port. *lança*:

Diz-se que a palavra foi introduzida pelos portugueses da América do Sul (Giles, 81). Mas a passagem de Pinto mostra que a palavra já era usada há muito tempo nos mares da China, um fato que lança dúvidas sobre essa versão. (Outras sugestões são o chin. *low-chuen*, uma espécie de navio de combate, e o port. *lança*)²⁶

Batalha (1988) registra que a palavra – pronunciada [lɔrtʃɐ], [lɔ:tʃɐ] ou [lɔʃɐ] – continuava em uso no português de Macau do século XX com o sentido de “barco de pesca de grandes dimensões”, mas o étimo pode ser uma palavra malaia ou javanesa que tenha entrado no português oriental, então língua franca na Ásia marítima, com o som aproximado de *locha* ou *lorcha*.

O chinês 老闌 [船] mand. *lǎozhá* [*chuán*] ≈ cant. *lou⁵ zaap⁶* [*syun⁴*] é transcrição do português **lorcha** pela pronúncia cantonesa [lou tʃa:p].

(94) LUMICHUEM

Var. *lum i chuem*

Do chin. *luen-yén-chuen*, “barco de prazer imperial”

Embarcação chinesa que se emprega no transporte dos regalos do imperador.

APÊNDICE: O citado orientalista supõe que o seu étimo é o mesmo que o de *leam-chuen*, isto é, *leang-tch’uan*.

1679 – “Outras [embarcações] que chamão **Lum i chuem**, id est, barcas, que trazem para a Corte vestidos, peças de seda, e brocados, sam 365.” – Fr. Jacinto de Deus, *Vergel*, p.201.

ANÁLISE:

龍衣船 mand. */lɔŋ i tʂ^huɛn/ > lum i chuem > lumichuem

²⁶No original: “The word is said to have been introduced by the Portuguese from South America (Giles, 81). But Pinto’s passage shows how early the word was used in the China seas, a fact which throws doubt on that view. (Other suggestions are that it is Chin. *low-chuen*, a sort of fighting ship, or Port. *lança*)” (YULE, 1903, p. 521)

Não foi encontrado um termo correspondente ao étimo *luen-yén-chuen* proposto por Dalgado. Para Pelliot, o étimo seria *leang-tch'uan*, i.e., 糧船 mand. *liáng chuán* “cargueiro” (v. **leam-chuen**).

A reedição do *Vergel* (1878) com os vocábulos atualizados em chinês traz 龍衣船 mand. *lóng yī chuán* “barco das roupas do dragão”.

(95) LUTISSE

Var. *luthisi*, *lutissi*, *luitissi*

Do chin. *tu-ti-sse*

Comandante de exército, na China

1569 – “Há ultima e quinta dignidade das grandes he de capitão moor que põe em execução as cousas da guerra e preside nas aprmadas que ho *Aitão* estando em terra he este: quando releua além de poer as cousas em execução e ordem, se o negocio require sua presença, vay elle em pessoa: e tão timportante pode ser o negocio que acudira o Aytão. Chama se na lingoa da terra **Luthisi**.” – Fr. Gaspar da Cruz, *Tractado da China*, cap. 16.

ANÁLISE:

盧都司 mand. */lu tɛusɿ/ > Luthisi > lutisse

Não foi encontrado um termo chinês que corresponda ao étimo *tu-ti-sse* dado por Dalgado. Segundo D’Intino (p. 210, nota 188) “Luthissi [...] deriva claramente do nome e das funções de 盧鏜 Lu T’ang, que ocupava este lugar em Fujian em 1548-49”. O étimo seria, nessa hipótese, 盧都司 mand. *Lú dōusī*, comandante Lu. Não constam, entretanto, outros exemplos da transformação *[teu] > [ti];

5.2 VERBETES DO VOLUME II: M – Z

(96) MAFU

Var. *má fú*

Do chin. *má-fú*

Nome chinês do moço de cavalaria.

1895 – “É um **mafu**, criado de cavallariça, quem desempenha essas funcções.” – Conde de Arnoso, *Jornadas pelo Mundo*, p. 169.

ANÁLISE:

馬夫 mand. */ma fu/ > mafu

O étimo indicado, *má fú*, corresponde a 馬夫 mand. *mǎfū* “cavaliariço, moço de estrebaria” (obsoleto).

(97) MAUZU

Var. *mauze*

Do chin. *máu-tsze*

É o nome chinês de barrete ou carapuça.

1729 – “... E um premio mandou vir um seu **mauzu** ou barrete de Zebelina, que na sua presença o mesmo Padre Magalhães poz logo na cabeça.” – *Apud* Júlio Biker, *Collecção de Tratados*, VI, p. 114.

ANÁLISE:

帽子 mand. */mau tsɿ/ > mauzu

O étimo indicado, *máu-tsze*, corresponde a 帽子 mand. *màozi* “chapéu” ou qualquer acessório usado para cobrir a cabeça como proteção ou adorno, termo genérico.

(98) MIAU^{HOUAISS}

Do chin. *miao*

Pagode ou templo chinês.

1551 – “Determinarão para isso de se valerem de hum grande Bonzo que elles tinhamo... o qual estava por mayoral de hum templo daly doze legoas, por nome **Miay gimaa**.” – Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 211.

1729 – “Passamos junto de hum **Miau** ou templo de Pagodes, de que se não divisava mais que huma pequena porta, cuja entrada confinava com o rio, porque o mais era hum grande rochedo em cujo vão estava metido o mesmo templo”. – *Apud* Júlio Biker, *Collecção de Tratados*, VI, p. 110.

ANÁLISE:

廟 mand. */miau/ > miau

A etimologia apontada por Dalgado é precisa, 廟 mand. *miào* “templo, mosteiro”. O *terminus a quo*, dentre as abonações fornecidas pelo *Glossário*, é o registrado por Júlio Biker em 1729 e não o de Fernão Mendes Pinto.

O contexto da abonação de Mendes Pinto, extraída do capítulo 211 de *Peregrinação*, é a viagem ao Japão, mais especificamente a passagem pelo “reino de Bungo”, antiga província situada na ilha de Kyushu. Nesse trecho, o termo *Miay gimaa* (ou *Miaygimá* segundo outra edição) faz referência a um templo local, e “miay” parece ser uma transcrição imprecisa do jap. *miya* “templo, santuário”. Se se tratasse da denominação de um templo específico, no entanto, o termo *miya* deveria, de acordo com a sintaxe japonesa, ser posposto ao nome, como em *Daito-no-miya* ou seriam usados outros termos equivalentes a “templo” em japonês, também sufixados (-*ji*, -*gu*, -*dera* etc.).

Mais provável é que se trate de um topônimo, como ocorre no capítulo 132, em que o autor narra a chegada a Tanegashima (Tanixumaa), no extremo sul do arquipélago japonês: “(...) daquela ilha Tanixumaa (...) em Iapaõ, que era aquella grande terra que defronte de nos aparecia (...) onde estaua hũa grande pouoação que se dezia **Miay gimaa**” (grifo meu), possivelmente um topônimo recorrente como *Miyajima*, lit. “ilha do templo”.

(99) MONGUILOTO^{*}

Var. *mongiloto*

Do chin. *mun-wei-lí-tó*

Procurador judicial, na China. Parece que se deve ler *monguiloto* na abonação.

APÊNDICE: Não parecem ao referido professor atestadas em chinês as combinações que fiz para explicar a etimologia dos termos [**monguiloto** e **monteu**].

1541 – “Há também [nas feiras] outros homens mais graves, a que chamão **Mongilotos**, que comprão demandas de causas civis e crimes, e comprão também escrituras antigas, e conhecimentos de cousas sobnegados por aquillo em que se concertão com as partes.” – Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 99.

ANÁLISE:

Origem obscura.

Dalgado não esclarece o étimo *mun-wei-li-tó*. A forma **monguiloto** é normatização ortográfica do autor, que acreditava ser a sílaba <gui> uma transcrição de *[wei].

Conforme observa Pelliot no Apêndice, o étimo proposto não é atestado nos dicionários chineses. Thomaz (2009) aponta que a origem pode ser malaia, mas não é conclusivo. Menciona dois vocábulos malaios – *menjelot*, “saliente” e *menjelut* “doente, enfadado, descontente” – foneticamente próximos, porém distantes do sentido de “advogado, procurador”.

A tradução chinesa de *Peregrinação* (JIN, 1999) traz 門衛裡頭 mand. *ménwèi lītou*, de *ménwèi* “guarda” e *lītou* “interior”, i.e., “dentro dos portões”. A expansão de sentido para “procurador judicial” permanece obscura.

Uma explicação possível é o uso da metonímia para dizer, nesse caso, “(a autoridade que está) do lado de dentro dos portões”. Esse tipo de formalidade era recorrente na China imperial.²⁷

(100) MONTEU

Var. *monteo, munteo*

Do chin. *man-sz*

Autoridade que, conforme Fernão Mendes Pinto, exerce funções militares e judiciais. *Man-sz'*, que parece ser o étimo chinês, quer dizer “conselheiro”.

APÊNDICE: Não parecem ao referido professor atestadas em chinês as combinações que fiz para explicar a etimologia dos termos [**monguiloto e monte**].

1541 – “Mando ao *Chumbim*, e aos *Conchalaas*, e **Monteus**, e todos os mais ministros do seu governo, a que esta minha sentença for apresentada...” – *Peregrinação*, cap. 103.

ANÁLISE:

Origem obscura.

Dalgado não indica a fonte do étimo *man-sz'*. Dentre os diversos termos chineses que se podem traduzir por “conselheiro”, o mais próximo do étimo apresentado é 謀士 mand. *móushi*,

²⁷ Um exemplo célebre é o termo 陛下 mand. *bixia*, lit. “o degrau inferior do trono”, i.e. “majestade”, já que os interlocutores do imperador nas audiências formais, impedidos pelo protocolo de olhar diretamente para o soberano, dirigiam-se, em sinal de submissão, ao degrau inferior, a única parte do trono que enxergavam enquanto mantinham os olhos baixos.

com troca de <u> por <n> na primeira sílaba. Entretanto, não foram observadas ocorrências da transformação *[ɕ] ou *[s] > [t] que tornem plausível o percurso **man-sz > monteu*.

Conforme a definição de Loureiro (1997), o termo refere-se a “autoridade que exerce funções militares e judiciais na China, Sião e Birmânia”. Para esse autor, o étimo pode não ser chinês.

A tradução chinesa de *Peregrinação* (JIN, 1999) traz 門卒 mand. *ménzú* “sentinela”, título dado a diversos sub-oficiais ao longo da história (HUCKER, 1985), mas a conexão entre os termos permanece dúbia.

(101) MUI[※]

Do chin. *múe*

Nome que se dá em Macau às ameixas e aos abrunhos.

1745 – “Há Sidras e Jamboas, **Muis** que arremedão a Ameixas.” – in *Ta-ssi-yang-kuó* – “**Mui** é termo cantonense com que são designadas diversas espécies de ameixas, e abrunhos, etc. pelos macaístas.” O editor.

ANÁLISE:

梅 cant. */mu:y/ > mui

O étimo *múe* corresponde a 梅 cant. *mui*⁴ “ameixa”.

(102) NANQUIM^{HOUAISS}

Da lit. estrangeira *Nankeen* (ingl.), *nankin* (fr.)

“Tecido de algodão ou ganga amarela, que vinha antigamente da China; tinta preta, procedente da China e que se usa em desenhos e aguarelas.” Cândido de Figueiredo. Eu não encontrei o termo empregado na literatura luso-oriental em nenhuma das duas acepções. No primeiro sentido figura amiúde *canga* ou *ganga*, ainda hoje usado na Índia Portuguesa. É na literatura estrangeira que se lê *Nankeen* ou *nankin* com o referido significado. Quanto ao segundo, Bluteau insere *dolanquim* (q. v.), que parece ser corrupção de “de Nanquim”.

1906 – “Nunca se chamou simplesmente **nanquim** à tinta preta da China, mas sim, *tinta de Nanquim*. O mesmo se pode dizer com relação à fazenda de algodão, côr de grão, mas de matiz vivo, que se usou muito aí por 1840 a 1850, principalmente para calças; os franceses chamaram-lhe *nankin*, mas em português denominava-se *ganga açucarada*.” — Gonçalves Viana, *Apostilas*, II, p. 179.

ANÁLISE:

南京 mand. *[nan kiŋ] > ingl. Nankeen > port. nanquim

Topônimo, provavelmente pelo inglês *Nankeen*.

(103) PACAPIO*

Do chin. *pák-koh-piu*

Lotaria chinesa, descrita abaixo; uma espécie de loto. O termo é corrente em Macau.

1893 – “As casas de loteria de *vae-sang*, do **pacapio**, e de outros jogos eram também muito frequentadas.” – Adolfo Loureiro, *No Oriente*, I, p. 318. – “... o **pacapio** ou loteria chinesa, que se faz diariamente, e em que se compra um bilhete, que tem escritas um certo numero de letras, ou caracteres chineses, dos quaes se marcam ao acaso cinco, fazendo-lhes um borrão com pincel. Se todas aquellas letras, ou o maior numero d'ellas se encontra em uma sentença, ou maxima, que diariamente se tira ao acaso, assim se ganha ou perdeu.” – Id., p. 320.

ANÁLISE:

白鴿票 cant. */pa:k ka:p pi:u/ > pacapio

O étimo *pák-koh-piu* corresponde a 白鴿票 cant. *baak⁶ gaap³ biu³* “bilhete da pomba branca”, nome de um jogo de loteria.

(104) PAÇUM

Do chin. *pa-tsung*

É o nome de sargento na China.

1729 – “Alem das ditas barcas hia huma com seis soldados para guarda do Embaixador, e outra em que hia um **Paçum**, que he como Capitão de infantaria, que acompanhou até a corte.” – *Apud* Júlio Biker, *Collecção de Tratados*, VI, p. 107.

ANÁLISE:

把總 mand. */patsoŋ/ > paçum

O étimo *pa-tsung* corresponde a 把總 mand. *bǎzǒng*, uma patente militar nas dinastias Ming e Qing. Comandante de um posto militar. Note-se o uso de ç para transcrever [ts].

(105) PAILÓ*

Do chin. *pái-lo*

Arco triunfal, na China, erigido em honra dum defunto de conspícua virtude. A sua construção proveio da Índia com o budismo.

1895 – “À entrada do valle, quase plano, levanta-se isolado um soberbo arco de mármore branco, **pai-lo**, com cinco aberturas rectangulares e deseguaes... Tem assim o **pai-lo** uma linha recortada do mais surpreendente efeito.” – Conde de Arnoso, *Jornadas pelo Mundo*, p. 351.

ANÁLISE:

牌樓 mand. */p^hai lou/ > pai-lo > pailó

O étimo *pái-lo* corresponde a 牌樓 mand. *páilóu* “pórtico”. A forma **pailó** é normatização gráfica de Dalgado.

(106) PANCHÃO

Var. *pao-chom*, *panxão*

Do chin. *pau-cheong*

É o nome que em ágio-português se dá a um pacote de pequenas bombas na China, que no português oriental se nomeiam *foguetes* e em inglês *fire-crackers*. Do chin. *pau-cheong*, “embrulho de pólvora”.

APÊNDICE: Diz o Sr. Pelliot: “A expressão chinesa correspondente é *pao-tch’ang*, que se escreve de diversas maneiras e tem variantes dialectais; a origem do nome não é muito clara, mas o sentido não é certamente ‘embrulho de pólvora’.”

1842 – “**Panchões**, 15:000 massos” – *Annaes Maritimos*, p. 359

ANÁLISE:

炮仗 cant. */p^ha:u tœ:ŋ/ > panchão

O étimo *pau-cheong* corresponde a 炮仗 cant. *paau³ zoeng²* “bombinha, rojão.” A tradução “embrulho de pólvora” é imprecisa. Provavelmente motivada pela semelhança gráfica e fonética entre 炮 *paau³* “canhão; bombinha” e 包 *baau¹* “embrulho”.

(107) PILANGA

Do chin. *ping-liu*

Tribunal militar, na China.

APÊNDICE: O étimo indicado *ping-ling*, não é certo.

1541 – “E como o Chifu, que era Alcayde, a que hiamos entregues, apresentou na **Pilanga** do *Aytão*, que he a sua Relação, o processo da nossa sentença, assim fechada com doze sinetes de lacre como no Nanquim Iha entregarão, os doze *Conchalis* da Menza do crime, a quem por distribuição foy cometido o conhecimento da causa.” – Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 100.

ANÁLISE:

Origem obscura.

Dalgado dá como étimo *ping-liu*, mas o descarta to Apêndice. A primeira sílaba poderia corresponder a 兵 mand. *bīng* “soldado”

A tradução chinesa de *Peregrinação* (JIN, 1999) traz 皮蘭家 mand. *pílánjiā*, uma transcrição fonética de **pilanga**.

(108) PIO, PIU*

Do chin. *pi* “capitão”

Funcionário militar, na China: capitão. Donald Ferguson sugere a procedência do chin. *ping* “tropa” e *yu* ou *yeu*, talvez, “oficial”. Eu porém conjecturo que o étimo é *pi* “capitão”.

APÊNDICE: Nenhuma das etimologias propostas satisfaz ao Sr. Pelliot, que não sugere outra.

1534 – “Dizem que peitarão ao **pio** de Nante ao *pachaini* darmada que trabalhassem por tomar algum nauio.” – Christóvão Vieira, *apud* Ferguson, *Letters*, p. 81.

ANÁLISE:

備倭 mand. */pi wo/ > pio

O étimo *pi* “capitão” dado por Dalgado é impreciso. A hipótese mais forte é que **pio** provenha de 備倭 mand. *bèiwō* “defender dos (piratas) japoneses”, uma abreviação de 備倭都指揮 mand. *bèiwō dūzhīhuī* “comandante provincial da defesa contra a pirataria japonesa”, autoridade militar encarregada da guarda costeira. A transcrição “pi” é compatível com a pronúncia pré-moderna de 備 *bèi*.

(109) PITAU※

Do chin. *pu-tau*, “meio feito”

Tribunal do *anchaci*, juiz provincial na China. Parece que o étimo é o chin. *pu-tau*, “meio feito”, no sentido de “segunda instância”. *Pú-ting* quer dizer “juiz numa aldeia”.

1541 – “Daqui nos levarão hum dia pela manhaã ao **Pitau** *Calidão* da justiça, que era o tribunal aonde o *Anchecy* estava assentado.” – Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 115.

ANÁLISE:

Origem obscura.

O étimo *pu-tau* sugerido por Dalgado não foi identificado. A tradução chinesa de *Peregrinação* (JIN, 1999) traz 本道 mand. *běndào* “o departamento local”. Outra hipótese a considerar é 敝道 mand. *bìdào* “nosso humilde departamento”, tendo-se tomado a forma de cortesia por título da autoridade em questão. Convém investigar, ainda, uma possível relação com 兵備道 mand. *bīngbèidào*, “circuito da defesa”, ou outro 道 dào “circuito, departamento” subordinado ao *anchaci* (HUCKER, 1985)

(110) POEI-CHIM※

Var. *poei chyn*

Do chin. *p'ei-tch'en*, “enviado dum príncipe vassalo”

Conforme a abonação, quer dizer em chinês “vassalo de vassalo”. Não sei qual seja o seu étimo. No sentido de “humilde servo”, costuma-se dizer na linguagem oficial *pi-chik*; *pu-chi* significa “servo de”.

APÊNDICE: O seu étimo é *p'ei-tch'en*, que quer dizer “enviado dum príncipe vassalo”. Mateus Ricci assumiu o título em alguns dos seus escritos chineses.

1766 – “Como pretendiam [os padres católicos] fundar um império para Deus na humildade, lançaram o mais seguro alicerce a este edifício, tanto assim que antigamente chegaram a usar não os seus memoriaes das palavras **Poei Chyn** – vassalo de vassalo.” – *Apud* Julio Biker, *Collecção de Tratados*, VIII, p. 95

ANÁLISE:

陪臣 */p^huei t^hin/ > poei chyn > poei-chim

O étimo *p'ei-tch'en* corresponde a 陪臣 mand. *péichén* “vassalo”, ou “eu, servidor de vosso servidor”. A forma **poei** na abonação transcreve a pronúncia pré moderna */p^huei/.

Outros termos mencionados no verbete são *pi-chik*, i.e., 卑職 mand. *bēizhí* ≈ cant. *bei¹ zik¹*, e *pu-chi*, i.e., 僕使 mand. *púshǐ* ≈ cant. *buk⁶ sai²*, “eu, vosso humilde subordinado”.

(111) PONCHACI, PUCHANCI (mais correcto)

Var. *pochancy*, *pochency*, *pochacy*, *pochechy*, *puchanci*, *poncasi*, *puchancy*, *poncassi*, *pu-chen-si*, *pu-chim-çu*, *ponchasi* (esp.), *pencasio* (it.), *pon-tchim-ssée* (fr.), *pou tching se* (fr.).

Do chin. *pu-cheng-sze*

Mandarim tesoureiro geral de uma província, na China.

1534 – “Tem Cantão mandarim depois destes ho *cheuhi* e o **pochacy** e *amchacy tocy* que chamão *camcy* que estão de contino nesta cidade.” – CANT. Vieira, *apud* Ferguson, *Letters*, p. 80.

ANÁLISE:

布政使 mand. */pu tʃɪŋ ʃɿ/ > pochãcy > ponchaci > puchanci

O étimo *pu-cheng-sze* dado por Dalgado corresponde a 布政使 mand. *bùzhèngshǐ* abreviação de 承宣布政使 mand. *chéngxuān bùzhèngshǐ*, título dado ao governador adjunto encarregado dos assuntos civis e financeiros de uma província.

(112) PU* (1)

Do chin. *pu*

É o nome genérico do ministério de estado na China, que, com designação específica, se distingue em: *li-pu*, o do interior; *pim-pu* (*ping-pu*) o da guerra; *li-pu* (denotado por idiógrafo diferente), o dos ritos e cerimónias; *hu-pu*, o das finanças; *com-pu* (*kong-pu*) o das obras públicas; *chim-pu* (*ching-pu*), o da justiça; *vai-ou-pu*, o dos negócios estrangeiros. Estes ministérios são largamente descritos pelo Padre Semedo no seu *Imperio de la China*, cap. XVI.

1640 – “El Principal Gobierno que se estende a toda la Monarquia, está dividido en seis Consejos, a que llaman **Pu**... Tiene cada uno un *Chamxu* (= chang-chu) que es Presidente.” – P. Semedo, *op. cit.*, p. 114.

ANÁLISE:

部 mand. */pu/ > pu

O étimo dado corresponde a 部 mand. *bù* “ministério”.

Os ministérios mencionados na definição são: *li-pu*, i.e., 吏部 *libù* > (Interior); *pim-pu*, i.e., 兵部 *bīngbù* (Guerra); *li-pu*, i.e., 禮部 *libù* (Ritos); *hu-pu*, i.e., 戶部 *hùbù* (Finanças); *com-pu*, i.e., 工部 *gōngbù* (Obras Públicas); *chim-pu*, i.e., 刑部 *xíngbù* (Justiça); e *vai-ou-pu*, i.e., 外務部 *wàiwùbù* (Exterior).

(113) PU* (2)

Do chin. *pú*

É igualmente o nome duma medida itinerária chinesa, equivalente a dez *lis* ou uma légua.

APÊNDICE: Na definição dada, *pu* está pelo chin. *p'u*, mas na última abonação representa o chin. *pu*, e designa “passo chinês”, cerca de 1m60.

1563 – “Dez dos quais *lijs* fazem um **Pú**, que responde pouco mais de hua légua das nossas

Hespanhoes, porque dez delles fazem jornada de hum homem, a qual elles chamão *Ychan*.” – João de Barros, *Déc.*, III, II, p. 7.

ANÁLISE:

鋪 [舖] mand. */p^hu/ > pu

O étimo *pú* corresponde a 鋪 [舖] mand. *pù* lit. “posto de estafetas” (obsoleto), antiga medida de distância chinesa equivalente a cerca de 6.100 m, conforme Loureiro (1997). Na tradução chinesa da *Década III* de João de Barros, as medidas mencionadas na abonação – *lij*, *pu* e *ychan* – correspondem a 里 mand. *lǐ* (medida de distância); 鋪 mand. *pù* “posto de estafetas” e 晝 mand. *zhòu* “dia, jornada” respectivamente.

(114) QUENE

Do chin. *ke-háng*

Figura a palavra em um manuscrito de Macau, publicado na revista *Ta-ssi-yang-kuó* (Fevereiro de 1900), como sinónimo de negociante.

O editor nota: “Parece-me ser o mesmo que negociantes, mas não sei a etymologia d’esta palavra.” É o chin. *ke-háng*, que significa o mesmo. V. *hão*.

1667 – “Estes quinze mil, com outros quinze mil, que lá em Cantão se tirarião dos **quenes**, que comprassem o fato na mesma conformidade, que os vendedores de Macau. . . do que resultaria extraordinária perda aos **quenes** de Cantão e muito maior aos mercadores de Macau.”

“Só o Ly-siam-cum e os **quenes** solicitão o que podem.” – Ibid.

ANÁLISE:

Origem obscura.

Não está claro se o étimo proposto por Dalgado *ke-háng* corresponde a 公行 cant. *gong^l hang⁴* “guilda” (v. *hão*). O termo é traduzido em inglês como *cohong* ou *ke-hong*. A associação do suposto étimo chinês com o port. “quene” ainda precisa ser averiguada.

(115) QUINCHAI*

Var. *quin-chay, guinchaes, kintchai, quinchay, kin-tchai* (fr.).

Do chin. *kin-cháng*

Comissário imperial, enviado extraordinariamente para alguma província da China, a fim de tratar de negócios importantes. Do chin. *kin-cháng*, lit. “selo de ouro”.

APÊNDICE: O seu étimo é *k'in-tch'ai*, “delegado imperial”.

1569 – “Ha outras dignidades sobre todas estas, a que chamam **Quinchais**, que quer dizer Chapa ou sello de ouro: os quaes nam sam mandados se nam a negócios muy graves e mui singulares que importam muyto ao reyno, ou al Rey.” – Fr. Gaspar da Cruz, *Tractado da China*, cap. 16.

ANÁLISE:

欽差 mand. */k^hin tʂai/ > quinchais > quinchai

Dalgado dá como étimo *kin-cháng*, i.e., 金章 mand. *jīnzhāng* “selo de ouro”, mas, no Apêndice, retifica-o para *k'in-tch'ai*, i.e. 欽差 mand. *qīnchāi*, abreviação de 欽差大臣 mand. *qīnchāi dàchén*, comissário imperial nas dinastias Ming e Qing.

(116) SAICI

Var. *saissy, saicy, sai-si, sisee* (ingl.)

Do chin. *shan shi*

Barrinha de prata pura, que no comércio chinês se usa por moeda. Yule deriva o vocábulo do chin. *sai-sz*, “seda fina”, e alega Giles, que afirma que assim se denominou porque, se é fina, pode tirar-se pela fileira em fios finos.

1665 – “Quando foi para pagar os 14 sacos com prata lavrada, o vendedor reparou nella e dava-lhe quebras para a fazer **saissy**.” – In *Ta-ssi-yang-kuó*, I, p. 184.

ANÁLISE:

細絲 cant. */sɛi si:/ > saissy > saici

Mais provável do que o étimo proposto por Dalgado, *shan shi* (não identificado), é o dado por Yule conforme menciona o verbete: *sai-sz*, i.e., 細絲 cant. *sai³ si¹* “seda fina”, i.e., lingote de prata. O inglês tem *sycee* /sɪ'si:/.

(117) SANCHU*

Var. *samsu* (ingl.), *chao-tsiu* (fr.)

Do chin. *sán-sháu*

Aguardente de arroz muito forte, fabricada na China. Do chin. *sán-sháu*, “três vezes queimado”.

1902 – “Com o primeiro [milho] fabrica-se uma espécie de vinho chamado vinho amarelo; com segundo um álcool, muito forte, chamado vinho queimado ou **sam-shu** (sem-chú ou sam-sû), de que se faz um grande consumo em todas províncias do Império.” – In *Ta-ssi-yang-kuó*, II, p. 153

ANÁLISE:

三燒 cant. */sa:m f̃i:u/ > sam-shu > sanchu

O étimo *sán-sháu* dado por Dalgado corresponde a 三燒 mand. *sān shāo* “três queimas”, em alusão às destilações da aguardente. A forma **sam-shu** na abonação em português (1902) tem maior proximidade fonética com cant. *saam¹ siu¹* do que com o mandarim.

Note-se que, segundo Yule (1903), o termo **samshu** é abonado em inglês desde o século XVII. Na abonação francesa (1830), o termo *chao-tsiu* corresponde a outro vocábulo: 燒酒 mand. *shāo jiǔ* “bebida destilada”, i.e., aguardente.

(118) SAPATIÃO

Do chin. *siao ting*

Barco pequeno e ligeiro da China.

APÊNDICE: O Sr. Pelliot prefere derivar o vocábulo do chin. *sam-pan-ting*, “barco *sam-pan*” ou *champana* (q.v.).

1900 – “Hade ser o mesmo que **sapatiões**, barcos a remos, muito ligeiros, ainda actualmente empregados no rio de Macau quando há regatas e outras festas marítimas a que os chins são tão dados.”

– *Ta-ssi-yang-kuó*, I, II, 12.

ANÁLISE:

Origem controversa.

小扒艇 cant. */si:u p^ha: t^hɛ:ŋ/ > sapatião; ou

三板艇 cant. */sa:m pa:n t^hɛ:ŋ/ > sapatião

Não foi encontrado um caminho evidente entre o étimo dado por Dalgado, *siao ting*, i.e., 小艇 mand. *xiǎo tǐng* ≈ cant. *siu² teng⁵* “pequeno barco”, e **sapatião**. Batalha (1988) supõe que o étimo seja 小扒艇 cant. *siu² paa⁴ teng⁵* “pequeno barco a remo”.

Na hipótese de Pelliot apresentada no Apêndice, o étimo seria 三板艇 mand. *sānbǎn tǐng* ≈ cant. *saam¹ baan² teng⁵*, i.e., “barco sampana”.

(119) SIPATÃO*

Do chin. *xi-pin* (?)

Funcionário chinês. Não se sabe bem o seu ofício. *Xi-pin* quer dizer “secretário”.

1540 – “Acompanhado de muitos ministros, e officiaes, a que elles chamão *Chumbins, Upos, Lauteás*, e **Sipatoens**.” – Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 115.

ANÁLISE:

Origem obscura.

O étimo *xi-pin* (não identificado), que Dalgado marca com um ponto de interrogação, não se concilia com a estrutura silábica de **sipatão**. Tampouco encontramos forma correlata a *xi-pin* com o sentido de “secretário”. No mesmo trecho da abonação, a tradução chinesa de *Peregrinação* (JIN, 1999) traz 書役 mand. *shūyì* que pode ser traduzido como “auxiliar de secretaria” (obsoleto). Fernão Mendes Pinto registra vocábulos semelhantes em várias outras passagens (v. *xipatom*).

(120) SIQUÁ*

Var. *si-quá*

Do chin. *si-kvá*

Espécie de abóbora chinesa, descrita abaixo.

1902 – “Entre as *Cucurbitaceas* convém notar o **si-quá** (*Cucumis longa*), cujo fructo é comestível quando não está ainda muito maduro, é muito comprido e tem na casca arestas longitudinaes. Depois de maduro, o tecido interior torna-se fibroso e é empregado como esponja.” – *Ta-ssi-yang-kuó*, II, p. 157.

ANÁLISE:

絲瓜 mand. */sɿkua/ ≈ cant. */si: k^wa:/ > si-quá > siquá

O étimo dado *si-kvá* corresponde a 絲瓜 mand. *sīguā* ≈ cant. *si¹gwaat¹* “bucha”, *Luffa cylindrica*, vegetal consumido como alimento na China.

(121) SISSU (mais correcto), SUÇU*

Var. *sie-su*

Do chin. *xitsze*

É o nome chinês de *Diospyrus kaki*, conhecido em Macau por *figo káki*. Do chin. *xitsze*, lit. “xi-fruto”.

1638 – “E as [frutas] que faltão a Hespanha e a Italia, são três generos: o primeiro que os Chinas chamão **Sie-su** e os Portuguezes lhe chamam *figos*, não porque tenham a mesma semelhança, mas porque incita o sabor ao gosto de figos: destes, os mayores, e melhores são da grandeza de hum marcotão: a cor he amarella, tam alegre, e tam viva, que parecem pomos de ouro.” – Fr. Jacinto de Deus, *Vergel*, p. 209.

ANÁLISE:

柿子 mand. */ʃʌtsʏ/ > sie-su > suçú > sissu

O étimo *xitsze* corresponde a 柿子 mand. *shizi* “caqui”, *Diospyrus kaki*.

(122) SUNCUN*

Var. *çum-cun*

Do chin. *sún-tsáng*

O vocábulo vai explicado abaixo. Parece que provêm do chin. *sún-tsáng*, “superintendente do pagamento de impostos”.

APÊNDICE: O Sr. Pelliot rejeita a sua explicação pelo chin. *sún-tsáng*, que não conhece e não aponta outra origem.

1722 – “... aonde se achava o **Çum-cun**, que he hum Mandarim grande, que cuida das barcas que levam o tributo de arroz para a corte.” — *Apud* Júlio Biker, *Collecção de Tratados*, VI, p. 125.

ANÁLISE:

總官 mand. */tsʊŋ kuən/ > çum-cun > suncun

Dalgado dá como étimo *sún-tsáng* (não identificado), mas observa que Pelliot rejeita essa etimologia. Considerando <ç> uma transcrição de *[ts], o étimo pode ser 總官 mand. *zǒng guān*, abreviação de 總督總兵官 *zǒngdū zǒngbīngguān*, comandante-geral do transporte de grãos (ZHANG, 2018).

(123) SUNTÓ*

Var. *çúntô*, *çuntô*, *te sum to*, *tsung-tu*, *thsung-tou*, *insuanto* (esp.), *tsun tou* (fr.), *tsung tou* (fr.), *tsunto* (fr.), *tsong tou* (fr.), *somp tok* (fr.)

Do chin. *tsung-tu*

Vice-rei ou governador geral, na China.

1667 – “Voltou de Cantão o mandarym de Ansão com o Lym Siam Cum com outro pé de cantiga por parte do **Çúntô** e mais mandaryns do governo.” – In *Ta-ssi-yang-kuó*, de Outubro de 1899.

“De Cantão forão a Çanqui a ver-se com o **Çuntô**; (que he o V. Rey de ambas as províncias de Cantão e Quansy)” – *Ibid.*, de Fevereiro de 1900.

ANÁLISE:

總督 cant. */tsuŋ to²/ > çúntô > suntó

O étimo *tsung-tu* corresponde a mand. 總督 *zōngdū* “governador-geral, vice-rei”, título dado ao administrador de duas províncias na dinastia Qing. Note-se, nas abonações, o uso de <ç> para transcrever *[ts] e mesmo de <te sum> por *[tsuŋ] (1679).

(124) TACÓ (propriamente TAUCÓ)*

Do chin. *tau-kóh*

Feijão da China.

1760 – “Tem outra planta que arremeda a Ervilhas e **tacôs** que arremeda a feijoens”. – In *Ta-ssi-yang-kuó*, II, p. 148. – “Segundo Chalmers *taú-koh* (em cantonense). Nota do editor.

ANÁLISE:

豆角 cant. */tɘu kɔ:k/ > tacô > taucó

O étimo dado por Dalgado, *tau-kóh*, corresponde a 豆角 cant. *dau⁶ gok³* “vagem”, *Phaseolus vulgaris*.

(125) TACOÁ

Do chin. *táu [lú] kvang*

Estrada rial onde se aposentam os mandarins em serviço, na China. Do chin. *táu [lú] kvang*, “estrada do imperador”.

1554 – “Em todas estas cidades costumão ter hua rua de casas, que El-Rey manda fazer muyto ríquas, em que aposentão os capitães, que andão em seu serviço visitando todas as cidades, e estes vem com os

poderes del Rey sobre os presidentes que governão as cidades, que em sua lingoa chamão **Tacoás.**” –
Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 114.

ANÁLISE:

Origem obscura.

Não foi encontrada uma correlação entre o étimo indicado, *táu* [lú] *kvang* (não identificado), e o significado “estrada do imperador”, ou “rua onde se hospedam os mandarins em serviço”. Diferentemente do que indica Dalgado, o trecho da abonação não está no capítulo 114 da *Peregrinação*, mas na carta de Fernão Mendes Pinto intitulada “Informação de algumas coisas acerca dos costumes e leis do reino da China”.

(126) TAGIN

Do chin. *tá-jin*

Literalmente, *tá-jin* quer dizer em chinês “grande homem”: é o tratamento que se dá aos mandarins de elevada categoria, aos visitantes imperiais e aos embaixadores.

1667 – “... em razão de terem chegado de Pekim a Cantão 15 **Tagi**s que são o mesmo que visitantes, ou exploradores por parte do Emperador vigiarem o mar, e os portos, e verem se havia n’elles barcos algus.” – In *Ta-ssi-yang-kuó*, de 4 de Outubro de 1899 – “*Ta-jin, Ta-yin, Tai-yen*, conforme a pronúncia ou os dialectos. É um título que significa *excellencia* ou, litteralmetne, *grande homem*. Os mandarins de elevada graduação pospõem ao seu nome esse título.” Nota do editor.

ANÁLISE:

大人 */ta zɿn/ > tagin

O étimo *tá-jin* corresponde a 大人 mand. *dà rén* “grande homem”, “sua excelência”, título honorífico.

(127) TAI*

Var. *tay*

Do chin. *tái*

Castelo chinês.

1668 – “Tem dentro e fora daquelles grandes muros que cercam a China mais de 3000 torres e Castellos, a que chamam **Tay**, cada hum destes tem seu nome próprio, nelle estão todo o anno vigias, e atalayas, que quando o inimigo aparece dão rebate, e fazem sinal.” – Fr. Jacinto de Deus, *Vergel*, 168.

ANÁLISE:

臺 [台] mand. */t^hai/ > tay > tai

O étimo *tái* dado por Dalgado corresponde a 臺 [台] mand. *tái* “plataforma”, i.e., plataforma fortificada, como em 炮臺 *pàotái*, “forte munido de canhão”. Fortificação menor do que 寨 mand. *zhài* “fortaleza da sexta ordem”, de acordo com a reedição atualizada do *Vergel* (1878).

(128) TAIFÓ

Var. *taiphó*

Do chin. *tai-to*

Espada chinesa, curta e muito afiada. Do chin. *tai-to*, “faca grande”. → TAIFOADA, golpe de *taifó*.

APÊNDICE: Julga o Sr. Pelliot que esta palavra não se pode ligar ao chin. *tai-to* (mandarim *ta-tao*), “grande faca”, mas que deve provir dalgum nome cantonês, em mandarim *ch’uang-tu* ou *ch’uang-kien*. 1844 – “As espadas duplas, metidas em uma só bainha, e que elles jogam com as duas mãos e com muita rapidez e agilidade, são chamadas **tai-phós**, e são curtas, reforçadas e muito afiadas.” – *Id.*, II, p. 88 (nesta primeira abonação não consta o nome da fonte; talvez da revista *Ta-ssi-yang-kuó*, cf. abonações posteriores)

ANÁLISE:

(?) 大斧 cant. */ta:i fu:/ > tai-phó > taifó

O étimo dado por Dalgado *tai-tó*, i.e., 大刀 mand. *dà dāo* ≈ cant. *daai⁶ dou¹*, “faca grande” na verdade designa um tipo de espada longa, que não condiz com a definição de adaga “curta e muito afiada”. Além disso, a mudança fonética [t] > [f] na segunda sílaba permanece sem explicação. O termo é fartamente documentado nas fontes portuguesas do século XIX como arma branca usada por piratas e malfeitores na região de Macau, e gera a derivação *taifoada*.

A descrição, tanto na definição como na primeira abonação, lembra o que hoje se conhece por 蝴蝶雙刀 mand. *húdié shuāngdāo*, “sabres duplos borboleta”, mas esse termo é tão distante da forma **taifó** como os étimos propostos por Pelliot, mesmo em pronúncia dialetal como sugere o sinólogo: *ch’uang-tu*, i.e., 雙刀 mand. *shuāng dāo* ≈ cant. *soeng¹ dou¹* “sabres duplos” e *ch’uang-kien*, i.e., 雙劍 mand. *shuāng jiàn* ≈ cant. *soeng¹ gim³* “espadas duplas”.

Os historiadores Jin e Wu (2000) observam que a tradução literal de **taifó** é “grande machado”, ou seja, 大斧 mand. *dàfǔ* ≈ cant. *daai⁶ fu²*. Neste caso, trata-se de um evidente regionalismo, já que o termo em mandarim padrão designa uma acha ou machado de combate, portanto uma arma de dimensões e feito bastante diferentes de uma espada curta.

O ditongo [ai] na primeira sílaba também é um indício da via dialetal. Pelo menos duas hipóteses podem ser levantadas para explicar a transcrição da segunda sílaba como <fó> *[fɔ] em vez de <fu> que, nos dados de hoje, seria mais congruente com o cantonês falado em Macau: uma pronúncia obsoleta que se perdeu antes do início do século XX ou uma das muitas variantes subdialetais existentes nas adjacências do antigo enclave português.

Por outro lado, vale lembrar que pronúncias ainda mais próximas do empréstimo **taifó** são perfeitamente possíveis na fonologia cantonesa: [ta:i fɔ:], [t^ha:i fɔ:], [tei fɔ:k] etc. Em vista disso, não se pode descartar a hipótese de o étimo ser um termo dialetal diferente do referido acima, sem cognato na língua padrão ou na língua clássica e, portanto, ágrafo ou sem grafia normatizada em chinês.

(127) TAISU

Do chin. *tai-sse*

Director de cárcere, na China.

1569 – “Tirando estes assistentes e os cinco principaes, há entre os menores hu de maior dignidade que he tronqueiro mor, a que chamam **Taissu**.” – Fr. Gaspar da Cruz, *Tractado*, cap. 16.

ANÁLISE:

Origem obscura.

Não é claro a que termo Dalgado se referia ao sugerir o étimo *tai-sse*. Galiote Pereira (séc. XVI) também registra **taissu**, com variações *tui fu* e *tar fu* em diferentes cópias (D’INTINO, 1989), provavelmente por confusão de leitura entre <f> (s caudado) e <fu>.

Como observa Loureiro (1992), historiadores modernos não chegaram a um consenso sobre qual seria esse cargo. O mesmo Loureiro (1997) sugere 大士 mand. *dàishì* “diretor provincial das prisões”. O dicionário Grand Ricci, entretanto, situa esse cargo no período de Primaveras e Outonos (770–476 a. C.). Dicionários especializados como Hucker (1985) e Zhang (2017) tampouco registram o termo na dinastia Ming, época da abonação.

(128) TALI

Do chin. *tá-li*

Grande cerimônia, na China.

1729 – “Sõ em mão própria se lhe entregavam os memoriaes de menos conta, e de pessoas ordinárias, com que se não praticava a solenidade, e aparato da sua **Taly**, ou grande cerimonia.” – *Apud* Júlio Biker, *Collecção de Tratados*, VI, p. 134.

ANÁLISE:

大禮 mand. */ta li/ > tali

O étimo *tá-li* corresponde a 大禮 mand. *dà lǐ* “grande cerimônia”, solenidade.

(131) TANCÁ, TANCAR

Do chin. *tán-kiá*

Lancha chinesa, tripulada por mulheres, que por isso se chamam TANCAREIRAS. Do chin. *tán-kiá*, que literalmente quiere dizer “ovo-casa”, isto é, casa a modo de ovo, “devido certamente à configuração do barco, que, com a sua cobertura, parece, no mar, um ovo boiando.” – *Ta-ssi-yang-kuó*, I, II, 11.

1858 – “O **tancar**... corresponde no tamanho ao bote dos caes de Lisboa, mas é muito melhor aproveitado, porque constitue a habitação permanente de uma familia, mas onde só as mulheres fazem todo o serviço do mar. Naquelle pequeno espaço vivem, tem filhos, criam-nos, e accomodam seus utensílios domésticos... O rude officio que exercem as **tancareiras** desde crianças lhes desenvolve amplamente os músculos, e das suas largas calças de *ganga* azul saem ás vezes bellas pernas nuas, que, o próprio pincel de Rubens não esboçaria melhor.” – *Archivo Pittoresco*, I, p. 296.

ANÁLISE:

蛋家 cant. */ta:n ka:/ > tancá, tancar

O étimo *tán-kiá* corresponde a 蛋家 mand. *dànjīā* ≈ cant. *daan⁶ gaa¹*, literalmente “casa de ovo” ou “família de ovo”, designação obsoleta do grupo étnico que residia permanentemente em barcos no litoral sul da China.

Grafias alternativas em chinês foram adotadas para contornar a conotação depreciativa de 蛋 mand. *dàn* ≈ cant. *daan⁶* “ovo” com o uso de ideogramas homófonos como 盞 e 蟹. Modernamente, o termo foi substituído por 水上人 mand. *shuǐshàng rén* “gente da água” ou 南海人 mand. *nánhǎi rén* “gente do mar do sul”.

A forma *tancá*, transcrição do cantonês [ta:n ka:], designa o barco de toldo ovalado usado para pesca, transporte e moradia ou, mais raramente, os seus habitantes. O acréscimo de <r>

por hipercorreção resultou em *tancar*, de onde deriva *tancareira*, mulher que pilota o tancar. O masculino *tancareiro* é menos comum (BATALHA, 1988).

(130) TANSU

Var. *tansuu*

Do chin. *túng-sz'*

Intérprete, na China.

1540 – “Acabando o interprete (que la se chama **tansuu**) de ler a carta e declarar o que ella dizia, todos os que a ouviram ficarão corridos.” — Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. 64.

ANÁLISE:

通司 mand. */thoŋ sɿ/ > tansu

O étimo *túng-sz'* dado por Dalgado corresponde a 通事 mand. *tōngshì* “intérprete” (obsoleto). Outra possibilidade é 通司 mand. *tōngsī* “tradutor, guia” (regionalismo).

(133) TAU ¹

Var. *tao*

Do chin. *tau (chuen)*

Navio de guerra chinês.

1835 – “Vendo o forte Barreto, que a artilharia inimiga era de maior calibre, resolveu abordar o **Táo** (navio de 20 bombardas com 300 homens)... Assim parecia o brigue junto do **Táo**, e apenas tinha um quinto da equipagem do navio inimigo.” – José Inácio de Andrade, *Memória*, p. 29.

ANÁLISE:

(?) 鬥 cant. */təu/ > dau > tau

Por *tau (chuen)*, no sentido de “navio de guerra”, Dalgado talvez se refira a 鬥 (船) mand. *dòu (chuán)*, lit. “(navio de) combate”. Em mandarim, nessa acepção, são mais comuns os vocábulos 戰船 *zhànchuán* e 戰艦 *zhànjiàn* ambos distantes do étimo proposto. A transcrição *tau*, no entanto, remete ao cantonês 鬥 *dau*³ “combate, combater”. Com efeito, no campo dos termos navais, é dicionarizado em cantonês o composto 鬥艦 *dau*³ *laam*⁶ lit. “barco de combate”.

Na edição de 1824 do texto fonte da abonação²⁸ (portanto anterior à edição consultada por Dalgado), o termo é invariavelmente grafado *taó* em referência aos grandes navios da esquadra de Cam-pau-sai, i.e., 張保仔 mand. *Zhāng Bǎo zǎi* ≈ cant. *Zoeng¹ Bou² zai²*, “Cheung Po, o jovem” (1783–1822), líder da pirataria na costa cantonesa no início do século XIX. Nesse contexto, pode-se considerar a hipótese de se tratar de uma abreviação de 海盜船 mand. *hǎidào chuán* ≈ cant. *hoi² dou⁶ syun⁴* “navio pirata”.

Se, por outro lado, se tratava de uma denominação dada pelos piratas aos seus navios, como se pode depreender da definição na mesma obra – “navios assim chamados da esquadra dos piratas” (ANDRADE, 1824, p. 22) –, o termo pode ser algum jargão da época do qual não temos registro.

(134) TAU, TAO ²HOUAISS

Do chin. *táu*

A palavra chinesa *táu* significa primariamente “caminho”, a qual depois adquiriu os sentidos simbólicos do “recto curso de procedimento, razão primária e palavra ou logos”.

TAUÍSMO. Uma das três religiões da China, fundada no século VI antes de Cristo por Lau-sze, pouco anterior a Confúcio, e que professa o idealismo e o animismo. O seu nome chinês é *táu-kian* = religião de *táu*.

TAUÍSTA, sectário da religião *táu*. Em chinês são conhecidos por *táu-sze*. Como adjectivo, *tauísta* quer dizer “relativo ao tauismo”.

1605 – “A segunda he dos que chamam **Tauxem**, nascida tã bê na China a dois mil e oito annos, pouco mais ou menos de hum Laoxu, que quer dizer filho velho, porque dizem que antes de nascer, andou oitenta anos no ventre da mãy, e como veio tam bem criado, promete sua seita dar com certa mezinha vida comprida, e conservar os homens sem morrer, subidos ao ceo, em corpo, e em alma: fazer prata de qualquer metal, chover, serenar o tempo, e ainda resuscitar mortos.” – P. Fernão Guerreiro, *Relaçam Annual*, fl. 82

ANÁLISE:

道 mand. */tau/ > tau, tao

O étimo *táu* corresponde a 道 mand. *dào* “Tao; caminho”. Outros termos mencionados no verbete e na abonação (1605) são *táu-kian* (por *táu-kiau*) i.e., 道教 mand. *dàojiào* *[tau kiau], “religião do Tao”; e *tauxem*, possivelmente 道士 mand. *dàoshì*, “monge taoísta”.

²⁸ ANDRADE, José Ignácio. *Memória sobre a destruição dos os piratas da China de que era chefe o célebre Cam-pau-sai*. Lisboa, 1824

(135) TAUINAREL

Var. tauhinarel, taurinel

Do chin. *táu-hien-lien*

Conforme Fernão Mendes Pinto, é casa de misericórdia que os *tauistas* tinham na China junto das cadeias principais. Presumo que corresponde em chinês a *táu-hien-lien*, “casa de misericórdia de *táu*”.

APÊNDICE: O referido sinólogo reputa inexplicável a dição empregada por Fernão Mendes Pinto e arbitrária a combinação que eu arranjei para a explicar.

1541 – “Nós os somenos servos desta santa casa de **Tauhinarel**, situada no favor da quinta prisão do Nanquim...” – *Peregrinação*, cap. 87.

ANÁLISE:

Origem obscura.

Não há evidências que corroborem a ligação entre o suposto étimo dado por Dalgado, *táu-hien-lien* (não identificado), e a forma **tauhinarel**. Pode tratar-se de um topônimo.

A tradução chinesa de *Peregrinação* (JIN, 1999) traz 陶依那爾 mand. *táoyīnà'ěr*, uma transcrição fonética aproximada da forma registrada em português, como indicação de que não se identificou um possível étimo chinês.

(136) TAULI*

Parece que designa a mesma dignidade que *tautai*, com o sufixo honorífico *li*, q. v.

APÊNDICE: Observa o Sr. Pelliot que o termo, mencionado pelos missionários antigos, não se encontrou até hoje nos textos chineses, e que *li*, “funcionário”, não é propriamente sufixo, mas entra em certas expressões.

1604 – “O **Tau li** corre bem com o Padre, este anno no principio do seu nono lhe mandou doze soldados vestidos de vermelhos carregados de hum grosso presente, o mesmo fez o governador da cidade.” – *Apud* Pe. Fernão de Queiroz, *Conquista de Ceylão*, p. 91.

ANÁLISE:

Origem obscura.

O étimo proposto por Dalgado é *tau li*, uma composição de 道 mand. *dào* (v. **tautai**) e 吏 mand. *lì* (v. **li**₃). Pelliot, citado no Apêndice, observa que **tau li** não é abonado nos textos chineses.

(137) TAUTAI*

Var. *tau*, *tau-tai*

Do chin. *táu-tái*

Intendente ou administrador dum distrito chinês; director de alfândega

1727 – “Mandou hum **Tau** que era Governador do Cantão, quando eu passei para a corte, e todos aqui vierão, e assistirão alguns dias.” – *Apud* Júlio Biker, *Collecção de Tratados*, VI, p. 53.

ANÁLISE:

道臺 mand. */tau t^hai/ > tautai

O étimo *táu-tái* corresponde a 道臺 mand. *dào tái* “intendente de um *dào*”, sendo 道 mand. *dào* “circuito” (divisão administrativa). A abonação mais antiga (1727) registra apenas *tau*, a mais recente (1895) traz *tautai* e *tau-tai*.

(138) TIÃO*

Do chin. *ting*

Pequena embarcação chinesa. V. *sapatião*

1669 – “Foi na sua barca grande acompanhado de sete **tiões** ligeiros para Caza branca com galhofa de trombetas, buzinas, gaitas e bategas.” – In *Ta-ssi-yang-kuó*, I, II, 11.

ANÁLISE:

艇 cant. */t^hɛ:ŋ/ > tião

O étimo *ting* corresponde a 艇 mand. *tǐng* ≈ cant. *teng*⁵ “embarcação de pequeno porte” (v. **sapatião** e **faitião**). Batalha (1988) considera mais provável a origem cantonesa.

(139) TIAU

Var. *tiao*

Do chin. *tiáu*, redução de *yi-tiáu-tsien*

Enfiada de *caixas*, na China. O termo é corrente em Macau. Do chin. *tiáu: yi-tiáu-tsien*, “uma enfiada de moedas”.

1895 – “Nos mercados os ajustes fazem-se por **tiaos**, palavra que significa enfiada. Cada **tiao** representa mil *sapecas* pequenas e contém portanto cinquenta [cem] gandes, segura por um cordel que as enfia.” – Conde de Arnoso, *Jornadas*, p. 339.

ANÁLISE:

一吊錢 mand. */i tiau tɕ^hiɛn/ > tiao > tiau

Dalgado dá como étimo *tiáu*, i.e., 吊 mand. *diào* “fiada”, redução de *yi-tiáu-tsien*, i.e., 一吊錢 mand. *yī diào qián* “uma fiada de dinheiro”, um conjunto de moedas com um orifício quadrado no meio (chamadas *sapecas* ou *caixas*) pelo qual se passa um cordão.

(140) TICO^{*}

Var. *tiquo*

Do chin. *ti-tu* (?)

Oficial superior do exército chinês. Donald Ferguson declara que não pôde identificar o termo. Parece que representa o chin. *ti-tu*, “comandante de tropas”.

1534 – “Mandarão laa o **tiquo** que tem carrego d’estrageiros debaixo do *aytão*.” – Cristóvão Vieira, *apud* Ferguson, *Letters*, p. 51.

ANÁLISE:

(?) 提督 mand. */t^hi to[?]/ ou 提舉 mand. */t^hi ky/ > tico

Dalgado dá como étimo *ti-tu*, i.e. 提督 mand. *tidu*. Para Jin, (2000). Para Jin (2000) é o mesmo que 都司 mand. *dūsī*, abreviação de 都指揮使司 mand. *dūzhǐhuīshǐsī* “comandante militar provincial” (v. **toci**). Segundo esse autor, a abreviação desse título deu origem aos aportuguesamentos *tico*, *toci* e *tussi*. O grau de incerteza de transformações fonéticas tão irregulares é elevado.

Outra possibilidade é 提舉 mand. *tíjǔ*, “secretário provincial de comércio exterior” (LOUREIRO, 1997).

(141) TIÈ, TIEZU

Var. *thie*

Do chin. *tie*, *tie-tsz’*

Cartão de visita, na China.

1729 – “Pretenderam agradecer por meio de hum **Tiezu** ou papel de visita, que se lhe não aceitou por ser em papel azul, signal de grande humildade de quem oferecia; não fez assim o Patriarcha Mezzabarba, que até dos maiores Mandarins da villa pretendeu **Tiezu**, ou papel de visita de similhante papel.” – *Apud* Júlio Biker, *Collecção de Tratados*, VI, p. 97.

“He que para se visitarem, ou mandarem perguntar pela saúde dos outros, usam de hum **Tiezu**, ou papel de visitas, que não consta mais que de huma tira de papel comprida, algum tanto larga, em que escrevem alguns caracteres.” – *Ibid.*, p. 164.

ANÁLISE:

帖子 mand. */t^hie[?] tsɿ/ > tiezu > tiè

O étimo *thie* corresponde a 帖子 mand. *tiězi* “bilhete”, mensagem manuscrita de saudação, agradecimento, convite etc.

(142) TIEN, TIENCHU

Do chin. *tien*, *tien-chu*

Senhor, Deus, em chinês.

ANÁLISE:

天 mand. */t^hien/ > tien

天主 mand. */t^hien tʂu/ > tienchu

Dalgado dá como étimos *tien*, i.e., 天 mand. *tiān* “céu” e *tienchu*, i.e., 天主 mand. *tiānzhǔ* “Senhor do Céu”, o Deus católico. A religião católica é denominada 天主教 mand. *tiānzhǔ jiào*, “religião do senhor do Céu”.

(143) TIENZU*

Do chin. *tsien-só*

Tamborete de oficiais da corte ou “assento tártaro”, como se diz na abonação.

1729 – “Hum levava o **Tienzu** ou assento Tartaro de que o Embaixador usava na côrte, e outro levava hum chapéu de sol, que já tinha leuado quando estivemos no Brazil... Hia hum ajudante da Camara, também montado a cavalo, com um **Tiézu** ou assento Tartaro.” – *Apud* Júlio Biker, *Collecção de Tratados*, VI, pp. 133-137.

ANÁLISE:

Origem obscura.

Dalgado dá como étimo *tsien-só* (não identificado). Grafado de duas formas distintas na abonação, **tienzu** e **tiézu**, o vocábulo pode ter origem em um termo genérico como 凳子 mand.

dèngzi “tamborete, banquinho”. A descrição remete a um 馬扎 mand. *mǎzhá* “banco dobrável” ou 交椅 mand. *jiāoyǐ* “cadeira dobrável”.

(144) TIN TIN*

Var. *tin-tim*

Do chin. *ting-ting* (?)

Ferro velho da China, conforme o Conde de Arnos. Parece que se liga ao chin. *ting-ting*, címbalos que os feirantes tanger para avocar fregueses.

1895 – “Os ferros-velhos, **tin-tim**, lembram as instalações da nossa feira da Ladra.” – Conde de Arnos, *Jornadas pelo Mundo*, p. 130.

ANÁLISE:

Origem obscura.

Aparentemente onomatopáico: 叮叮 mand. *dīngdīng*.

(145) TOCI*

Var. *toçi*

Do chin. *tu-che*

Certo funcionário chinês. Talvez do chin. *tu-che*, “secretário adjunto”.

1534 – “A casa do **Toçi** tem seis ou sete mandarins e muitos escrivães.” – Cristóvão Vieira, *apud* Ferguson, *Letters*, p. 75.

ANÁLISE:

都司 mand. */tu sɿ/ > toçi > toci

Dalgado dá como étimo *tu-che* (não identificado). Para Jin (2000) o étimo é 都司 mand. *dūsi*, abreviação de 都指揮使司 mand. *dūzhīhuīshǐsī* “comandante militar provincial” (v. **tico**).

(146) TU*

Do chin. *tú*

Bote chinês.

1896 – “Estacionam sempre nas aguas de Macau mil e oitocentas a duas mil embarcações pequenas, denominadas *somas*, *tammões*, **tus**, *taitós*.” – Adolfo Loureiro, in *Bol. S. G. L.*, XV, p. 41.

ANÁLISE:

Origem obscura.

(?) 渡 mand. */tu/ > tu

O étimo *tú* dado por Dalgado talvez corresponda a 渡 mand. *dù* “atravessar um corpo d’água”, possivelmente como redução de 渡船 mand. *dù chuán*, “barco de travessia”, i.e., *balsa*, *ferry*.

(147) TUIEN

Var. *tu yuen*

Do chin. *tu-hien*

Governador, na China.

APÊNDICE: Na opinião de Pelliot, *tu yuen* da abonação explica-se melhor pelo mandarino *tu-yuan*, “corte do governador geral”, que por *tu-hien* “governador”.

1729 – “Logo o Senado fez aviso por meio dos tribunaes, e Ministros inferiores, como he costume na China, ao **Tu yuen** de Cantão, a quem nós os europeus chamamos Vice-Rey.” *Apud* Júlio Biker, *Collecção de Tratados*, VI, p. 73.

ANÁLISE:

督憲 mand. */to² xjɛn/ > tuien

O étimo *tu-hien* corresponde a 督憲 mand. *dū xiàn* “governador provincial”. O termo *tu yuen* mencionado no Apêndice provavelmente corresponde a 督院 mand. *dū yuàn*, residência oficial do governador-geral.

(148) TUQUÃO, TUSSU*

Var. *tuquam*, *tusu*

Do chin. *tu-váng*, *tu-sz'*

Régulo quase independente de tribus aborígenes não assimiladas na China.

1668 – “A estes Senhores absolutos chamão os Chinas **Tusu** ou **Tuquam**, que quiere dizer Mandarim da terra, porque como elles tem para si, que não ha nomundo outro Rey, outro Emperador senam seu, não lhes dão os taes titulos, só por distincção; mas somente os de officiaes, e Mandarins.” – Fr. Jacinto de Deus, *Vergel*, p. 164.

ANÁLISE:

土官 mand. */t^hu kuaŋ/ > tuquam > tuquão

土府 mand. */t^hu fu/ > *tufu > tufu > tussu

Os étimos dados por Dalgado são imprecisos: *tu-váng* por *tu-kuáng*, i.e., 土官 mand. *tǔ guāng* “mandarim da terra”; e *tu-sz'* por *tu-fu*, i.e., 土府 mand. *tǔ fǔ* “governante da terra”, conforme atesta a reedição atualizada do *Vergel* (1878).

Por erro de cópia ou composição na edição de 1690, *tufu* foi impresso *tufu*, com s caudado, dando origem à forma **tussu**.

(149) TUTÃO

Var. *tutam*, *tutom*, *tutau*, *tito*, *tutuan* (esp.), *tutan* (it.)

Do chin. *tu-tung*

Vice-rei ou governador militar, na China. Do chin. *tu-tung*, “comandante geral”.

NOTA: “*Te-tuh*, *Tai-tó*, *Tu-tu* conforme o modo de pronuncia, é equivalente aos nossos generaes, quer de mar, quer de terra.” – *Ta-ssi-yang-kuó*, Outubro de 1899.

APÊNDICE: Nota o Sr. Pelliot que *t'i-tu*, *tu-tu* e *tu-t'ong* são três títulos militares diferentes. Vid. nota no texto.

1534 – “O **Tutão** Compim Comquõ são três pessoas que teem carrego desta governança de Cantão e Cançy estes são os mayores.” – Cristóvão Vieira, *apud* Ferguson, *Letters*, p. 79.

ANÁLISE:

都堂 mand. */tu t^haŋ/ > tutão

Abreviação de. 巡撫都堂 mand. *xúnfǔ dūtáng* “vice-rei ou governador-geral de uma província”, de acordo com Loureiro (1997). A observação de Pelliot diz respeito a 提督 *tídū* “comandante militar provincial”, 都督 *dūdū* “comissário-chefe” e 都統 *dūtǒng* “comandante de um estandarte” (divisão militar da dinastia Qing), respectivamente.

(150) TUTIÉ

Do chin. *tu-tie*

Tribunal chinês que superintende nos bonzos. Do chin. *tu-tie*, “tribunal dos crentes”.

APÊNDICE: Não é propriamente o nome do tribunal, mas a patente que passa o tribunal acerca da ordenação dos monges budistas, como se diz na abonação.

1678 – “Há nesta Corte [de Pequim] hum Tribunal, de Ritus, que he superior a todos os Bonzos, e nenhum o pode ser, senão por patente daquelle Tribunal, a que chamão **Tutié**.” – Fr. Jacinto de Deus, *Vergel*, p. 170.

ANÁLISE:

度牒 mand. */to² tie²/ > tutié

Dalgado dá como étimo *tu-tié*, i.e., 度牒 mand. *dùdié*, abreviação de 五花度牒 mand. *wǔhuā dùdié* lit. “diploma das cinco flores”, espécie de salvo-conduto que identificava o monge (naturalidade, nome laico, idade, templo e mestre) e certificava o seu registo no Ministério dos Ritos para efeito de controle da evasão fiscal, já que os religiosos eram isentos de tributação.

(151) UFU

Do chin. *yü-fu*

Personagem da casa imperial, na China. O chin. *yü-fu* quer dizer “casa imperial”.

APÊNDICE: Parece ao Sr. Pelliot que nas duas citações se trata dum nome próprio; mas observa que *yu-fu*, “casa imperial”, não é usado.

1756 – “Quis o Thesoureiro satisfazer-me, e logo respondeu que semelhante obrigação era suposta; por~em que o Padre lhe assegurou, que eu sem duvida não acceitaria segunda vez, com o parecer do Vice rei se entregou a prata ao **U-fu** que me acompanhava.” – *Apud*, Julio Biker, *Collecção de Tratados*, VII, p. 63.

“Esperava-me o mesmo *Tagin* com um dos *Colaos* do Império, o *Tartanta*, Presidente do Tribunal dos Mandarins e o **U-fu**, primo do Imperador.” – *Ibid.*, p. 72.

ANÁLISE:

烏府 mand. */u fu/ > u-fu > ufu

Por *yü-fu* Dalgado talvez se referisse a 御府 mand. *yùfǔ*, “palácio imperial”, o que não condiz com as abonações.

Uma hipótese mais plausível é 烏府 mand. *wūfǔ*, lit. “palácio dos melros” (ou corvos), denominação não oficial da 都察院 *dūcháyuàn* “câmara dos censores” e, por extensão, do seu

chefe, o 御史大夫 mand. *yùshǐ dàfū*. O termo faz referência à profusão de pássaros que frequentavam o grande cedro em frente ao antigo edifício sede da câmara, também chamado de 柏臺 *bótái* “pavilhão do cedro” (HUCKER, 1985).

(152) UPO

Var. *tu-u, ya-fu* (fr.)

Do chin. *tú-po*

Beleguim chinês. Do chin. *tú-po*, “repartição de polícia”, ou, com mais probabilidade, de *tsau-pau*, “litor”. O P. Semedo, que também dá o derivado *upada*, parece que não toma o vocábulo por chinês.

APÊNDICE: O Sr. Pelliot não encontra em chinês expressão que corresponda a *upo*, se bem que exista *pu* (*po* em cantonês), que quer dizer “prender” e se emprega com referência aos agentes de polícia.

1541 – “Com quatro **upos** de albardas, que são como beleguins.” – Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 89.

ANÁLISE:

Origem obscura.

Por *tú-po* Dalgado talvez se refira a 督捕 mand. *dūbǔ*, abreviação de 督捕清吏司 mand. *dūbǔ qīnglǐsī*, “agência de apreensões”, encarregada de perseguir os desertores das tropas dos estandartes, subordinada ao ministério da Justiça. O termo *tsau-pau* “litor” (licitor) não foi identificado.

O vocábulo *pu* (*po*) mencionado no apêndice corresponde a 捕 mand. *bǔ* ≈ cant. *bou*⁶, “prender”. A tradução chinesa de *Peregrinação* (JIN, 1999) traz 武捕 mand. *wǔbǔ*, uma transcrição fonética de **upo**.

(153) VAI-SENG*

Var. *vae-seng*

Loteria chinesa, muito praticada em Macau, onde é monopólio do governo, a qual tem por base do prêmio o número de estudantes aprovados ou os apelidos de laureados em Cantão e em Pequim.

1883 – “A loteria do **vae-seng** dá lugar a lucros fabulosos, e é muito estimada pelos chins. É regulado o prêmio grande pelo número de estudantes de medicina que terminaram os seus exames nas escolas da província de Cantão, e de três em três anos em Pequim.” – Adolfo Loureiro, *No Oriente*, I, p. 319.

ANÁLISE:

闍姓 cant. */wɛi sɛŋ/ > vae-seng > vai-seng

Dalgado dá como étimo *vae-seng*, i.e., 闍姓 cant. *wai⁴ sing³*, um tipo de loteria em que se apostava nos nomes dos candidatos aprovados nos concursos públicos.

(154) VANE*

Do chin. *van*

Barra de prata *saici* que se usa na China por moeda.

1729 – “Elle sabia que de Macau para Cantão tinhão hido 30 **vanes** de prata, que são 30:000\$000 reis portugueses para se empregarem em fazendas.” – *Apud* Júlio Biker, *Collecção de Tratados*, VI, p. 82.

ANÁLISE:

圓 cant. */wa:n/ > vane

O étimo *van* corresponde a 圓 cant. *waan*⁴ “círculo, esfera”, variação dialetal de 圓 mand. *yuán* ≈ cant. *jyun*⁴, lit. “redondo”, unidade monetária.

(155) VLÃO

Var. Ulao

Do chin. *koh-láo* “ministro de estado”

Figura o vocábulo numa carta de Fernão Mendes Pinto, publicada pelo Sr. Cristóvão Aires (p. 118), o qual nota: “Na traducção hespanhola, publicada em 1555 vem escripto *Ulaou*... Deve ler-se *vlao*, porque n’esse tempo escrevia-se *v* por *u* e *u* por *v*.” Gonçalves Viana (*Apostilas*, s. v. *fachis*) observa: “Informação errada, o que se escrevia era *v* inicial por *u* e *v*, e *u* medial por *v* e *u*. A emenda, portanto, é temerária. *Ulaou* ou *Ulaui* deve ser a forma certa, mesmo porque *vl* seria grupo de letras impossível em chin.”

Quere-me parecer que nem uma nem outra cousa; o que Fernão Mendes teria escrito é *clãos*, por *colãos*, do chin. *koh-láo*, “ministro de estado”, que não ocorre na *Peregrinação* do referido autor, mas figura frequentemente em outros escritores. As funções de *colãos* e *vlãos* são as mesmas. V. *colão*.

SUPLEMENTO: O Professor Pelliot reconhece a concordância de significados de *vlão* e de *colão*, mas hesita em admitir a identidade vocabular, por se encontrar *olao* ou *vlao*, como equivalente de *lao*, no *Imperio de la China*, do Padre Smedo e na versão italiana duma inscrição chinesa, provavelmente feita duma tradução portuguesa. É possível que nos lugares citados o artigo *o* se tenha juntado ao substantivo, como aconteceu em *abada* (q.v.); parece porém muito verosímil que Fernão Mendes Pinto tivesse escrito *clão*.

1554 – “Tem mais el Rey [da China] oyto fidalgos de seu conselho muyto letrados e de grandes prudências, com os quaes despacha todos os negócios do Reino, também estes nunqua saem da terceyra cerca por nhum caso ate morte, a estes chamão **vlãos**.”

ANÁLISE:**Origem controversa.**

(?) 閣老 mand. */ko² lau/ > colao > *clão > vlão

Dalgado sugere com étimo *koh-láo*, i.e., 閣老 mand. *gélǎo*, título ou forma de tratamento reservado a ministros ou altos secretários. O termo **vlão** seria, segundo o autor, um erro de cópia de *colão* ou *colao* (v. **colao**).

(156) XANXU*

Do chin. *shān-chū*

Presidente de um dos sete ministérios chineses. V. *lipu*

1605 – “Nem os **Xanxus**, que são as cabeças e Presidentes de seis tribunais, que ha de todo o governo deste reyno, que sam o da justiça, da fazenda, das obras, del Rey, dos exames dos letrados, dos negócios Estrangeiros, das cousas tocantes a pessoa do Rey...” – P. Fernão Guerreiro, *Relaçam Annual*, fl. 69.

ANÁLISE:

尚書 mand. */ʃaŋ ʃu/> xanxu

O étimo *shān-chū* corresponde a 尚書 mand. *shàng shū* “ministro”.

(157) XIPATOM

Do chin. *xi-fan-táu*

Fornecedor de jantares, na China.

1540 – “E está isto já tão taxado, e com tanta ordem, que quando uma pessoa quer fazer algum grande gasto, se vay a **Xipatom** da casa, que he o principal della, e dando-lhe conta do que determina, elle lhe mostra hum livro todo repartido em capítulos do regimento, e modo dos banquetes, no qual se lhe declara o que se dá em cada um d’elles, e como e de que maneyra se serve para ele dalli escolher á sua vontade; o qual livro eu algumas vezes vi, e ouvi ler, e se chama *Pinatorem*.” – Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 105.

ANÁLISE:

Origem obscura.

Dalgado dá como étimo *xi-fan-táu* (não identificado). A tradução chinesa de *Peregrinação* (JIN, 1999) traz uma transcrição fonética aproximada 西帕同 mand. *xīpàtóng*. Fernão Mendes Pinto registra um vocábulo semelhante em várias passagens: nos capítulos 105 e 106 é “encarregado dos banquetes”, no capítulo 115 é “secretário” (v. *sipatão*) e nos capítulos 122 e 221 é topônimo “Xipatom”.

(158) XOPA*

Var. *xópa*

Do chin. *shau-pá* [sze]

Lenço de seda, na China.

1534 – “A fazenda que nos tomarão erão vinte quintaes de ruybarbo, mil e quinhentas e seis çentas de seda ríquas obra de quatro mil lenços de seda que os chês chamão **xopas** de Nanquim e muitos avanos.”

– Cristóvão Vieira, *apud* Ferguson, *Letters*, p. 60.

ANÁLISE:

手帕 mand. */ʃou p^ha/ > xopa

O étimo *shau-pá* [sze] corresponde, com pequena imprecisão na romanização, a 手帕[子] mand. *shǒu pà* [zi] “lenço”.

(159) XU TAGIM

Do chin. *xu tá-jin*

Governador de Pequim, conforme a abonação. Mas seu título ordinário é *fu-yin*, sendo *chien-yin* o do vice-governador e *fu-cheng* o de sub-governador. 大人 *Tá-jin* quiere dizer literalmente “grande homem”, e é o tratamento honorífico de chefes de grandes repartições ; e *xu* significa “senhor” (lord). *Xu-tagim* seria, portanto, “senhor chefe”.

APÊNDICE: O Sr. Pelliot considera *xu* como nome próprio; *Xu-tagim* significaria, portanto, Sua Excelência *Xu*.

1756 – “Fui pernoitar a uma casa que se tinha preparado por minha ordem, a uma pequena légua de Pequim, onde achei um Official das Ordens de Xu-Tagim, Governador da cidade, que vinha visitar-me da sua parte.” – *Apud* Júlio Biker, *Collecção de Tratados*, VII, p. 65.

ANÁLISE:

東?大人 mand. */ʃu tazjɪn/ > xu tagim

A interpretação de Dalgado para *Xu-tagim* como “senhor chefe” é imprecisa. Trata-se, como aponta Pelliot, de um sobrenome. Note-se que a romanização Xu do século XVIII corresponde a *[ʃu] e não a [ey] como no pinyin moderno. Não há, contudo, dados suficientes para precisar o antropônimo em questão, que tanto pode ser 東 *Shù*, 舒 *Shū* ou 樹 *Shù*, como 書 *Shū* ou 受 *Shū*. O termo 大人 mand. *dàrén* “excelentíssimo” é um título honorífico (v. **tagim**).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi verificar as etimologias propostas por Sebastião Dalgado no *Glossário luso-asiático* para os vocábulos que o autor indica como empréstimos diretos do chinês, aí incluídos outros dialetos além do mandarim.

Nos dois volumes do *Glossário*, foram encontrados ao todo 159 verbetes com a indicação “do chinês”, “do mandarim”, “do cantonês”, “é vocábulo chinês” ou similar. Não foram incluídos os vocábulos de origem chinesa que chegaram ao português por meio de uma terceira língua, como o malaio ou o japonês, exceto quando se considerou haver também a possibilidade de empréstimo direto.

Identificação dos étimos chineses

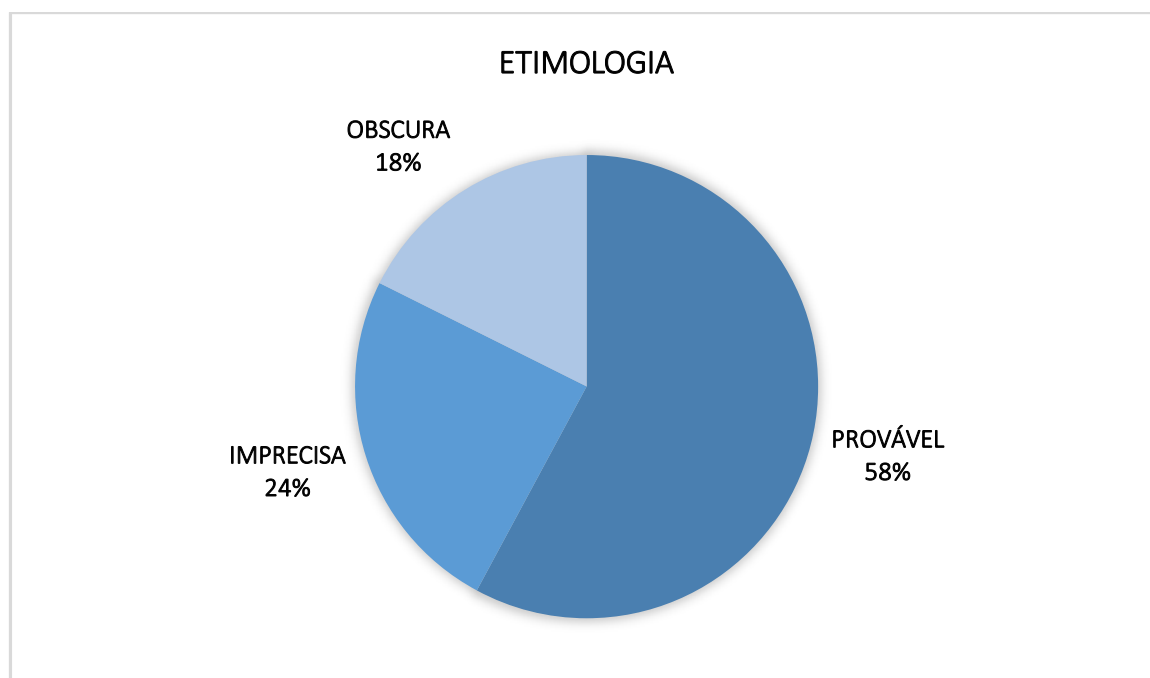
A identificação dos étimos levou em conta a congruência do suposto étimo com as formas abonadas, a regularidade das alterações fonéticas, o vínculo semântico, as abonações em obras de referência (dicionários históricos, enciclopédicos e de língua chinesa) e artigos de outros pesquisadores.

Nos casos em que foi possível, com base nos critérios acima, estabelecer uma correspondência entre o étimo proposto por Dalgado e as abonações chinesas, a etimologia do *Glossário* é considerada provável ou plausível.

Os demais casos dividem-se em: imprecisos ou controversos, quando, apesar das incongruências, ainda foi possível formular hipóteses alternativas à de Dalgado; e obscuros, i.e., inexplicáveis à luz dos dados disponíveis.

No conjunto dos verbetes em análise foram encontradas:

- 92 etimologias prováveis ou plausíveis, ou 58%
- 38 etimologias imprecisas ou controversas, ou 24%
- 29 etimologias obscuras, ou 18%

Figura 7 – Categorização das etimologias do *Glossário*

Distribuição do vocabulário

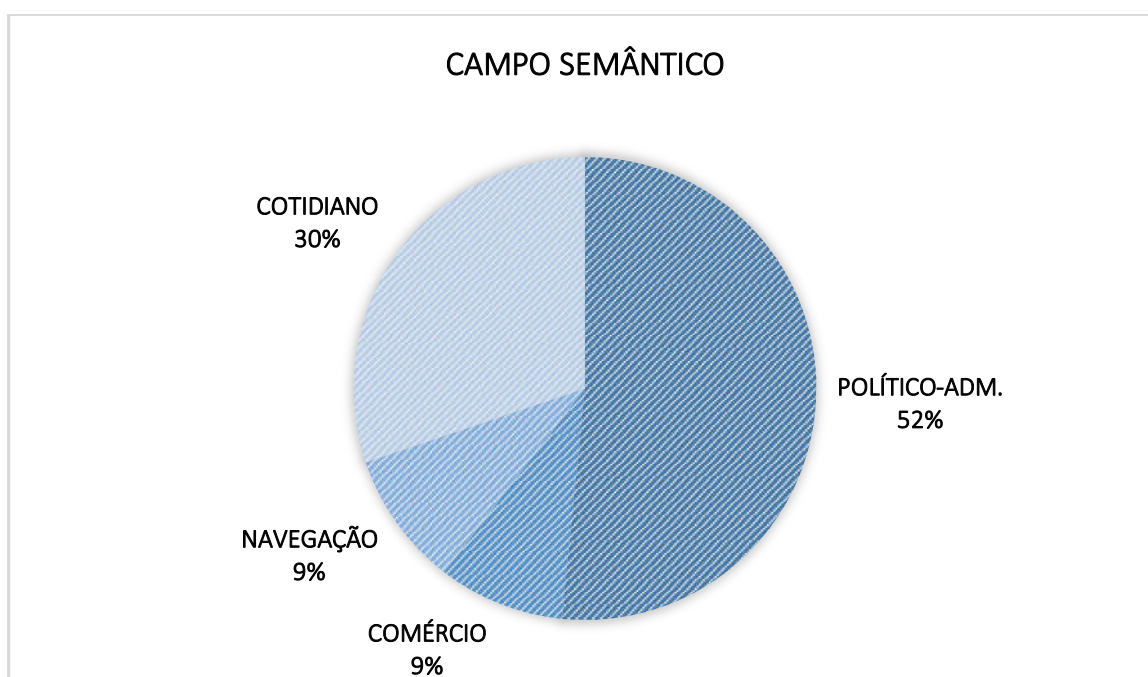
Para nomear as novidades encontradas no Oriente – flora e fauna, sociedades e costumes, produtos comerciais, moedas, pesos e medidas etc. – os falantes de português recorriam à analogia, à descrição, à indicação de origem, ou à extensão de sentido. Quando esses recursos não bastavam, era necessário tomar de empréstimo os nomes nativos da respectiva região. Esses empréstimos, de modo geral, são substantivos e designam objetos materiais. Alguns formaram derivados (anchaci → anchacilado).

Esses termos tanto podiam ser vulgares, i.e., de uso corrente nas variantes do “português oriental” e eventualmente introduzidos no português europeu, como eruditos, empregados sobretudo em textos oficiais, informativos ou literários. Pela natureza dos documentos que formam o *corpus* da pesquisa de Dalgado, os vocábulos chineses compilados no *Glossário* pertencem mormente a esta última categoria. Aproximadamente 70% concentram-se em três campos semânticos relacionados às atividades profissionais e econômicas: político-administrativo, comércio, navegação. Os 30% restantes são termos categorizados como “cotidianos”, referentes a costumes, utensílios, religião etc.

O vocabulário estudado distribui-se da seguinte forma, segundo os campos semânticos:

- a) político-administrativo (cargos civis e militares, títulos honoríficos, órgãos públicos, divisões administrativas etc.): 82 vocábulos ou 52%
- b) comércio (pesos e medidas, moedas, profissões etc.): 14 vocábulos ou 9%
- c) navegação (embarcações e termos náuticos em geral): 15 vocábulos ou 9%
- d) cotidiano (edificações, vestuário, alimentação, religião, utensílios, termos depreciativos etc.): 48 vocábulos ou 30%

Figura 8 – Campos semânticos dos empréstimos chineses



A tabela no fim deste capítulo apresenta os verbetes chineses em ordem alfabética, detalhando o ano e fonte da abonação mais antiga no *Glossário*, o campo semântico e a classificação (provável, imprecisa ou obscura) da etimologia sugerida por Dalgado.

Sobrevida das palavras

Alguns empréstimos asiáticos chegaram a se popularizar no português europeu enquanto Lisboa florescia como polo do comércio com as Índias, mas só parte desse vocabulário se conservou até nossos dias. Conforme observa Dalgado, “nos séculos XVI e XVII eram mais conhecidos e estavam mais vulgarizados em Portugal do que nos nossos tempos muitíssimos termos orientais, que depois caíram em desuso” (op. cit., p. XXXI).

Diferentemente desses termos que viveram ou ainda vivem na língua falada, os vocábulos chineses compilados no *Glossário* são, na grande maioria, transcrições de termos estrangeiros muito específicos usados na descrição da China por tratadistas como Fernão Mendes Pinto, Gaspar da Cruz, Jacinto de Deus e outros e, por seu exotismo, tiveram baixíssima frequência fora das obras desses autores.

Dos 159 termos supostamente chineses compilados por Dalgado, 16 estão incluídos no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Esses termos são listados abaixo com a transcrição textual das etimologias dadas no dicionário:

- 1) **Canga**: origem controversa
- 2) **Caulim**: topônimo Kao Ling (norte da China), lit. “colina elevada”, de onde primeiramente se extraiu essa matéria, provavelmente pelo fr. *kaolin* ‘id.’
- 3) **Chá**: chn. (dialeto mandarim) *ch’a* ‘id.’
- 4) **Charão**: origem controversa
- 5) **Chávena**: mal. *chāvan*, chn. *chā-kvān* ‘id.’
- 6) **Ché** [medida]: segundo Dalgado, do chn. *ch’i* ou *ch’ek* ‘id.’
- 7) **Junco**: mal. *adjong*
- 8) **Lechia, lichia**: chn. *li-chi* ‘nome da planta e do fruto’
- 9) **Li** [medida]: chn. *li* ‘id.’
- 10) **Li** [honorífico]: chn. *li* ‘eminente, conspícuo’
- 11) **Li** [moeda]: chn. *le* ‘id.’
- 12) **Longana**: chn. *long-ien* ou *lum-ien* ‘olho de dragão’
- 13) **Miau** [templo]: chn. *miao*
- 14) **Nanquim**: top. *Nanquim* (China)
- 15) **Sampana** (por Champana): chn. *san-pan* de *san* ‘três’ e *pan* ‘tábua, bordo’
- 16) **Tau, tao** [religião]: chn. (Beijing) *dào* ‘caminho’ que, depois, adquiriu os sentidos simbólicos de ‘razão primária e palavra ou logos’

Conclusão

Cem anos após a publicação do *Glossário luso-asiático*, concluímos a primeira análise atualizada dos étimos chineses apontados por Sebastião Dalgado em sua obra máxima. À luz de dados atuais e sem perder de vista as variações diacrônicas e dialetais da língua chinesa, pudemos identificar a maioria dos étimos, categorizar as propostas etimológicas originais em três graus de certeza e construir novas hipóteses para etimologias imprecisas ou improváveis. Também mapeamos a distribuição dos lexemas nos principais campos semânticos e indicamos quais desses vocábulos estão dicionarizados atualmente.

O célebre dicionário histórico-etimológico serviu, ao longo do último século, como principal referência para as etimologias asiáticas da língua portuguesa. O chinês, vale lembrar, é apenas um dos 25 idiomas orientais apontados pelo autor como fornecedores de empréstimos lexicais para o português. Outros idiomas mencionados com frequência nas páginas do *Glossário*, como os do Sudeste Asiático, também mereceriam um estudo semelhante.

Ao analisar os étimos chineses dessa obra tão importante para o conhecimento dos contatos ultramarinos portugueses, esperamos ter contribuído para os estudos de lexicografia histórica e de etimologia.

LISTA GERAL DOS VERBETES ANALISADOS

Na lista das páginas seguintes, as fontes da abonação mais antiga de cada verbete são indicadas pelas abreviações abaixo, ao lado do ano da abonação:

ABREV.	TÍTULO (AUTOR)	SÉCULO
ANNA	Annaes Marítimos [periódico]	XIX
ANTT	Alguns arquivos da Torre do Tombo	XVI
APOS	Apostilas aos dicionários portugueses (Gonçalves Viana)	XX
ARCH	Archivo Pittoresco [periódico]	XIX
ASIA	Ásia portuguesa (Faria e Sousa)	XVII
BATA	Batalhas da Cia. de Jesus (Pe. Antônio F. Cardim)	XVII
BSGL	Boletim da Sociedade Geográfica de Lisboa [periódico]	XIX
CEYL	Conquista de Ceylão (Pe. Fernão de Queiroz)	XVII
CJAP	Cartas de Japão (Pe. Gaspar Coelho)	XVI
COLL	Colleção de Tratados (Júlio Biker)	XVI – XVIII
COUC	Cousas da China (Calado Crespo)	XIX
DEC3	Década III (João de Barros)	XVI
DNIP	Dai-Nippon (Venceslau de Moraes)	XIX
FMPC	Cartas (Fernão Mendes Pinto)	XVI
FMPP	Peregrinação (Fernão Mendes Pinto)	XVI
HDCI	História dos descobrimentos e conquistas da Índia (F. Castanheda)	XVI
HITM	História trágico-marítima (Bento T. Feio)	XVII
HVFX	História da vida do P. Francisco Xavier (Pe. João Lucena)	XVI – XVII
IMPE	Imperio de la China (Pe. Álvaro Semedo)	XVII
JORN	Jornadas pelo mundo (Conde de Arnoso)	XIX
LCDI	Lembrança das cousas da Índia [anônimo]	XVI
LETT	Carta de Cantão (Cristóvão Vieira)	XVI
LIVR	Livro do Oriente (Duarte Barbosa)	XVI
MEMO	Memória dos feitos macaenses (José Inácio de Andrade)	XIX
NOOR	No Oriente (Adolfo Loureiro)	XIX
OMAN	O Mandarim (Eça de Queiroz)	XIX
RELA	Relaçam anual (Pe. Fernão Guerreiro)	XVII
TRAC	Tractado das cousas da China (Fr. Gaspar da Cruz)	XVI
TSYK	Ta-ssi-yang-kuo [periódico]	XVII – XX
VERG	Vergel (Fr. Jacinto de Deus)	XVII

Nº	VERBETE	ANO E FONTE		CAMPO SEMÂNTICO	ETIMOLOGIA SUGERIDA POR DALGADO
1.	AITÃO	1534	LETT	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
2.	ANCHACI	1534	LETT	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
3.	ANCHÃO	1880	BSGL	COTIDIANO	IMPRECISA
4.	APÔ	1667	TSYK	COTIDIANO	PROVÁVEL
5.	CANCHEUFU	1534	LETT	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
6.	CANGA	1640	BATA	COTIDIANO	IMPRECISA
7.	CANVO	1729	COLL	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
8.	CAULIM	1898	DNIP	COTIDIANO	PROVÁVEL
9.	CEUI	1534	LETT	POLÍTICO-ADM.	IMPRECISA
10.	CHÁ	1565	CJAP	COTIDIANO	PROVÁVEL
11.	CHÁEM	1540	FMPP	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
12.	CHAMPANA	1516	LIVR	NAVEGAÇÃO	PROVÁVEL
13.	CHAMPAULU	1881	BSGL	NAVEGAÇÃO	OBSCURA
14.	CHAMPOUCHU	1720	COLL	POLÍTICO-ADM.	IMPRECISA
15.	CHANDEU	1544	FMPP	COTIDIANO	OBSCURA
16.	CHANFACAU	1542	FMPP	COTIDIANO	PROVÁVEL
17.	CHANG	1903	TSYK	COMÉRCIO	PROVÁVEL
18.	CHANIPATÃO	1541	FMPP	POLÍTICO-ADM.	OBSCURA
19.	CHARÃO	1569	TRAC	COTIDIANO	IMPRECISA
20.	CHAU	1680	VERG	COMÉRCIO	PROVÁVEL
21.	CHAUCHAU	1899	TSYK	COTIDIANO	PROVÁVEL
22.	CHÁVENA	1650	HITM	COTIDIANO	PROVÁVEL
23.	CHÉ	1898	COUC	COMÉRCIO	PROVÁVEL
24.	CHENO	1534	LETT	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
25.	CHEU	1563	DEC3	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
26.	CHIFANGA	1541	FMPP	POLÍTICO-ADM.	OBSCURA
27.	CHIFU	1542	FMPP	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
28.	CHIN-CHIN	1880	OMAN	POLÍTICO-ADM.	IMPRECISA
29.	CHUCA	1569	TRAC	COTIDIANO	PROVÁVEL
30.	CHUJÊM	1895	JORN	POLÍTICO-ADM.	IMPRECISA
31.	CHUMBIM	1541	FMPP	POLÍTICO-ADM.	IMPRECISA
32.	CHUMPIM	1563	DEC3	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
33.	COLAO	1552	HDCI	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
34.	COLAU	1868	ARCH	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
35.	COMPIM	1534	LETT	POLÍTICO-ADM.	IMPRECISA
36.	COMPU	1605	RELA	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
37.	CONCHUIM	1680	VERG	NAVEGAÇÃO	IMPRECISA
38.	CONQUÃO	1534	LETT	POLÍTICO-ADM.	IMPRECISA
39.	CONTINÃO	1541	FMPP	POLÍTICO-ADM.	OBSCURA
40.	CO-TAU	1679	VERG	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
41.	COXÃO	1554	FMPC	COTIDIANO	PROVÁVEL
42.	CUM-HÓ	1729	COLL	POLÍTICO-ADM.	IMPRECISA
43.	CUNGUE	1866	ARCH	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
44.	CUNQUOM	1729	COLL	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL

Nº	VERBETE	ANO E FONTE		CAMPO SEMÂNTICO	ETIMOLOGIA SUGERIDA POR DALGADO
45.	DÓ	1895	JORN	COTIDIANO	IMPRECISA
46.	FAITIÃO	1870	TSYK	NAVEGAÇÃO	IMPRECISA
47.	FANQUI	1569	TRAC	COTIDIANO	PROVÁVEL
48.	FANTAN	1868	BSGL	COTIDIANO	PROVÁVEL
49.	FÃO	1525	LCDI	COMÉRCIO	PROVÁVEL
50.	FERÚCUA	1542	FMPP	POLÍTICO-ADM.	OBSCURA
51.	FÓ	1687	CEYL	COTIDIANO	PROVÁVEL
52.	FU	1563	DEC3	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
53.	FUIEN	1729	COLL	POLÍTICO-ADM.	IMPRECISA
54.	FUNG-XU	1895	JORN	COTIDIANO	PROVÁVEL
55.	GUIGAVO	1545	FMPP	POLÍTICO-ADM.	OBSCURA
56.	HAI-TAGIM	1756	COLL	POLÍTICO-ADM.	IMPRECISA
57.	HANG-CHIEN	1895	JORN	COTIDIANO	IMPRECISA
58.	HANLIN	1605	RELA	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
59.	HÃO	1855	ANNA	COMÉRCIO	PROVÁVEL
60.	HIEN	1600	HVFX	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
61.	HOPO	1679	VERG	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
62.	IAMEM	1880	OMAN	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
63.	ICHÃO	1563	DEC3	COMÉRCIO	IMPRECISA
64.	IÉ	1668	VERG	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
65.	ILUI (HUI)	1604	HVFX	POLÍTICO-ADM.	IMPRECISA
66.	INCÃO	1554	FMPC	COTIDIANO	PROVÁVEL
67.	ITAU	1552	HDCI	POLÍTICO-ADM.	IMPRECISA
68.	JUNCO	1510	ANTT	NAVEGAÇÃO	IMPRECISA
69.	KING	1679	VERG	COTIDIANO	PROVÁVEL
70.	LABÃO	1552	HDCI	POLÍTICO-ADM.	IMPRECISA
71.	LAMPACHOI	1883	NOOR	COTIDIANO	PROVÁVEL
72.	LANCHAL	1870	TSYK	COTIDIANO	IMPRECISA
73.	LANCHUÊM	1679	VERG	NAVEGAÇÃO	IMPRECISA
74.	LANTEIA	1540	FMPP	NAVEGAÇÃO	PROVÁVEL
75.	LAUIÉ	1729	COLL	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
76.	LAUTIÁ	1542	FMPP	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
77.	LEAM CHUEM	1679	VERG	NAVEGAÇÃO	PROVÁVEL
78.	LECHIA, LICHIA	1541	FMPP	COTIDIANO	PROVÁVEL
79.	LENTOCIM	1534	LETT	POLÍTICO-ADM.	IMPRECISA
80.	LEQUE	1551	FMPP	COTIDIANO	PROVÁVEL
81.	LI [distância]	1563	DEC3	COMÉRCIO	PROVÁVEL
82.	LI [moeda]	1640	IMPE	COMÉRCIO	PROVÁVEL
83.	LI [honorífico]	1679	VERG	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
84.	LIBANCO	1534	LETT	POLÍTICO-ADM.	OBSCURA
85.	LICHIM	1675	ASIA	POLÍTICO-ADM.	OBSCURA
86.	LIM (LIN)	1883	NOOR	POLÍTICO-ADM.	OBSCURA
87.	LIO LIO	1569	TRAC	NAVEGAÇÃO	IMPRECISA
88.	LIPU	1534	LETT	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL

Nº	VERBETE	ANO E FONTE		CAMPO SEMÂNTICO	ETIMOLOGIA SUGERIDA POR DALGADO
89.	LIQUIM	1895	JORN	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
90.	LÓ	1679	VERG	COTIDIANO	PROVÁVEL
91.	LONGANA	1688	VERG	COTIDIANO	PROVÁVEL
92.	LOQUI	1868	ARCH	COTIDIANO	PROVÁVEL
93.	LORCHA	1540	FMPP	NAVEGAÇÃO	OBSCURA
94.	LUMICHUEN	1679	VERG	NAVEGAÇÃO	IMPRECISA
95.	LUTISSE	1569	TRAC	POLÍTICO-ADM.	IMPRECISA
96.	MAFU	1895	JORN	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
97.	MAUZU	1729	COLL	COTIDIANO	PROVÁVEL
98.	MIAU	1551	FMPP	COTIDIANO	PROVÁVEL
99.	MONGUILOTO	1541	FMPP	POLÍTICO-ADM.	OBSCURA
100.	MONTEU	1541	FMPP	POLÍTICO-ADM.	OBSCURA
101.	MUI	1745	TSYK	COTIDIANO	PROVÁVEL
102.	NANQUIM	1906	APOS	COTIDIANO	PROVÁVEL
103.	PACAPIO	1893	NOOR	COTIDIANO	PROVÁVEL
104.	PAÇUM	1729	COLL	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
105.	PAILÓ	1895	JORN	COTIDIANO	PROVÁVEL
106.	PANCHÃO	1842	ANNA	COTIDIANO	PROVÁVEL
107.	PILANGA	1541	FMPP	POLÍTICO-ADM.	OBSCURA
108.	PIO	1534	LETT	POLÍTICO-ADM.	IMPRECISA
109.	PITAU	1541	FMPP	POLÍTICO-ADM.	OBSCURA
110.	POEI-CHIM	1766	COLL	COTIDIANO	PROVÁVEL
111.	PONCHACI	1534	LETT	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
112.	PU [ministério]	1640	IMPE	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
113.	PU [medida]	1563	DEC3	COMÉRCIO	PROVÁVEL
114.	QUENE	1667	TSYK	COMÉRCIO	OBSCURA
115.	QUINCHAI	1569	TRAC	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
116.	SAICI	1665	TSYK	COMÉRCIO	IMPRECISA
117.	SANCHU	1902	TSYK	COTIDIANO	PROVÁVEL
118.	SAPATIÃO	1900	TSYK	NAVEGAÇÃO	IMPRECISA
119.	SIPATÃO	1540	FMPP	POLÍTICO-ADM.	OBSCURA
120.	SIQUÁ	1902	TSYK	COTIDIANO	PROVÁVEL
121.	SISSU, SUÇU	1638	VERG	COTIDIANO	PROVÁVEL
122.	SUNCUN	1722	COLL	POLÍTICO-ADM.	IMPRECISA
123.	SUNTÓ	1667	TSYK	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
124.	TACÓ, TAUCÓ	1760	TSYK	COTIDIANO	PROVÁVEL
125.	TACOÁ	1554	FMPP	POLÍTICO-ADM.	OBSCURA
126.	TAGIN	1667	TSYK	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
127.	TAI	1668	VERG	COTIDIANO	PROVÁVEL
128.	TAIFÓ	1844	TSYK	COTIDIANO	OBSCURA
129.	TAISSU	1569	TRAC	POLÍTICO-ADM.	OBSCURA
130.	TALI	1729	COLL	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
131.	TANCÁ, TANCAR	1858	ARCH	COTIDIANO	PROVÁVEL
132.	TANSU	1540	FMPP	COMÉRCIO	PROVÁVEL

Nº	VERBETE	ANO E FONTE		CAMPO SEMÂNTICO	ETIMOLOGIA SUGERIDA POR DALGADO
133.	TAU [embarcação]	1835	MEMO	NAVEGAÇÃO	OBSCURA
134.	TAU, TAO [religião]	1605	RELA	COTIDIANO	PROVÁVEL
135.	TAUINAREL	1541	FMPP	POLÍTICO-ADM.	OBSCURA
136.	TAULI	1604	CEYL	POLÍTICO-ADM.	OBSCURA
137.	TAUTAI	1727	COLL	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
138.	TIÃO	1669	TSYK	NAVEGAÇÃO	PROVÁVEL
139.	TIAU	1895	JORN	COMÉRCIO	PROVÁVEL
140.	TICO	1534	LETT	POLÍTICO-ADM.	IMPRECISA
141.	TIÉ, TIEZU	1729	COLL	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
142.	TIEN, TIENCHU	1729	COLL	COTIDIANO	PROVÁVEL
143.	TIENZU, TIEZU	1729	COLL	COTIDIANO	OBSCURA
144.	TIN-TIN	1895	JORN	COTIDIANO	OBSCURA
145.	TOCI	1534	LETT	POLÍTICO-ADM.	IMPRECISA
146.	TU	1896	BSGL	NAVEGAÇÃO	OBSCURA
147.	TUIEN	1729	COLL	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
148.	TUQUÃO, TUSSU	1668	VERG	POLÍTICO-ADM.	IMPRECISA
149.	TUTÃO	1534	LETT	POLÍTICO-ADM.	IMPRECISA
150.	TUTIÉ	1678	VERG	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
151.	UFU	1756	COLL	POLÍTICO-ADM.	OBSCURA
152.	UPO	1541	FMPP	POLÍTICO-ADM.	OBSCURA
153.	VAI-SENG	1883	NOOR	COTIDIANO	PROVÁVEL
154.	VANE	1729	COLL	COMÉRCIO	PROVÁVEL
155.	VLÃO	1554	FMPC	POLÍTICO-ADM.	IMPRECISA
156.	XANXU	1605	RELA	POLÍTICO-ADM.	PROVÁVEL
157.	XIPATOM	1540	FMPP	POLÍTICO-ADM.	OBSCURA
158.	XOPA	1534	LETT	COTIDIANO	PROVÁVEL
159.	XU-TAGIM	1756	COLL	POLÍTICO-ADM.	IMPRECISA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSALDO, Umberto. **Contact languages: Ecology and evolution in Asia**. N. York: Cambridge University Press, 2009. 257p.

BATALHA, Graciete N. **Glossário do dialecto macaense**. Macau: ICM, 1988. 336p.

BAUER, Robert S. **Modern Cantonese phonology**. Berlim/N. York: Mouton de Gruyter, 1997. 611p.

_____. *Two 19th Century Missionaries' Contributions to Historical Cantonese Phonology*. **Hong Kong Journal of Applied Linguistics**, v. 10, n. 1, 2005. pp. 21-46.

BAXTER, Alan; SILVA, Patrick. **A dictionary of Kristang**. Canberra: Australian National University, 2004. 174p.

CHAO, Yuen Ren. **A grammar of spoken Chinese**. Pequim: The Commercial Press, 2011. 856p.

CHAPPELL, Hilary; LAN, Li. *Mandarin and other Sinitic languages*. In: CHAN, Sin-wai (Org). **The Routledge encyclopedia of the Chinese language**. Londres/N. York: Routledge, 2016. pp. 605-628.

CHEN, Lilly Lee. *Hanyu pinyin*. In: CHAN, Sin-wai (Org). **The Routledge encyclopedia of the Chinese language**. Londres/N. York: Routledge, 2016. pp. 484-504.

CHEN, Ping. **Modern Chinese: History and sociolinguistics**. Cambridge University Press, 1999. 228p.

CHENG, Siu-pong; TANG, Sze-wing. *Cantonese*. In: CHAN, Sin-wai (Org). **The Routledge encyclopedia of the Chinese language**. Londres/N. York: Routledge, 2016. pp. 18-34.

_____ *Cantonese romanization*. In: CHAN, Sin-wai (Org). **The Routledge encyclopedia of the Chinese language**. Londres/N. York: Routledge, 2016. pp. 35-50.

CHEUNG, Kam-siu. *Lexicography*. In: CHAN, Sin-wai (Org). **The Routledge encyclopedia of the Chinese language**. Londres/N. York: Routledge, 2016. pp. 531-544.

CHUNG, Karen. *Wade-Giles Romanization system*. In: CHAN, Sin-wai (Org). **The Routledge encyclopedia of the Chinese language**. Londres/N. York: Routledge, 2016. pp. 756-776.

COBLIN, W. South. *Tone and Tone Sandhi in Early Qing Guanhua*. **Yuen Ren Society Treasury of Chinese Dialect Data**, v. 2, 1996. pp. 43-57.

_____ *Notes on the sound system of Late Ming Guanhua*. **Monumenta Serica: Journal of Oriental Studies**. Monumenta Serica Institute, v. 45, 1997. pp. 261-307

_____ *Francisco Varo and the sound system of Early Qing Mandarin*. **Journal of the American Oriental Society**. University of Michigan, v. 118, n. 2, abr./jun. 1998. pp. 262-267

_____ *A brief history of Mandarin*. **Journal of the American Oriental Society**. University of Michigan, v. 120, n. 4, out./dez. 2000. pp. 537-552.

_____ *Robert Morrison and the Phonology of Mid-Qing Mandarin*. **Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britain & Ireland**. Cambridge University Press, v. 13, n. 3, nov. 2003. pp. 339-355.

COBLIN, W. South; LEVI, Joseph A. **Francisco Varo's grammar of the Mandarin language (1703)**: An English translation of 'Arte de la lengua mandarina'. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2000. 284p.

CUNHA, Antônio G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010. 744p.

DALGADO, Sebastião R. “Introdução”. In **Dicionário Concani-Português Filológico-Etimológico**. Bombaim: Indu Prakash, 1893. pp. X-XXVI.

_____ **Glossário luso-asiático**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1919-1921. 2v. 1206p.

DEUS, Frei Jacinto de. **Descrição do Império da China: excerto do Vergel de Plantas e Flores**. Hong Kong: De Souza & Ca., 1878, 248p.

DING, Picus S. **Southern Min (Hokkien) as a Migrating Language**. Singapura: Springer, 2016. 109p.

D’INTINO, Raffaella (Org.) **Enformação das cousas da China: textos do século XVI**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1989. 314p.

DUANMU, San. **The phonology of Standard Chinese**. Oxford University Press, 2007, 352p.

DURKIN, Philip. **The Oxford guide to Etymology**. Oxford University Press, 2009, 348p.

HANDEL, Zev. *Historical phonology of Chinese*. In: HUANG, James C. et al. (Org.) **The handbook of Chinese linguistics**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2014. pp. 576-598.

HO, Dah-an. *Chinese dialects*. In: WANG, William; SUN, Chaofen. **The Oxford handbook of Chinese linguistics**. Oxford University Press, 2015. pp. 149-159.

HUANG, Qichen. 麥德樂使華與中葡關係 *Màidèlè shǐ Huá yǔ zhōngpú guānxì* [A embaixada de Metelo à China e as relações sino-portuguesas] In: 《行政》 **Xíngzhèng** [Revista de Administração Pública], vol. 40, nº 11. SAFP, Macau, 1998. pp. 513-520.

HUCKER, Charles. **A Dictionary of Official Titles in Imperial China**. Stanford University Press, 1985. 676p.

JIN, Guoping; WU, Zhiliang. (Org.), **Correspondência oficial trocada entre as autoridades de Cantão e os procuradores do Senado: Fundo das chapas sínicas em português (1749 – 1847)**. Fundação Macau, 2000. 8v.

JONES, Russell. (Org.) **Loan-words in Indonesian and Malay**. Compiled by the Indonesian Etymological Project. Koninklijk Instituut voor Taal-, Land- en Volkenkunde, KITLV Press, Jakarta 2008. 360p.

KURPASKA, Maria. **Chinese Language(s): A Look Through the Prism of “The Great Dictionary of Modern Chinese Dialects”**. Berlin/N. York: Mouton de Gruyter, 2010. 276p.

LIN, Hua. *Phonetics and Phonology*, in: **A grammar of Mandarin Chinese**. Lincom Europa, 2001. pp. 23-51

LOUREIRO, Rui M. “Glossário Geral”, in *Antologia Documental: Visões da China na Literatura Ibérica dos Séculos XVI e XVII*, in **Revista de Cultura**, Macau, Abril-Junho 1997, pp. 205-209. Disponível em: www.icm.gov.mo/rc/viewer/30031/1929 (português) e <http://www.icm.gov.mo/rc/viewer/10031/560> (chinês). Último acesso em 16.09.2020.

LUO, Yanfa 澳門粵語音系的歷史變遷及其成因 *Àomén yuèyǔ yīnxì de lìshǐ biànciān jí qí chéngyīn* [Mudanças históricas na fonologia da língua Yue de Macau e suas causas]. Tese de doutorado. Universidade de Pequim, 2013. 297p. Disponível em https://www.sohu.com/a/207658709_488532 (chinês). Último acesso em 25.09.2020.

MACHADO, Everton. *Sebastião Rodolfo Dalgado*. In: PINTO, Marta. P. (Org.) **A participação portuguesa nos congressos internacionais de orientistas (1873-1973). Textos e contextos**. Braga: Edições Húmus, 2019. pp. 587-608

NIMER, Miguel. **Influências orientais na língua portuguesa**. São Paulo: Edusp, 2005. 664p.

NORMAN, Jerry. **Chinese**. New York: Cambridge University Press, 1988. 292p.

OLIVEIRA, Francisco. M. **A construção do conhecimento europeu sobre a China, c. 1500 - c. 1630**. Dissertação de mestrado. Universitat Autònoma de Barcelona, 2003. <http://hdl.handle.net/10803/4951>

PEYRAUBE, Alain. *Ancient Chinese*. In: CHAN, Sin-wai (Org). **The Routledge encyclopedia of the Chinese language**. Londres/N. York: Routledge, 2016. pp. 1-17

PINTO, Paulo Jorge S. *Traços da presença chinesa em Malaca (Século XVI a 1ª metade do Século XVII)*. In: ALVES, Jorge Manuel S. (Org). **Portugal e a China: Conferências nos encontros de História Luso-Chinesa**. Lisboa: Fundação Oriente, 2000. pp. 133-146

_____ Malaca, Manila e Batávia. *Os chineses ultramarinos no contexto dos impérios europeus na Ásia do Sueste (Séculos XVI-XVII)*. In: LOBATO, Manuel; MANSO, Maria de Deus (Org). **Mestiçagens e identidades intercontinentais nos espaços lusófonos**. Braga: NICPRI, 2013. pp. 91-108

_____ *A oriente de Malaca: A China Ming e a estratégia global de Afonso de Albuquerque*. In: SOARES, Luís C.; MAIA, José S. (Org). **Memórias 2015**. Lisboa: Academia de Marinha, 2016. pp. 243-256

PULLEYBLANK, Edwin. G. **A lexicon of reconstructed pronunciation in Early Middle Chinese, Late Middle Chinese and Early Mandarin**. Vancouver: University of British Columbia Press, 1991. 488p.

_____ **Middle Chinese: a study in phonological history**. Vancouver: University of British Columbia Press, 1984. 268p.

RAMSEY, S. Robert. **The languages of China**. Princeton University Press, 1989. 644p.

SHEN, Zhongwei. **A phonological history of Chinese**. Cambridge University Press. 2020. 404p.

SHI, Dingxu. *Mandarin*. In: CHAN, Sin-wai (Org). **The Routledge encyclopedia of the Chinese language**. Londres/N. York: Routledge, 2016. pp. 579-604

SOARES, Anthony X. *A sketch of the author's life*. In DALGADO, S. R. **Portuguese vocables in Asiatic Languages**. Baroda: Oriental Institute, 1936. 520 p.

THOMAZ, Luís F. *As competências lingüísticas de Fernão Mendes Pinto e o seu uso do malaio* in: **Biblos**, Revista da Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, VII, 2009. pp. 295-322.

VIARO, Mario E. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011. 330p.

VIARO, Mario E.; BIZZOCCHI, Aldo L. *Proposta de novos conceitos e uma nova notação na formulação de proposições e discussões etimológicas*. **Alfa, rev. linguíst. (São José Rio Preto)**. São Paulo, v. 60, n. 3, dez/2016. pp. 579-601

WANG, Mingyu. 罗明坚、利玛窦《葡汉辞典》词汇问题举隅 *Luō Míngjiān, Lì Mǎdòu "Pú-Hàn Cídiǎn" cíhuì wèntí jǔyú* [Algumas questões no vocabulário do “Dicionário Português-Chinês” de Michele Ruggieri e Matteo Ricci] in: *Academic Journal of LIYUN (Language)*. Pequim: Beijing Normal University. 2014, vol. 1, pp. 138-150.

YIP, Po-ching. **Chinese lexicon: a comprehensive survey**. London: Routledge, 2000. 392p.

YULE, Henry; BURNELL, Arthur C. **Hobson-Jobson, being a Glossary of Anglo-Indian colloquial words and phrases**. London, 1866. 2^a. ed. William Croke, 1908.

ZHANG, Ying et al. **Chinese-English Dictionary of Ming Government Official Titles**. University of California – Irvine. 2018. 219p.

DICIONÁRIOS:

DeFRANCIS, John. **ABC Chinese-English dictionary**. Hawaii University Press, 2003. edição eletrônica.

GILES, Herbert. A. **A Chinese-English dictionary**. 2^a ed. Londres, 1912.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Edição eletrônica. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LIANG, Shiqiu. (Org.) 远东汉英达大词典 **Far East Chinese-English dictionary**. Pequim: Xinhua / Yuan Dong, 1995.

MORRISON, Robert. **A dictionary of the Chinese Language**. Macau: East India Co. Press, 1819. Disponível em: <http://mdz-nbn-resolving.de/urn:nbn:de:bvb:12-bsb10522393-7>

INSTITUT RICCI. 利氏漢法辭典 **Grand Dictionnaire Ricci de la Langue Chinoise**. Paris: Desclée de Bouver, 2001. 8v.

MoE. 萌典 **Meng Dian**. Dicionário de chinês mandarim, minnan e hakka. Ministério da Educação, Taiwan. Disponível em <https://www.moedict.tw/>. Último acesso em: 20.08.2020